A MEDITAÇÃO.

AUTHOR

JOSE AGOSTINHO DE MACEDO.

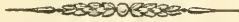
Me, me adsum qui feci, in me convertite ferrum.
Virg. Liv. 8. Eneid.

TERCEIRA EDICÇÃO

PORTO:
TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO;
Rua d'Almada n.º 388.
1854.

A MEDITAÇÃO.

AUTHOR

JOSE' AGOSTINHO DE MACEDO.

Me, me adsum qui feci, in me convertite ferrum.
VIRG. LIV. 8. ENEID.

PORTO:
TYP. DE FRANCISCO PEREIRA D'AZEVEDO;
Rua d'Almada n.º 388.
1854.

Mandado imprimir por *Francisco Pereira de Azevedo.*

A MEDITAÇÃO,

POEMA.

CANTO I.

QUem sou eu? Onde estou? De quem procedo?
Eis o brado que escuto, a voz que sôa
Dentro em minha alma extática, se immerso
Na sombra augusta, que me involve, e fecha,
O vôo altivo solto á fantasia,
Em estro divinal decorro o Espaço
Da indefinita habitação dos Seres,
Buscando ancioso o Artifice supremo,
Que em suas producções se deixa impresso,
Sempre escondido, e descuberto sempre.

Do luminar diurno, então lançaste
No interminavel éther os Planetas,
Que em torno delle com perpetuo gyro
No campo azul do Ceo rodar contemplo.
Tu só da muda noite os véos sombrios
Recamaste de lucidas safiras.
Tu no seio das nuvens tenebrosas
Estendeste o listão raiado, e bello,
Nuncio da tua paz; e a Natureza
Pinta a meus olhos nelle as cores todas:
Pregão do teu amor, depois que o Globo,
Da tua dextra ao poderoso abálo,
Do mar cuberto, se descobre, e pousa.
Na primeira manhã nos Ceos a Aurora
Fizeste despontar; trouxe, e conserva
Inda lyrios nas mãos, nas faces rosas.
Duros penhascos, agras serranîas
A hum teu surriso subito se animão,
O musgo os veste, as flores as matizão;
E brados são da magestade tua
Soberbos Andes, que se antolhão bases
Da abobada dos Ceos, cuja espantosa
Cima ignora o trovão, e ignora o raio;
Por toda a parte em variante aspecto
Mostra os vestigios de teu passo a Terra.
Onde, ó luz Immortal, não vive, e brilha

Teu raio avivador? Na juba hirsuta
Do generoso Despota das Feras
Bem te descobre o tórrido Africano.
No mosqueádo dorso indoceis Tigres
Sinaes daquella formosura ostentão,
Com que enfeitasse a Natureza inteira.
Onde não brilhas Tu? Se as procellosas,
Negras nuvens rasgadas, se os ardentes,
De huma sulfurea luz, fulmineos trilhos,
Que com vapor electrico espedação
O tenebroso véo, são teus vestigios,
Em tua dextra omnipotente as armas?
Tu mesmo, ó Ser eterno, em mim te mostras;
Quantas Tu crias na minh'Alma idéas!
Por Ti tem força humano entendimento,
Tu lhe dás impulsão; e ella te agrada,
Quando a Ti me dirige, a Ti me eleva,
Quando contemplo a Immensidade Tua,
Ineffavel poder, e essencia eterna,
Invariaveis Leis, que huma vez déste
A' maquina do Mundo, e inda conserva!
Nada posso sem ti; eu teus prodigios,
De estranha Lyra tacteando as cordas,
Ajustando-lhe sons té agora ignótos
Aos illusos mortaes, publico ao Mundo.
De toda a parte humana insipiencia

Me rouba objectos mil, que os que me cercão
Indefinitos horizontes guardão.
Tu rasga, Tu dissipa as sombras densas,
Que são do entendimento a herança infausta.
Tu de meu vôo os impetos dirige,
Vou contemplar da Natureza o quadro.
Oh! Soberano Arquitector de tudo,
São Tuas as canções, que Tu me inspiras;
Sejão dignas de Ti, e eternas sejão.

Existo; mas quem sou? Brado continuo
He este de huma voz, que eu n'alma sinto:
Fito em mim mesmo attónito meus olhos,
Todo o meu ser em si se immerge, e pensa;
Rompe hum clamor universal silencio,
E me diz que sou corpo organisado,
E hum de infinitos animaes, que a Terra
Mui carinhosa mãi produz, e nutre:
Como elles nasço, e vivo, e cresço, e morro;
Como elles sinto a dor, sinto os prazeres;
São meus iguaes nas sensações corporeas;
Em todos vejo identicos sentidos;
Existe em todos maquinal instincto,
Que em varias gradações se eléva, ou desce
Desde o vasto Elefante ao vérme ignóto.
A vigilia tenaz me cança, e prostra;
A fadiga aturada enerva às forças,

Exhaustas forças me restáura o sôno.
Hei mister respirar nos livres áres,
Obra do Eterno, fluido pasmoso!
Nenhum Homem, nem Arvore, nem Bruto,
Nenhum composto organico, e vivente,
A vida pode conservar no vácuo.
E sem almo calor, que a Natureza
Em toda a parte accende, em toda espalha,
Nenhum, nenhum dos animaes existe.
Do mar no escuro, no profundo seio
Prende o calor vital, e anima os Entes
Do vasto abysmo mudos habitantes.
D'agua, e terra tambem, que em mim renovão
Quanto em segredo incognito, e profundo,
Consumidor principio acaba, e gasta,
Para viver como animal preciso.
Mas que pasmosa architectura he esta
Deste corpo, que eu palpo, eu sinto? A frente,
Qual soberana, lhe preside, e manda!
Quanto me assombrão scintilantes olhos,
Que della, quaes dois sóes, despedem luzes!
São mudos, mas interpretes facundos;
Lenços, onde as paixões vivas se pintão!
Nelles se exprime a Natureza, e falla!
Mostra-se o crime, mostra-se a virtude;
Alli vem d'alma os intimos arcanos!

Nelles se vê Caligula, e Antonino;
Nelles descubro Bonaparte, ou Tito;
Cesar mostra ambição, Pompeo Grandeza,
Scipião mostra a Patria, e Sylla a morte;
Virgilio hum Nume, Tacito prodigios.
Tòrvos, se o odio ou raiva, o peito inflamma;
Serenos, se o prazer hum doce, e meigo
Orvalhado fulgor nelles entorna:
A tristeza, o pezar, os turva, os fecha;
Se teme o coração, com elle temem;
A compaixão de lagrimas os banha;
Prende nelles de Amor o fogo, a chamma,
Na saudosa formozura morrem,
Na satisfeita formozura vivem;
Se geme o coração, tambem suspirão;
Quaes vivos astros, que do eclipse emergem,
Da sombra da tristeza ás luzes passão
Do, raro entre os mortaes, prazer ingenuo.
Que tecido de tunicas pasmoso!
Que lentes subtillissimas, por onde
(De todo a Newton descuberto arcano!)
Ao centro d'alma a luz leva as especies,
Que do vasto espectáculo do Mundo
(Simulacros incognitos) s'espalhão!
As brandas faces... portentoso quadro,
Que em timida Donzella a Natureza

De leite, e rosas fez, nos mostra o pejo
Na purpura, que mais se accende, e aviva;
Imagem da innocencia, e da virtude,
Que na terra ficou depois do crime.
Vespertino crepusculo dest'arte
Nos diz que o Sol nos mares s'escondera!
A cartilagem firme, que no centro
Do rosto se divisa, a vital aura
Com compassada aspiração recebe,
Ao fundo peito vai; do peito torna,
Té que em final expiração se acabe.
Hum sopro forma a vida, hum sopro a finda!
A boca, igual prodigio! orgão primeiro,
Onde recebe a máquina o sustento,
Onde se forma a voz, que exalta o homem,
Canal pasmoso dos conceitos d'alma!
Hum coração de elastica substancia
(Singular estructura!) o sangue acolhe:
Em systole, em dyastole se agita;
E com perenne pulsação n'arteria
Continuo o lança; serpeando corre
Com elle a vida pelas fundas vêas:
Assim rios caudaes correm dos montes,
Gyrão nos poros da fecunda terra,
Levando ás plantas vegetal sustancia.
Ou móto, ou fogo, os alimentos cóze,

Que dão vigor á maquina vivente.
Nas fatigadas azas do trabalho
Do corpo a força elastica se perde;
Pelo sustento se produz, e torna.
Massa subtil, e frágil, e esponjosa
Do ar, que se introduz, s'enche, e diláta,
E logo comprimida o ar transmitte.
Continua undulação, continuo móto!
Quando tu páras, Atropos de todo
Corta o precario miseravel fio,
De que he pendente a duração da vida.
De sublimes funcções orgão profundo!
De suas fibras o subtil composto
Do incansavel Harvey s'esconde á lente;
E Willis nada pode: ignoto o deixa
De Spalanzani o porfiado estudo,
Que, os véos rasgando á sabia Natureza,
Da animal geração deo luz á sombra.
Desta substancia incógnita se alonga
A vária têa dos sensiveis nervos,
Que, mensageiros rapidos, n'hum ponto
Levão ao centro d'alma a idéa, a imagem
Dos externos objectos... Talvez nelles
Das sensações reminiscencia exista!
Profundo abysmo, e cego labyrintho,
Impenetraveis sombras de quem foge

Celeste dom da Poesia! Ah! Nunca
Nas trevas Methafisicas s'entranha!
Do pó da Escola as Graças se intimidão;
Cahem das mãos os pinceis; pára assustada
Dos systemas no Imperio a Fantasia;
Neste Imperio não seu, e onde não póde
Beber os doces hálitos das Rosas.
Dentro do corpo férvidos combatem
Inimigos crueis em lide horrenda;
Os alimentos armas lhes ministrão,
Unísonos na voz, que chama a morte.
E acaso entre o fragor d'armas, e guerra,
Podem os nossos fugitivos dias
Descrever longo circulo, evitando
Cachópos, e parceis, que as ondas bórdão
Do procelloso mar da humana vida?
Tu, Soberano Artifice, só pódes
Sustêr, dar móto ao barro organisado,
Sem que o ligeiro assopro da existencia
Nascendo se dissipe, e desvaneça!
Mas a estructura, a força, o officio, o termo,
Nesta, que eu vejo, máquina corpórea,
Quando se forma, e vive, e quando acaba,
He nos seres organicos o mesmo.
Vivem os animaes, e as plantas vivem;
Sobre esta terra estão, nella se escondem.

Em successão continua os Entes passão;
Entre esta lei commum, eu posso acaso
Ter outra, álem de túmulo, existencia
(Onde a morte não chegue) eterna, e firme?
E não vejo cahir na sepultura,
Vasto Imperio das cinzas, e das sombras,
A cada instante os miseraveis entes,
Quaes do robusto segador á foice
Cahem no campo as palidas espigas?
Pósso; que nesta habitação terrena
Existe, e móra simplice substancia
Incorporea, immortal: assim do Eterno
O quiz a immobil lei: silencio, ó Musa,
Tu não penetras a enrolada nuvem,
A occulta ligação, que prende occulta
A simplice substancia á terrea massa;
De huma e outra a reciproca harmonia,
Mistura de concordia, e de tumulto,
Continuada paz, perpetua guerra,
Impérvia sempre o humano entendimento:
A razão neste pélago se engolfa;
Qual sem a douta Bússola o Piloto
Entre cerrado escuro nevoeiro,
Que tolhe a vista da Polar Estrella,
Pelos mares Austraes s'entranha, e perde.
Escuto, sinto a lei, e o mais ignóro.

Desta união mysteriosa nasce
Pasmoso hum *Todo* harmonico, perfeito.
Alternativas sensações se passão
De huma em outra substancia, e sempre ignóto
Fica o canal. Que hypotheses profundas
A clamorosa Escóla inventa, e fórma,
Que mais e mais o pensamento enleião!
No mystico Platão só palpo a sombra;
Inda que tu, restaurador sublime
Da eclipsada sciencia, ó Grão Ficino,
Do Decimo Leão Mestre, e modello,
Tanta Luz Filosofica espalhasses
Nestes do Genio extaticos delirios,
Que então Grecia ignorou, e eu hoje ignóro.
Nos labyrinthos teus me perca, ó Locke,
Inda que beije as paginas divinas
De teu Livro immortal! Essa Harmonia
Do profundo Filosofo Germano,
Que do humano Saber tocára as metas,
Rival de Clarke, e émulo de Newton,
Nada diz á Razão, dizendo tudo
A' sempre vaga acceza fantasia.
Nem a Eloquencia tua, e teu compasso,
O' sempre abstracto Mallebranche, podem
Densa treva romper, qu'envolve o arcano.
Soltar não devo temerarias azas

Por este espaço incógnito aos humanos :
Não he dado ao mortal subir tão alto ;
Errar he seu destino , herança he sua ,
De hum criminoso Pai legado infausto !
Elle o facho extinguio , que a Natureza
Aos innocentes olhos descobria.
Ella então se occultou , deixando muito
Dentro da sua magestade envolto ;
Se he dos olhos prazer , supplicio he d'alma
O Quadro augusto de prodigios tantos.
Só deixa o Sol que os olhos lhe fitemos ,
Quando opáco no eclipse o disco mostra.
Tal he da humana Natureza a sorte ,
Depois da perda de innocencia antiga !
Como , não sei , não sei, mas incorporea
Substancia existe em mim ; della procede
O pensamento rápido , que abrange
N'hum fugitivo instante os Ceos̃ , e a Terra ;
Que , oppostos em diametro , combina
Objectos mil contrarios : e de balde
Fragil mortal lhe encara a natureza ,
A si mesmo se ignóra em quanto existe
Nos véos fechada do corporeo alvergue.
Sei que he substancia simplice minh'alma ,
Indestructivel , immortal ; mais nada.
Pascal ao lado seu descobre hu' abysmo ;

Tambem se me descobre, e absorto sempre
Aguardo hora fatal, nella a verdade.
Existe além do tumulo a sciencia,
Quando, arrombado o carcere sombrio,
Eu vá de Ceos em Ceos, d'astros em astros,
No Eterno tudo ver, gozar do Eterno.
A herança do Filosofo he só esta;
Em minha alma immortal depositada,
Ao vulgo ignáro ignoto, aos Reis, ao Mundo,
Grande na vida sou, maior na morte.
Agoa me basta, e pão, e alheio ao crime,
Julgo o maior de todos a lisonja.
A mão do Eterno assignalou limites
Do nosso entendimento á força, ás luzes:
Bem como á furia das cruzadas ondas
Hum grilhão quiz lançar na molle aréa.
Ronca enrolado o tumido Oceano,
Arquea-se espumante, e apenas bate
Fragil barreira assignalada, foge.
Esta minha substancia etherea, e pura
Do corpo sente as rispidas cadêas,
O ferreo imperio dos sentidos soffre:
Liga-se ao jugo, ás leis do sentimento.
O vasto campo das paixões he ella,
Ou della nascem successivamente;
Ora a toca o prazer, outr'ora a mágoa;

Ora se abate na tristeza, e logo
Se eleva na ambição, arde em vingança,
De amor beija a cadêa, e a rompe em ódio;
Sem esta undulação, sem este embate,
Com que indolencia arruinar veria,
Ou aluir-se o carcere corporeo!
Soffro a pungente dor, e então cuidoso
O busco conservar, e á dor me esquivo:
Logo após o prazer corro anhelante,
E adóço o tedio da prizão soturna.
O' doce amor das Artes, das Sciencias,
Que eu das Musas na voz publico ao Mundo,
Como viver sem ti?... Então da vida
Nas estradas sómente achára abrolhos!
Mas se os duros grilhões do corpo arrastro,
Tambem lhe imponho as leis; livre vontade
Nunca, se quer, obstaculos encontra.
Da guerra das paixões desarmo a furia;
Dos precipicios, se me apraz, me tiro;
Posso enfrear os férvidos desejos,
Posso dar tudo á natural virtude,
Tudo negar ao revoltoso crime.

Qual sobre o mar azul sabio Piloto,
Que pelos vastos Ceos alonga a vista,
E immovel marca o frigido Boótes,
Dirigindo o timão com braço experto,

E por entre escarcéos de vagas negras
Levando a salvo o lenho fluctuante,
Inda que o solto vento os ares tolde,
E as nuvens rasgue o raio estrepitoso,
E ás nuvens refervendo as ondas subão,
E abertas deixem ver o escuro abysmo;
De amotinados furacões affronta
As iras, e o furor; e a Náo triunfante
Vai demandar segura o porto amigo:
Tal da minha alma foi o Imperio, e throno;
Assim da eterna mão sahio perfeito
O primeiro mortal: seu Reino e Sceptro,
Que momentanea duração tiverão!
    Musa, da eterna fonte as agoas toma,
Não te corras em extases sublimes
De deixar por Moysés quantos d'Athenas
Os magestosos Porticos honrárão,
Quantos na idade das soberbas luzes,
Ao despontar da Aurora, ouvira o Arno,
Quando Gregos Filosofos profundos,
Do Scyta assolador fugindo ás furias,
Lhe expunhão Aristoteles, ou quantos
Depois de Verulamio ouvira o Tâmes,
Ou depois de Renato ouvira o Sêna.
    Ergue o mortal sacrilego, sem pejo,
O braço rebellado ao Pomo infausto;

Colheo, tragou, e subito de bronze
Se fez o claro Ceo, se armou de raios;
E logo, ingrata dos mortaes á lida,
Com mesquinha escacez produz a terra.
O laço se affrouxou dos elementos;
Gérou-se o raio, das pezadas nuvens
Com medonho estampido a vez primeira
A cima espedaçou d'altas montanhas.
Sahio dos fundos carceres a Morte,
Quebrou da ferrea porta os diamantinos
Eternos gonzos; pelo Mundo as azas
Negras, medonhas, estendeo n'hum ponto
Horrendo espectro, sobrestante aos Entes.
Seu Reino tudo foi, e escravos todos;
Deo-lhe este Imperio o Crime, e espavorida
A' sua vista a tímida Innocencia,
Co' a Justiça incorrupta, aos Astros foge.
Turba funesta de remorsos vôa,
De par em par s'abrio do Inferno a porta,
Sanguineo açoite, sibilantes cobras
Nas frentes, e nas mãos de Estygias Furias,
Pelo assustado Mundo, estalla, e silvão.
Do proprio crime a victima primeira
Dos homens foi o Pai; por desatino
Foi escravo do mal, foi delle a causa:
Do cume da ventura ao centro escuro

Da tristeza, e da dôr, rodou n'hum ponto,
Qual das montanhas da nimbosa Helvecia,
Cahe penhasco arrancado, e no profundo
Valle, atroando os Ceos, se precipita.
Em sempiterno eclipse a formosura
Da Natureza entrou, mudou-se em sombra
A luz, que outr'ora o rosto lhe banhava;
E do mortal no combatido peito
Se accendeo das paixões a guerra insana:
Cercou-lhe o coração falange armada,
Liberdade, e razão sem força cedem;
E o claro entendimento annuviando,
Da escravidão se apraz, seus ferros beija.
O proprio amor desordenado, e cego,
Dos males todos fonte envenenada,
No coração firmou seu ferreo throno,
A multidão de indómitos caprichos
A Corte atroz do Déspota formárão;
Sobre a luz da razão seus véos desdobra;
Fantasmas vãos, verdades se lhe antólhão;
Abraça illuso imagens da ventura;
Novo Ixião da Fabula, procura
Divindades tocar, e abraça nuvens.
Clama, que sobe ao Templo da Memoria
Na fortuna das armas, e ensaiando
O cego peito á rabida carnagem,

Faz raios do Universo o Corso, ou Cesar;
Delirante Alexandre estreitos julga
Os limites do Mundo, e lhe parece
Muito apertado o circulo da Terra;
Como cativo em carcere se ancêa;
Inda reputa numero pequeno
De seus escravos os humanos todos:
Assim lhe tapa os olhos, e lhe entorna
No peito a embriaguez de gloria, e nome,
A' franqueza mortal dobrando as forças.
    Surge outra Furia lúgubre, e funesta,
Tyranno Amor, que em vergonhosos cepos
Mette escrava a razão, e ao carro atados
Leva em cadéas vís Seneca, e Zeno,
O velho curvo, o flórido mancebo.
Eis sahe de infernal carcere o Ciume,
Qual venenosa Vibora, e retalha
O mortal coração, e alli se nutre
De suspeitas fantasticas, que fórma.
Rompem do Abysmo escuro as Furias todas,
Odio, Cobiça, sordido Interesse;
Dos vicios o mais feio a torpe inveja,
A quem o mal apraz, e o bem desgosta;
(He seu sustento o livido veneno,
As armas só depõe, repousa hum pouco
Quando a virtude, e o Merito se esconde

Nas sombras sepulcraes : no altar da Morte
Dessangrou ella a victima primeira ;
Ao mal-seguro tímido Valido
Por entre nuvens d'ouro , e de escarlata ,
Lhe faz ver seus rivaes ; a dura espada
Do vingativo atroz sustem na dextra ,
Grita que he lei vingar-se , e que he virtude
Das almas nobres a vingança, seja
Embora a affronta vã , supposto o ultraje.)
Foi destes feros hórridos Tyrannos
Ludibrio o coração ; mesquinho escravo ,
O duro Imperio soffre, o sceptro beija ;
Da crua guerra he victima , e theatro ;
Frente a frente comsigo entra em combate.
Se intenta o jugo sacudir , recrescem
Os duros batalhões , quaes se amontôão
No vasto , e fundo mar tumidas ondas ,
Quando nos ares os tufões pelêjão.
He delles quasi sempre o louro , a palma.
O mesmo coração seus duros ferros
Por cúmulo de horror , cativo abraça.
Só da mão do mortal são obra os males ,
Que tão crueis no Mundo o throno alçárão ;
Outra fonte não tem mais do qu' a culpa :
Não são da eterna , sabia Economia,
Que , equilibrando os bens com elles , fórma

Dos Mundos o systema a nós ignóto.
Dos possiveis o optimo he só este,
Como cantaste, ó Pope? Eia! Não louvo
Teus erros methafysicos, desculpa;
Verdade póde mais que amor das Musas;
Tambem seus dons á Sapiencia ajusto,
E ponho ao lado meu Filosofia,
Se o labio chego ás ondas de Hippocrene,
Que intactas a Pintor da Natureza
Desd' aureos dias de Lucrecio eu vejo.
  Da culpa he primogenita a ignorancia,
Délla rompêrão carregadas sombras,
Que os claros horizontes enluctárão
Da Razão, que no berço em luz nascêra:
Qual dos corruptos pantanos s'eleva
Exhalação menfitica, que abafa,
E que embacía o Sol, toldando os ares;
O Rei da creação, tu foste, ó Homem;
Ficaste escravo em carcere profundo:
A doce habitação do Eden viçoso,
Ond' hum instante só tiveste o solio,
Perdeste para sempre; errante, e triste,
Tu foste ser habitador dos bosques,
Dando o suor, e lagrimas á terra,
Que indocil a teu braço entre os abrólhos
Te dava apenas misero sustento,

Que disputaste ás féras rebelladas ;
Fugio-te qual relampago a ventura,
Qual eféмera flor , que brota , e murcha :
Assim vemos nascer na Primavera
Resplandecente o Sol , risonho o dia ,
Que subito negrume em nuvem densa
Aos olhos rouba a luz , e a paz aos ares ;
Tal o Destino do mortal primeiro;
Nascendo vio a luz serena , e pura ;
Raiar a vio.... esvaecer-se logo ;
Houve entre o berço , e tumulo hum só dia.
E tanto pôde em nós seu erro , e crime ,
Que temos por herança o mal , e a morte:
Para nós foi desterro o qu'era patria ;
A hum dia d'ouro seculos de ferro
Se virão succeder ; fechada noite ,
Profunda escuridão , pousou na Terra ;
De mistura co' as brutas alimárias ,
O Rei da creação nos bosques vive.
Estado insocial , embora acclame
Teus falsos bens , quimerica igualdade ,
O sabio hypocondriaco eloquente ,
Que a sciencia combate , e a vida emprégа
Das Artes todas no profundo estudo ,
Que os homens aborrece , e os homens busca ,
Que adora a solidão , martyr da gloria ,

E Timão só quer ser, sendo Aristippo.
Se elle comigo pela marge' immensa
Do Amazonas medonho os homens vira
Humanos na figura, em trato féras,
Nús sem cultura, barbaros sem patria,
Então chamára á liberdade sua
Mais penosa que o carcere, e que os ferros,
E só menos cruel, que o jugo injusto,
Que esses, qu'elle illustrou, cobardes soffrem. (1)
Pelos vastos sertões sem lares gyrão,
Qual Onça insocial; só pasto buscão,
Nos lacerados membros palpitantes
De seus mesmos iguaes (e, de assustada,
Doce mãi Natureza os olhos tapa)
A crua fome, e a gula ávida cévão.
Nelles he morta a luz do entendimento,
Contra a injuria do ar lhe ensina apenas,
Qual brada ás fera maquinal instincto,
A mal vestir enregelados membros
De hirsutas pelles de animaes, que matão.

(1) Conserva-se nesta edição tudo o que não pareceu necessario mudar ou accrescentar á primeira; por isso aqui se acha o que então se referia ao tyrannico e usurpado Governo de Bonaparte. O 2.º e 3.º Cantos não levão mudança alguma.

Gente errante, infeliz, não sente apego
A' terra, em que nasceo; repousa, e dorme;
Onde a seus olhos lhe fenéce o dia;
Lança-se em Terra, a languida cabeça
A hum tronco, quasi hum tronco, encosta, e dorme.
Se o Sol surgindo as pálpebras lhe toca,
Frouxo, indolente o barbaro desperta.
Ora hum Tigre veloz o despedaça,
Ora co' a hervada frecha vara hum Tigre;
Co' a mosqueada pelle os membros cobre,
Se o frio agudo os membros lhe retalha;
Sente o calor? indifferente a deixa;
Não se ouve hum pranto, lagrimas não correm,
(Feudo que á morte a Natureza paga)
Se no bocejo extremo a vida foge.
O cadaver esqualido na terra
Jaz, ou no ventre da medonha Hyêna;
Nenhuma pia mão seus olhos fecha,
Nenhuma bocca os ultimos suspiros
Lhe toma, e lhe conserva: assim nos bosques
Viveo por muitos seculos o homem;
Assim vive o Tapuia errante agora
Pelos serões da America opulenta;
Elle o primeiro annel d'inda não finda,
Para o perfeito, progressão dos Entes;
Tem limites no bruto o instincto, e nunca

Dos homens a razão pára n'hum ponto !
 Deste barbaro estado a raça humana
Foi dando passos vagarosamente
A estado social; barbara usança
Em costumes mais doces se transforma ,
Laço moral os homens presentirão ;
Co' as mutuas precisões a força unida ,
Rebate as furias de aggressor injusto ;
Este o primeiro original ensaio
De hum pacto social ; da lei primeira ,
Clara expressão de universal vontade ,
Que de todos ao bem sujeita todos ;
Que de humanas mãos, ou, se lhe apraz , de muitos
Depositára executiva força.
Eis a fonte das leis , do Imperio a origem ;
E nada mais teus calculos nos dizem
Em aureo estýlo , Misanthrópo illustre ,
Pintor illuso do mortal que ignoras ,
Pois ás brenhas da America não foste
Ver do contrato social a origem.
Foi só obra dos seculos. E quantos ,
Quantos houve mister, para que as luzes
Reconcentradas n'alma s'evadissem !
(N'alma as amortecêra a mão do Crime ,
Em grosseira ignorancia o homem tendo.)
Porém , qual fogo ardente , ou chamma activa ,

Que nos veios reconditos da pedra
Occulta jaz, mas subito scintilla
Do rijo ferro ao golpe repetido;
Tal da humana razão o ethéreo Lume
Permaneceo por seculos sem brilho;
Mas era em fim razão, bem como he fogo
O sol inda que envolto em pardas nuvens;
Do tempo a immensa successão de todo
As sombras desterrou, e a Natureza
Com grande esforço os ferros despedaça.
Passa o homem do bosque á sociedade;
As precisões reciprocas soccorro
Pedirão aos mortaes, e occulta força
Irresistivel sympathia os laços
Da ventura commum com leis aperta;
E já, não rude habitador das brenhas,
Nem surdo á voz da Natureza, o homem
Sente do imperio paternal o jugo
Incognito até'lli, pois se dos peitos,
E braços maternaes se desprendia,
Findava a dependencia, amor findava,
Hia ao longe buscar pasto, e guarida.
    Foi da excelsa razão primeiro ensaio
A affeição paternal, e a lei primeira;
E na mesma caverna o Esposo, a Esposa
(Dulcissima união!) co' os tenros filhos

Da humana sociedade a idéa mostrão.
Do Imperio, ou Reino o Archétypo foi este.
A industria natural se desenvolve;
De seccas folhas, de quebrados troncos
A primeira choupana ao ar se eleva;
Das brandas aves o mimoso ninho,
Das feras o covil foi seu modelo;
Contemplando o Castor industrioso
Dos largos rios nas virentes margens
Formando habitação, ergue a morada,
E aperfeiçoa mais, commodo alvergue;
Das ferteis plantas espontaneos fructos,
Olhando ao perto a próvida Formiga,
Para a quadra opportuna ajunta, e guarda.
Salve, primeiro braço, que intentaste
Rasgar o seio da fecunda terra!
Obedeceo-te a Natureza, e véste,
A teu aceno formosura estranha.
A tão nobre suor agradecida,
Do maternal regaço entorna em ondas
Seus fructos, e seus dons, que os votos enchem
Do já não fero agricultor primeiro.
Salvo, feliz mortal, tu só de Estatuas,
Tu foste digno só de nome, e fama:
Chame-te Osiris fabuloso Egypto,
Ou Triptolémo a Grecia aduladora;

Fosses quem fosses tu, digno és por certo
Do respeito dos seculos, mais qu'esses,
Que fizerão gemer, curvar co' o pezo
De Imperios vastos a mesquinha Terra!
    Por degráos mais, e mais a industria cresce:
A sebe fecha os campos, defendidos
Só das feras então, depois dos homens;
Quando Avareza vil, cobiça insana
Quiz dar jús á rapina, e jús á força,
Fundando o Imperio da Razão nas armas.
    Das varias estações já sente a volta
Cultivador sagaz, reflete, e segue
O passo igual da Natureza activa.
Brotão das plantas fructos espontaneos,
A industria os amacia, os multiplica;
Crescem as precisões, e á luz recresce
Frouxa, debil té alli, de humano engenho.
    A doce agricultura, o brando armento
Foi da industria mortal primeiro emprego;
Assim nos falla oraculo Divino!
Hobbes profundo, e triste, embora diga
Envolto em sombras, que o primeiro estado,
Ou primitiva condição dos homens,
Fôra só dura guerra, e roubo, e morte.
Onde tudo he commum, discordia espira:
Era a Terra commum, communs os fructos;

Era ignóta a vaidade , ignóto o luxo.
Dava a Terra o sustento , e hirsutas pelles
De extinctos animaes davão vestido.
Os raios accendeo da injusta guerra
O deslumbrado Idólatra da gloria ;
Quanto distante da innocente vida
De ingenuo agricultor ! Pezou no Mundo
Desmedido poder de Assyrio Imperio !
Então louca Ambição , Cubiça infausta ,
A torpissima fronte aos Ceos alçárão ;
A espada então foi Lei , Direito a força.
Hobbes profundo , e triste , erraste , erraste.
De Genébra o Filosofo comtigo
O fio despedaça , e áquem se fixa
Do ponto onde começa , onde eu diviso
A progressão moral do Engenho humano.
Eis vem da sociedade as artes uteis ;
O Acaso de hum volcão no extincto seio ,
Em cuja bôcca seculos cahissem ,
Para apagar de todo o activo incendio
Foi descubrir metaes ! Funesto encontro !
De hum raio, ou de hum volcão roubando o fogo,
Sobre alizada pedra o ferro estendem.
Ah , miseros mortaes ! Não foi por certo
A cortadora lamina fulgente ,
O rigido pavez , e a brava chuça ,

Primeira producção da industria vossa;
Foi pezado alvião, foi lizo arado;
Este do ferro primitivo emprego.
O seio se rompeo da meiga terra,
Em pouco se cobrio de louras messes;
E no empinado oiteiro ao Sol opposto
Os vicejantes pampanos s'enlação.
    Estas da idade d'ouro as artes forão.
Nunca os humanos outras estudassem!
Nem passaria o Grânico Alexandre,
Nem fora Augusto fulminar no Eufrates.
Inda existira Arbella, e erguera Tyro
Das azuladas ondas a cabeça.
Nos campos de Farsalia abrindo os sulcos,
Nunca topára o Lavrador co' os ossos
Do orgulhoso Romano que disputa,
N'huma batalha só, do Mundo o Throno.
Nem foras, Magalhães, n'hum fragil pinho
Buscar n'hum mar ignóto, a gloria, a morte.
Inda existiras, Mexicano Imperio!
Souberas, Indostão, que havia o Téjo,
Sem delle ver o ferro, e Heróes da guerra.
    A Natureza em primitivo estado
De seus fructos, seus dons, e seus thesouros,
Pompa frugal fazia, então singelo
Era o sabor, que as iguarias tinhão.

Não manchava o mortal profana dextra
Dos animaes pacificos no sangue:
A' vida só bastava o fructo, a planta,
Não foi por certo do nascente Mundo
Outro o ingenuo sustento, e só com elle
Se volvia mais pura a longa idade;
Nem conhecia a pallida doença:
Vinha a morte, qual vem tranquillo somno,
E cortava sem dor da vida o fio,
Antes que o duro cataclysmo, ou golpe
Do braço vingador cobrisse a Terra
De hum sem limites turbido Oceano,
Que as ondas arrojou sobre escarpadas
Altas cimas de inhospitas montanhas;
Desatados em chuva os turvos ares
Ao mar, sem freio já, dobrárão furias:
Miseranda catastrofe do Globo,
Que inda os vestigios lastimosos guarda!
São pregões do Diluvio essas, que esconde
Marinhas producções no seio a Terra;
Não successão das épocas, e estados,
Porque em milhões de seculos passára,
Como dizes, Buffon, este arrancado
A' grão massa do Sol Planeta nosso.
Antes do horrendo, universal castigo,
Os ingenuos mortaes contentes vião

Correr a longa idade alhêa aos males,
Que ora tanto o período lhe encurtão,
E vagarosamente as Parcas duras
Hião fiando seculos Titonios,
Ou dias d'ouro do nascente Mundo.
Agora saciada a cega fome
Co' a carne, e sangue de animaes extinctos,
Mais pronto o Fado vem, e azinha a morte.
    Ligeira se mudou do Mundo a scena,
Qual dava, e quer a ingenua Natureza;
A mão do Luxo abate a choça humilde,
Que, ou respeita, ou ignora o raio accezo,
E vai tirar dos montes empinados
Com sacrilego insulto as duras pedras;
Foi soberba, e não foi sonora Lyra,
Quem fez chegar os marmores a Thebas,
Não tem tal força a força da harmonia;
Foi só louca ambição, foi só vaidade,
Quem nas campinas do soberbo Eufrates
Quiz ir roçar os Ceos com torre immensa,
E os raios accender na Eterna dextra.
Então lisonja aos Despotas sombrios
Da terra profanada eleva aos ares
As immortaes Pyramides, que affrontão,
E até cânção dos seculos a roda;
Pelas margens do Nilo, onde transpondo
*

O leito natural o Egypto inunda,
Vejo de espaço a espaço estes insultos
Feitos do Tempo á mão, da Morte á foice.
Tirou só morte o movimento ao corpo,
Inda a fórma alli está, e existem Mumias;
Inda, a favor do barbaro sepulcro,
A cinza quazi organisada observo.
Quanto dista a Pyramide da choça!!
O Engenho humano estende os horizontes:
Tudo no estado social se apura!
Sobre as azas dos seculos as Artes,
Como hum rio caudal na Terra espraião;
O Genio as leva ao termino perfeito;
Os Fenicios primeiro se atrevêrão
A pôr á vista as vozes debuxadas,
E com signaes pasmosos as deixárão
Sempiternas nos olhos, e memoria:
Porém marcar as épocas não posso
Da pasmosa invenção, pasmosa traça,
Que de males, e bens traz cheio o Mundo.
Certo, se havião já rudes choupanas
Transformado em doirados alizares:
Da terra oriental Déspotas muitos
Tinhão sobre oppressão fundado Imperios,
Que o tempo devorou, deixando o nome
Nas permanentes paginas da Historia,

E a lembrança nos restos espalhados
Dessas vastas Metropoles, que a arêa
Cobre, e descobre no confuso Nilo.
Sacro Annalista do nascente Mundo
Na sciencia symbolica, e nas letras
Illustrado era já, quando Erithréas
Ondas rasgou mysteriosa vara;
Já então sobre os marmores estavão
Esculpidos os symbolos das artes.
Escriptura enigmatica mostrava
Da terra o vasto gyro, e as leis dos Astros,
Proficuos utensís de Agricultura,
Do Tempo a successão, dos Equinoxios
O constante periodo marcado.
E, se na Terra a Medicina existe,
A Serpe alli, e os simplices estavão.
Da difficil sciencia, que os extensos
Tumultuosos mares avassalla,
E enlaça agora os hemisferios ambos,
Alli primeiro o archétypo s'admira.
 Tanto estender o circulo das luzes
No estado social o genio pôde!
Foi correndo da rustica choupana,
Por gradações sem numero, ás soberbas
Muralhas de Babel, de Tyro ao fasto,
E gigantescos Porticos, que aos olhos

De incredulo Volnêy; triste, e confuso,
Mostrão na arêa os restos de Palmyra,
Do Arabico Pastor guarida apenas,
Que á sombra ingrata de lascadas pedras
Leva o timido armento, e pastorêa
Na relva escassa o soffredor Camello.
Mas o luxo dos Reis, a gloria, a fama,
A que anhela o poder, dos Reis a pompa,
Aos miseros mortaes lançou cadêas,
E fez servir á vaidade o Genio.
Destes ferros servís rebentão luzes;
Da Egypcia escravidão nascerão tantos
Monumentos das Artes, e Sciencias,
Que a Grecia depois vio, e agora Roma,
Se a terra onde s'ergueo de novo escava.
Oh portentoso Egypto! em ti contemplo,
Em ti deviso, e estudo a especie humana,
E me sei conhecer na origem minha,
No primitivo, e social estado!
Primeiro agricultor, depois ouvindo
A interna voz da sabia Natureza,
Que une os homens iguaes, qu' Imperio outorga
A' lei, que he voz de universal vontade,
Que á virtude dá premio, ao crime a pena,
Que o privado interesse ao bem de todos
Manda sacrificar. Em ti das Artes

Ao Templo excelso as bases se lançárão,
Em ti forão subindo, em ti de todo
No maior lustre os seculos as virão.
O Persa adorador do Sol, ou fogo,
Em ti Religião buscou por certo.
De ti co' armas de Sesostris forão
Té do adusto Oriente á plaga extrema,
Onde o Chim se recata, as Artes todas.
Das Leis, dos Cultos teus vejo os vestigios
Pelo vasto Indostão, pasmoso Egypto!
Do indagador á vista a Natureza
Em ti mostrou primeiro o seio immenso
Da sciencia, que os Ceos contempla, e méde,
E segue o gyro dos fulgentes Astros;
O Astrónomo Chaldeo de ti por certo
As regras, o compasso, a luz obteve;
E onde soberba Babylonia aos ares
A frente alevantou, na estiva noite
Começou de volver ao Ceo seus olhos.
Da vasta Thebas a muralha ingente
Deo a idéa a Semíramis dos muros,
Dos suspensos Jardins, qu' ind' hoje a Fama
Entre as do Mundo maravilhas conta.
Do seio da opulencia, e gloria tua
Vasta imaginação despréga os vôos,
Em tuas obras immortaes a prova

Vejo do humano espirito sublime ,
Que o taciturno Athêo rebate , e chama
Hum mais perfeito instincto , e mais activo
Que esse , que mostrão brutos uniformes.
Meu ser he mais , he mais , lampeja hum lume
Reflexo do Immortal sobre o meu rosto.
Tanta nos versos meus Filosofia,
Tanta imaginação nos sons cadentes ,
Não são de inerte mecanismo effeitos.
Meu Estro me conduz á Egypcia Thebas ;
N'huma Cidade hum Reino ! Abre cem portas ,
E aguerridos exercitos vomitão ;
Do seio á terra os pórfidos se arrancão ,
E o braço do mortal os affeiçôa
Em pedestaes , que solidos sustentão
Esfinges , Bustos , respirantes bronzes.
Aqui pasmado , attonito contemplo
Os restos , os signaes do immenso lago ,
Onde Egypcio poder depositadas
As agoas tinha do fecundo Nilo ,
Que a falta hião supprir da Natureza ,
Se de montes incognitos a néve ,
Descoalhando-se ao Sol , não dava ao rio
Os , que inda tem , prodigiosos éstos.
Este espantoso circulo parece
Ser obra só de Artifice Divino ,

Não de industria mortal, e humano esforço.
A ferrea mão dos seculos vorazes
Não pôde inda (qu' injuria!) a massa enorme
Desfazer das Pyramides soberbas!
Jaz Thebas em ruina, em cinza Menfis,
Jaz sobre culto Egypto agreste Egypto,
E do sabio Antiquario a mão teimosa
Das incultas arêas desenterra
Cem columnas de pórfido lascadas,
Restos de antigos Porticos; hum delles
Vale, ó Roma immortal, tudo o que a furia
Do Godo assolador em ti deixára,
E se acabou co' os Wandalos do Sena,
Montão de estragos, Templos sobre Templos,
De teus monstros, teus Reis vaidade, e luxo.
Voluveis grãos de tórridas arêas
De Amasis, Meris, e Sesostris cobrem
Aureos Palacios, e soberbas torres;
E as immortaes Pyramides disputão
Ao Mundo a duração, fanaes eternos,
Entre a sombra dos seculos plantados,
Por cuja cima o Tempo apenas roça,
Voando de continuo, as ferreas azas.
Tiverão perfeição no Egypto as Artes,
Declinárão por fim, por fim morrêrão;
Que a sorte em tudo dos mortaes he esta!

Só contra a lei da morte é quasi eterna
Da Sapiencia a luz. As bases firmes
Da Geometria ao Templo se lançárão
No portentoso Egypto. A Geometria
Abre da vasta Natureza as portas,
E leva a seus Alcaçares o Sabio.
Com ella ao Sol ardente eu méço o globo;
Com ella só pudeste achar dos Astros
As sempiternas leis, profundo Kepler;
E com ella o Filosofo se lança
Na immensa elipse excentrica do triste,
Inda incognito a nós, Cometa errante.
Se eu Geómetra sou, não he por certo
Isto, que pensa em mim, materia inerte;
Sem ti no Templo da Filosofia
Não queria Platão que temerario
Entrasse o Ente pensador! Tu mostras
As leis, que observa em movimento o corpo,
Ao martyr Galilêo: Buffon comtigo
As épocas marcou da Natureza,
E nas mãos os pinceis tu lhe ensopaste,
Com que animou prodigiosos Quadros.
Descartes só comtigo o gyro aos astros
Dentro dos leves turbilhões signala:
No cahos da Catóptrica tu foste,
Quem o trilho da luz lhe marca, e mostra.

Sem ti Newton que fôra? E quem Lalande,
Quando da terra levantado, espia
Globos a mais, a mais no espaço immersos?
Ao lado vais de Condamine; e sobre
O levantado Chimboraço lança
Aos Polos, e Equador, profundas vistas,
E deste nosso domicilio, a Terra,
Mostra atélli a incognita figura.
Tu do arduo Apenino entre os cabeços
Meditabundo Boscovick conduzes;
Comtigo tira a portentosa linha,
Que marca, e determina, e mostra ao certo
As annuaes variações da Terra
Em seu moto veloz do Sol em torno.
Comão ombora os seculos vorazes
Os meditados calculos, as linhas
Do extatico Apolonio: aureo compasso
Abriste a Viviani; oh maravilha!
Risca, mede, calcula, inventa, e acha
Quanto ao Grego Geómetra faltava;
Quando acaso feliz nos desenterra
Dentre barbaro pó volume antigo,
Os assombrados seculos admirão
Da Oenotria terra no profundo sabio
Quanto o Grego Filosofo escrevêra!
Tu sómente ao Geógono demostras

Quanto sobre o nivél de extensos mares
Se levantem ignívomos cabeços,
Que da atmosfera nos limites guardão
A labareda na espantosa cima,
E na fragosa espadua a neve eterna,
Quaes Bridone foi ver no Etna abrazado.
Comtigo ao lado seu, Piloto insomne
Por entre as sombras da fechada noite,
E n'hum mar de escarcéos cuberto, e cheio,
A ver hum Mundo antípoda, seguro
Leva o fragil baixel, e observa os astros.
Até comtigo em pélago profundo
De sombras methafysicas se lança
O Lusitano Hebrêo; e errando he grande!
Tu d'alma racional, pura substancia,
Tu da nobreza de meu ser és prova!

Da sapiencia os luminosos raios,
Quaes os raios do Sol no ustorio espelho,
Com maior força reverbérão n'alma;
O mortal se descobre, e se contempla
Ao clarão desta luz; dentro em seu peito
Da voz do Omnipotente escuta os écos,
Que tu, Revelação, que tu fizeste
Depois mais claro ouvir, voz que lhe intíma
A lei, que huma só vez dictara o Eterno;
Constante lei da Natureza he esta,

E nunca opposta á voz da sapiencia ;
D'ambos tem sido unísonos os brados.
Ella as paixões indómitas enfrêa ,
Entre o bem , e entre o mal limites marca ,
Do honesto , e justo as raias assignala.
Ella a espada firmou nas mãos de Themis,
E lhe equilibra imparcial balança.
Digna sciencia , só , do estudo humano ,
Que liga a Terra aos Ceos , e os Ceos á Terra ,
Que á ambição delirante , á vil cobiça
Açaima a furia , os impetos reprime.
　　Quanto pode atinar mesquinho humano
Co' as sendas da verdade , e da virtude ,
Antes que a luz do Ceo baixando ao homem
As densas trévas d'alma lhe espancasse ,
O Egypto possuio ; foi este o berço
Da sapiencia , que na Argiva terra
Ao fastigio chegou , como inda admiro
Dos sabios seus nos immortaes volumes.
Grande no Egypto foi , maior na Grecia
Se descobre o mortal ; e aqui mais nobre
Eu contemplo o meu ser. Novo Anacharsis
Co' o pensamento rapido passeio
Do Divino Platão nas aureas salas ,
E de Epicuro nos Jardins viçosos ,
A' sombra vou do Portico da Estóa ,

Já de Académo nos vergeis me embrenho,
De mim se apossa vivo Enthusiasmo;
Foge a sombra dos seculos, e páro!!
Eis banhado de luz na Grecia vejo
O vasto mar da humana sapiencia!
Da etherea, da immortal substancia d'alma
São prova as producções da Grecia douta;
Não he dado ao mortal subir mais alto,
Tudo além deste ponto he cego abysmo;
Intransgredivel méta ao ser pensante
O Eterno assignalou. Cook atrevido
Assim, do clima austral rompendo o seio,
Parou, retrocedeo co' o lenho óvante,
Quando de eterno gelo, e sombra eterna
Barreira insuperavel se lhe antolha.

No pélago ideal do *Bello* engolfa
O extatico Platão sua alma, e chega
Dos Entes todos á fecunda origem;
Nella conhece hum Deos, quanto sem sombras
Dos Mundos no espectaculo se mostra.
Parte do véo, que envolve a Natureza,
Aos olhos de Aristóteles se rasga,
E mais além do Perystilo póde
Do grande Templo entrar: nem dado a elle,
Nem dado a ti, Geómetra Britanno,
Foi descobrir o sanctuario augusto.

Ao menos foi o Genio de Estagyra
Achar hum fio ao cego labyrintho
Do humano entendimento. O' Locke, he este
O fanal que te guia, he teu modelo!
Aos Ceos se lança, e conta os meteóros,
O quadro seu debuxa, e a causa ignora,
Como vós todos a ignorais ainda,
Filosofos do Sena, Arno, e Tamiza.
Nas trévas methafysicas descobre
A pouca luz, que a analyse nos mostra,
A ás luzes Filosoficas ajunta
Energico pincel, que exprime ao vivo
Quanto Buffon nas paginas divinas
Ao Mundo depois deo, e á Eternidade.
Leis aos Vates dictou, (se ha Leis ao Estro,
Que o homem leva além da esfera do homem);
Pelas veredas da razão dirige
O dom maior, que a Natureza outorga,
Do humano affecto a Despota Eloquencia.
Expurga o coração, fórma os costumes,
Quanto diz a Nichómaco he grandeza,
São tymbres, são brazões da especie humana.
Inda agora ser Arbitro da Escóla
Do Peripáto o Genio merecêra,
Se não embaciasse Arabe fumo
A Grega, e pura luz do Texto intacto;

Qual desejaste, ó grão Policiano,
A sinuosa Logica dictando
A' assombrada Florença, á Italia, ao Mundo!
A Moral co' a Politica enlaçaste,
Immortal Focião, aos Reis dizendo,
Que só tem bases na Justiça o Throno.
O móto vario dos rotantes globos
Encontra Filoláo; e elle o primeiro,
Que o Sol, astro central, declara immovel.
Nas luminosas trémulas safyras,
Que recamão da noute o véo sombrio,
Descobre ardentes Sóes, descobre centros
De mil ignotos Planetarios Mundos.
Em quanto vai nas solidões do espaço
Té no Infinito se perder, Cleanthes
Dá mais uteis lições, virtude inspira;
(Respeito o Varão justo, admiro o Sabio)
Doutos forma Platão, Sócrates próbos,
E julga hum crime a preferencia dada
A' fragil vida sobre o pejo, e honra;
Da virtude foi victima, e colloca,
Nos móres bens da Natureza, a morte.
Da fonte da sciencia as Artes brótão;
Só conhecemos pelo nome Athénas;
Existe, em seu lugar, mesquinha Aldêa,
Que o feroz Ottomano ignora, e piza;

Beija apenas com lagrimas Delille,
Envoltas d'hera, e pó, lascadas pedras,
Do Templo de Minerva inuteis restos.
Mas vives, vivirás, Meónio Vate;
Sabia Athenas he pó, Corintho he nada,
Eterno vai teu Canto, e nos teus versos
Vais disputando a duração co' o Mundo.
Quanto seja o mortal inda hoje mostras,
Teus quadros, teus pinceis respeita o Tempo.
Entre o medonho estrépito das armas
Ao Macedonio Heróe prendeste os olhos.
A teu sublime engenho a Natureza
Sem véos se mostra, e desabrocha o seio;
Tiveste Bustos, Inscripções, e Templos,
Cidades sete o Berço te disputão;
Por que és seu filho a Grecia ind'hoje he grande;
Dou-te maior brazão, verteo-te hum Pope!!
As azas pelo espaço ind' hoje vejo,
Que Altisonante Pyndaro sacode;
Não longe delle vão transpondo os tempos
De Mitylene os inclytos alumnos;
Alcêo que os hymnos immortaes entôa;
A desditosa Sapho, amor das Musas,
De hum desgraçado amor victima infausta.
Com fluctuantes roupas magestosas,
Com tôrvo aspecto, na sanguinea dextra

Com buido punhal , sombria , e triste ,
Levanta a voz d'Eurípides a Musa ;
Pinta o fado dos Reis , da sorte os golpes ,
E das paixões tumultuante Imperio.
Festivel Aristófanes debuxa
Os vicios , e os baldões de indocil Vulgo ,
Té dos Sabios o orgulho , e as vãs idéas ;
Treme a seu riso amargo ind' hoje o Vicio.
Luzes , trovões, relampagos brilhantes
Da boca facundissima desfecha
Assustador Demósthenes , e salva
Do precipicio a Patria vacillante.
De medo enfião Despotas Tyrannos ,
Rebate de Filippe a espada , as furias.
Só destes louros a Eloquencia póde
Cingir , ornar victoriosa frente.
Se em collossal Architectura excede
O fabuloso Egypto á Grecia douta ,
Esta o vence no gosto , e na belleza.
De Corintho os cinzeis respirão vida ,
Animão bronzes , que o Guerreiro indouto
A cinzas reduzio ; (não foste , ó Mumio ,
Filho do Tibre aqui !) Zeuxis , Apelles ,
Rivaes da Natureza , aos olhos fallão
Na portentosa Poesia muda.
Tanto a esfera mortal s'estende , e illustra

Entre o Grego saber!... Como em polidos
Cristaes, que unio Buffon, do Sol a chamma,
Reverbéra mais forte, activa, e clara,
Da avassallada Grecia assim ressurte
No vasto Imperio da Potente Roma
Luz, que espalhou revérberos mais vivos.
Nas duras Artes da sanguinea guerra
Roma a Grecia excedeo; e excede a Grecia
Nas Artes divinaes, que a Paz fomenta.
Voárão pelo Globo altivas Aguias,
A Lusitana as vê, o Hydaspe as teme,
Chegão do Elba á foz, do Nilo á fonte.
Onde Roma fulmina o estrago, a guerra,
Das Sciencias co' a luz, e imperio chega.
Qual dos guerreiros seus na excelsa fronte
Co' as triunfantes mãos não prende, e ennastra
Os verdes Louros de Minerva, e Marte?
Quando a espada depõe, sustenta a penna
O immortal Scipião; se lança os ferros
Ao vencido Perseo, d'entre os despojos
Só Paulo Emilio quer das doutas Artes,
Da Sciencia os depositos, aquelles
Volumes, que Platão sagrára aos Evos.
Quem ha que opponha a Tullio a Grecia, o Mundo?
Tullio, o maior brazão da especie humana!
Tu mesmo, ó vão Lucrecio, e tu, Vanini,
*

E tu, que igualas o mortal á planta,
Que instincto no mortal só vês dos Brutos,
O' La Metrie frenetico, contempla,
Vê se a materia combinada póde
As grandes obras produzir d'hum Tullio!
Reune de Demosthenes o genio
Ao genio de Platão, e Estagirita.
Se he profundo Epicuro, inda mais entra
Da Natureza no sacrario immenso.
Se, de Consul a purpura arrastrando,
Magestoso na voz, no gesto augusto,
Nas mãos de Themis encadêa os raios,
E os infiados réos salva da morte;
Se dobra o coração do invicto Cesar,
Se á Patria dá Marcello, ao Mundo o justo,
Mais que Aristides, virtuoso, honesto;
Se ao feroz Catilina o crime afêa,
O imperio firma, e liberdade a Roma,
Nem Górgias, nem Pericles contemplárão
Tanto dos labios seus pendente o Mundo!
Mas inda mais em Túsculo o respeito.
E, s'entre os labios de Theofrasto tinhão
Deposto o favo as Atticas Abelhas,
Com brando eloquio amenizando austéras
Verédas da razão, se luz profunda
De Xenofonte nos escritos brilha,

Ambos excede Tullio, e excede a todos,
Quando entre Heróes, e Consules disputa;
E sobe onde inda além não póde agora,
Sobre as azas dos seculos levada,
Remontar-se, subir Filosofia!
Na progressão do qu' he perfeito, nunca
O Ser humano se suspende, e pára.
Eu vejo, após hum Cicero, de Nero
O generoso Mestre, o Sabio, o forte:
De Zeno, de Xenócrates austero
Alumno, e vencedor no engenho, e vida
Mais sublime que Socrates na morte:
Recebe o vaso da Cicuta, e cala
Profundo Focião; Seneca entorna
O quente sangue das rasgadas vêas;
Tem já no rosto a morte, inda disputa,
E, entrando nos umbraes da Eternidade,
Demonstra que he ventura o golpe extremo.
Tullio me assombra, sim, mas tu me ensinas,
O' dos estudos meus sublime emprego:
Tudo o que sou te devo! E, se a Fortuna
Avara para mim risonho encaro,
Se muito abaixo da voluvel roda
Existo por estado, e muito acima
Por coração magnanimo me elevo,
Se os bens, se os males seus desprézo, e pizo,

Se as solidões da Libya, e o Téjo ameno,
São para mim morada indifferente;
Se com semblante igual me vira o Mundo,
Ou n'hum profundo carcere, ou n'hum Throno;
Se os mesmos Ceos descubro em toda a parte,
Se em toda a parte pizo a mesma terra,
Se descubro no escravo, e no Monarca,
Hum individuo só da especie humana;
A teus escritos immortaes o devo:
A' mente luz me dão, valor ao peito.
    Ainda mais que o portentoso Mestre
Do barbaro Oppressor da Persia, e Tyro,
O mais douto Pintor da Natureza
Lhe indaga, e descortina o seio augusto.
Quando impera Trajano, existe Plinio:
Honra o Monarca o Throno, o Sabio as Artes.
Inda por entre as nuvens enroladas
Que do accezo Vezuvio exhala a bocca,
A magestosa sombra se me antolha,
Inda do grande Plinio a imagem vejo;
Traz sobraçado o inclyto volume;
Co' a dextra aponta á torrida garganta,
D'onde a chamma sulfurea aos ares rompe.
Eu fui, lhe oiço bradar, da Natureza
Incançavel interprete, e ministro,
E a victima tambem; e a seu sacrario

Fiz avançar Buffon, mostrei-lhe a estrada;
Toda a opulencia sua, he meu thesouro.
Não me assombro de ver em Roma tantos
Arcos, Templos, Pyramides, Columnas;
Não prende a vista a hum Vate a pompa, o Luxo;
E á vista do Filosofo esvaécem
Monumentos do orgulho, e da vaidade:
Apraz-me contemplar o homem na immensa
Esfera posto das sciencias todas
Quasi á suprema perfeição levadas;
Da Poesia sempiternos Loiros
Que frentes cingem na soberba Roma!
Foste o primeiro tu, Cantor do Acaso,
Quem ao Pindo levou Filosofia;
Pudeste-lhe ajustar Latinos cantos,
E's sublime no abysmo, em que te engolfas,
E's rival de Democrito no Tybre,
E vencedor de Hesiodo te admiro.
Em magestade, em graça, em sons cadentes
Vence a Lucrecio o Cysne, que primeiro
A Mantua trouxe as Palmas Idoméas.
Enche a Roma co' a voz, co' a fama o Mundo;
Sómente acabaráõ no extremo dia
Do grão Virgilio os sons melodiosos.
Foi Homero exemplar, e a copia o vence.
Anacreonte, e Pyndaro se enlação

N' altissonante Lyra de Venosa,
Que a dura lei de Libitina evita.
Frias agoas do Tânais se suspendem,
Agras margens do Ponto se amenizão,
Se a maviosa voz levanta Ovidio;
Nella se exprime Amor, e as Graças chórão;
Só de astuto Tyranno o ouvido he surdo,
O que a Cinna abraçou, desterra o Vate,
A quem não tem que opponha o Plectro Argivo.
   E tu, Cysne immortal, que excedes todos,
(Assim minh' alma te concebe, e admira!)
Em cujo seio a sabia Natureza
Novo fogo accendeo não dado aos outros;
Tu, que és todo furor, furor divino...
Como a sombra do espaço encobre os Mundos,
Encobrem tuas magestosas sombras
Hum luminoso Ceo; rasgão-se as nuvens,
E mil astros, mil sóes subito brilhão,
E mais a luz na escuridão realça.
Os tristes sons da lúgubre Trombeta,
A dor sentimental, a morte, o Averno,
As Furias, os punhaes, Jocasta, Edípo;
Na Pyra fraternal as discordantes
Chammas em sedição, de Jove os raios,
Que ferem Capaneo, que ousa a combate
Os Numes provocar, aos Ceos te elevão,

O' portentoso Estacio, e te merecem
Do mais subido Vate o tymbre, a gloria:
Jamais te volvo as paginas divinas,
Que em mim não sinta derramar-se o fogo
De impetuoso, audaz enthusiasmo,
Que me faz conhecer, palpar absorto,
Onde comece humana linguagem
A ser por excellencia a voz das Musas!
Pope te quiz verter, Pope não pôde;
Se fez ouvir Homero em sons Britannos,
Fez ver que não ha voz qu' exprima Estacio.
    Miserandas catastrofes os thronos
Deixão no abatimento, em cinzas deixão;
E se braço escondido ás Monarquias
Fixa o termo da gloria, e da ruina,
Das luzes a fluxão tambem suspende,
Seu perenne fulgor converte em sombra,
Em seus passos retrógado caminha
Para o barbaro estado o engenho humano,
Decahe Romano Imperio, as Artes findão
Aos Brutos, aos Catões, a Tullio, a Cesar,
Succede a escravidão, succedem trévas;
Do solitario Volga immensos rompem
Duros filhos de Marte, e da Ignorancia;
Lampeja-lhes na dextra o ferro irado,
O braço, que mutila, e abate os bustos,

Chega a tocha fatal, reduz a cinzas
Do Pindo as producções, do Mundo os Mestres;
Quasi no estado insocial parece
Que entra outra vez de novo a especie humana:
Sombra espessa pousou na culta Europa,
He ferro o que produz a Idade média;
E huma noite de seculos se fecha.
    Porém, qual vemos que de pardas nuvens
Cala o Sol mais brilhante, e accezo o dia,
Qual de abafado incendio a labareda
Se desprende mais viva, e mais brilhante;
Assim rompe dos carceres sombrios
A enluctada razão, e as nuvens rasga:
Reconcentrado o espirito se expande,
O mortal se conhece, e os ferros quebra,
E mais, e mais se aperfeiçoa, e sobe.
Bem como offusca o Sol vulgares Astros,
Que, absortos no esplendor, aos olhos fogem;
Nem já parece que no espaço existem;
Tal da Sciencia resurgindo o raio,
Da douta Grecia, e Roma a luz excede.
    Tu, Petrarcha immortal, tu déste o abalo,
E teu Genio, immortal Policianno,
Gothicas sombras affugenta, e tiras
Do frio pó do torpe esquecimento
Aureos Volumes, que realce derão

A' gloria immensa do poder Romano,
Onde inda Athenas vive, e nella as Artes.
Vinde illustrar meu Canto, Heroes famosos,
Nomes só dignos de existir na Terra.
Vós, Gregos, que fugiz da furia insana
De feroz Ottomano, á Hesperia vinde;
Ambos os braços abre, e vos acolhe;
Vinde accender na Etruria o facho extincto....
Já na mão da sciencia arde, e se inflamma!
Annuviada, e barbara até agora,
Sobe ao throno immortal Filosofia;
Qual he, qual póde ser, se mostra o homem.
O brilho, que não vio nas Artes bellas
O symbolico Egypcio, o Grego arguto,
Roma vio renascer dentro em seu seio.
Da muda Poesia o Genio surge
Rival da Natureza; e inda mais bella
A mostra Rafael: corrida, e triste
Pede á morte vingança, a morte a vinga,
E córta em flor os preciosos dias.
(Lastimoso troféo! mas vive eterno
Entre os raios de luz, que hum Nume esparge
Na cima do Thabor, e hum Deos se mostra;
Mais que o Sol brilha o rosto, e a neve o veste.)
Das ruinas, e tumulos de Athenas
Surgem caladas invejosas sombras

Do Fidias, de Myron, de Praxitéles,
E, com ciume, os marmores, os bronzes,
Quasi vem respirar, quasi mover-se:
Na face de Moysés fulgúra a chamma;
Todo cheio de hum Deos, e o braço erguido,
Parece que divide ao mar as ondas,
E que o doce liquor das pedras sólta.
Tanto póde o cinzel nas mãos das Artes!
Mas póde mais a luz da Sapiencia;
Do entendimento as obras sobrepujão
Os apuros do escopro, as tintas mudas.
Não subira Manilio, entre os Romanos,
Aos vastos Ceos a devassar os Astros;
Profundo Galilêo, robusto Atlante,
Sustenta novos Ceos, mostra mais globos,
Da Natureza nos abysmos planta
Luminoso fanal; seguem-lhe os vôos
O que entre sombras Bátavas s'esconde,
E livre, a seu sabor, suppõe no espaço
Agitadores Turbilhões dos Mundos,
E o douto filho da celeste Urania,
Que a Albion triunfal deo nome, e gloria.
De polidos crystaes em tubo obscuro
(Feliz disposição!) rasga as cortinas,
Em que por tantos seculos esteve
Envolta a Natureza, e os solitarios

Campos azues dos Ceos se mostrão cheios
De não vistos té alli rotantes *Astros*.
Cassini empunha o tubo, que Campani
Arquitectou primeiro, ao vasto espaço
Mais estende os confins, mais cresce o Mundo.
Inda assim mesmo o termino não toca
Do Palacio, que hum Deos fundára ao homem!
Fez a sciencia domador das ondas
O braço humano, que, apezar da furia
Do solto vento, corre em torno ao Globo
Dentro (que audacia!) de cavados pinhos!
De hum novo continente as praias piza
Resoluto Colombo: Heróes, ou Tigres,
Sobre armigeros Lenhos esquipados,
Vão cevar-se, após elle, em ouro, e sangue.
Deixão, sem magoa, ingenuos habitantes
Nas mãos do vencedor ricos thesouros;
Rubins accezos, palidos topazios,
São pedras no Perú, na Europa Numes:
Aquelles sabios naturaes nos davão,
Por hum só alvião, quantos esconde
Metaes o Potosí. Mas destes males
Maiores bens a Providencia tira;
Hum só laço prendeo dois hemisferios,
Ficão communs as producções dos Mundos.
No Imperio da Sciencia a luz estende

O homem pensador, e a esfera passa
Onde preside o Sol, e os Astros méde.
Da complicada máquina do Mundo
Observa as leis, calcúla o movimento:
Os pasmosos fenómenos penetra,
Que em seus quadros ostenta a Natureza.
Vence Archimedes, Apolonio, Architas
No Labyrintho das cruzadas Linhas,
Do fatigante cálculo nos passos.
Acha o poder dos Simplices, que applica
Ao fragil corpo a mão da Medicina,
Sempre impostora, se da Natureza
A mentidas hypotheses recorre:
E pelo fogo encontra as qualidades,
E os elementos decompõe dos corpos:
E do composto humano os débeis orgãos,
Complicados em si, nos conta, e marca:
N'hum só raio de Luz encontra as cores;
Dellas he causa refracção pasmosa;
Do Ar no pezo, incognito segredo
No Lycêo de Academo, e de Estagira,
Mostra o principio de milagres tantos,
Que a Natureza aos olhos descobria,
Zelando a occulta causa. Inda mais ousa
O homem descortinar, os Ceos transpondo,
Contempla a immensidade, observa o todo

Deste abysmo, na sombra augusta, eterna,
Profundo explorador, seus olhos fita;
Mas deslumbrado, attónito suspende
Na margem deste mar seu passo ousado;
Além dos Mundos o Infinito existe,
Onde se findão surge a Immensidade.
Sente a Divina Essencia, isto só basta;
Hum termo está prescripto à mente humana,
Além delle sómente existem sombras,
Caliginosa escuridão profunda,
Que em roda de seu throno o Eterno espalha.
    Desce o mortal, dilata a esfera propria
Com summa perfeição das Artes bellas.
A força triunfal d'alta Eloquencia,
Qual Athenas sentio, qual Roma outr'ora,
Do decimo Leão no Imperio brilha;
E de Luiz magnanimo aos acenos
Surgem novos Demosthenes, e Tullios.
O Arno, o Tibre, o Tames, o Sebéto
Quantos Cisnes nas agoas apascentão,
Cujos vôos extaticos excedem
Da Grecia, e Lacio antigo a gloria, o nome!
Deixão de Esmyrna, e Mantua incerto o louro,
Que frente deva ornar, que frente escolha.
Sobre a roda dos seculos só fica
Intacta, e sem rival a magestade

Do altisonante Estacio, inda que excedão
Vates em genio, em fogo antigos Vates,
São levantadas ingremes montanhas:
Como os Andes, só elle as nuvens rasga,
E n'hum Ceo mais subido a frente esconde.
    Não pensa o homem só, mas cria, e tece
Na vasta fantasia imagens vivas,
Por onde espalhão collorido as Graças.
De hum Ser, que nasce eterno, a prova he esta.
Quanto me elevo, e subo, e quanto excedo
Os brutos animaes! Se a tuba escuto
Do Cantor de Gofredo, eu sinto os olhos
De borbulhantes lagrimas turvados;
Ao ver de Erminia triste o amor, e os trances,
A palidez se entorna, e falla o susto
Nas minhas faces trémulas ouvindo
De Olindo, e de Sofronia, a magoa, os fados.
De outr' arte o coração bate em meu peito,
E d'outr' arte respiro, ouvindo os écos,
Que Satanaz no Bárathro me pintão
Alevantando e corpo do sombrio
Pélago immenso de abrazado enxofre,
Qual bronca alcantilada penedia
S' ergue do seio do profundo Oceano;
Erriça-se o cabello, as carnes tremem,
Se escuto o silvo á Serpe monstruosa,

Que a revoltosa mão por sceptro empunha,
Vendo sahir da blasfemante bocca
Revoltos turbilhões de fumo e fogo,
Quaes d'Hécla, e do Vesuvio exhala o seio.
Maravilhoso quadro, quanto excedes,
Os do Vate Esmirnêo! Mas quanto póde
A creadora fantasia, o Genio!
Quanto vai progredindo o Ser humano,
Co' o grã pezo dos séculos, nas Artes!
Do Gama no Cantor, que assombros vejo!
Sigo co' a vista os Lenhos atrevidos,
Que vão da Aurora devassar o Imperio;
Ferventes mares, sôltas tempestades,
Mais do que he dado á humana valentia,
Tem contrastado indómitos; mas chegão
Ao padrão tormentoso, onde indignada
Da ousadia mortal a Natureza,
Fazia suspender denôdo humano;
O ar se turva e fecha, e foge o dia,
E os véos da escuridão desdóbra a noute;
Recresce o vento em furacão medonho,
Encapella-se o mar, e em flor rebenta;
Os sulfureos relampagos, que aclárão
De espaço a espaço os negros horizontes,
Mais das trévas o horror ao Nauta affeião:
Eis-que do seio de quebrada nuvem

5

Envolto em ferrea Luz rompe hum Fantasma;
Ao vello a voz se prende, o corpo esfria;
Cahe-lhe na espádoa a grenha emmaranhada,
Como os bosques no Cáucaso, ou no Tauro;
De atterrador Cometa a luz medonha
Dos encovados olhos lhe chameja;
Da hirsuta barba as ondas empeçadas
No denegrido peito lhe fluctúão;
Tem firme os pés no fundo do Oceano,
E alça no imperio dos trovões a frente;
Ergue indignado o braço musculoso,
Da porta Oriental té alli buscada
Mostra suspensa a pretendida chave,
Desde a origem dos séculos ignóta;
O resoluto Gama as mãos triunfantes
Ao fadado penhor lanca, e vencido
Deixa o Colosso descahir seu braço.
Os grossos mares tumidos amainão,
O Tufão se desfaz, e os Ceos se mostrão.
Já deixa atraz o Promontorio infausto,
Põe no accezo Oriente o Gama a prôa;
Dá thesouros ao Mundo, a Lysia Imperios.
Em vão, já guarda inutil do Oceano,
Brame o Monstro fatidico, e descobre
Dos Destinos reconditos segredos;
Expõe tristes desastres, que inda esperão

Os Heróes immortaes, que as Lusas Quinas
Nas margens hão de erguer do Hydaspe, e Ganges;
Porém debalde exclama, as Náos triunfantes,
Engolfadas no mar, já tócão perto
Praias não vistas das Romanas Aguias.
Inda de todo a humana fantasia
Neste assombroso quadro os Horizontes
Não tocou derradeiros. E quem póde
Hum termo assignalar d'alma aos dominios?
Incircumscripta força lhe descubro
Se o Britannico Homéro aos astros vôa
Sobre as azas de cantico Divino,
Quando do fundo pélago abrazado
Faz sahir Satanaz, e os gonzos québra
Da grã porta do Abysmo, e opposto aos monstros
Que o medonho vestibulo guardavão;
Das sombras infernaes já livre, os vôos
Sólta por entre as órbitas dos Globos,
E junto ao Sol passando, o Sol s'enlucta,
E com central eclipse assusta o Mundo.
Da humana fantasia imperio immenso!...
Mais extensos seus términos descubro
Se, Klopstok immortal, teu canto escuto,
Quando assombradas as Esferas todas
Do Mundo ao Salvador Canções entôão!
Da etherea parte, que me anima, e rége,

Tal vejo a condição, tal vejo a essencia;
E, se he capaz de intellecção profunda,
He propria de meu Ser moral virtude.
He mais facil medir revolto Oceano,
E devassar o solitario espaço,
Onde por muitos seculos não acha
Nos gyros seus obstaculos hum Globo,
Que ver meu coração; pezadas sombras,
E triplicados véos o envolvem sempre.
Se nelle os olhos fito, observo horrores
Depois que o crime abrira a porta á morte.
Qual deixa o crepitante accezo raio
Co' o subitaneo golpe estrago, e cinzas,
Sem magestade, e pompa, alto Palacio;
Tal ficou com o primeiro horrivel golpe
O humano coração. Debalde, ó Sabios,
Outra origem buscais dos males todos;
Indómitas paixões dalli brotárão,
Nelle o throno firmou Discordia, e Guerra:
Ficou revolto mar, que apenas goza
De momentanea calma; os furiosos
Sopros levantão vágas tormentósas.
Qual montanha ficou, que o fogo ardente
No escuro abysmo das entranhas guarda,
Que d'alta cima trémula, e convulsa,
Ignea lava arremeça, igneos penhascos:

Assim rompe o Volcão, que o vicio atêa:
Azas á Morte deo, deo força á morte:
Elle alli se alimenta, alli renasce,
Tira dos golpes seus vigor, e vida;
Qual Hydra, inda que o ferro embeba Alcides
Na livida garganta: cega audacia
He sua producção, e insulta, e piza
O pudor innocente, que outras armas
Não veste mais, que lagrimas, e gritos.
A sordida Cubiça, que devóra
A substancia do misero pupilo,
Que a terra profanando até lhe rasga,
Faminta d'ouro, as lobregas entranhas;
A sombria Calumnia envolta em nuvens
Dalli seus negros tóxicos vomita;
A Vingança atrocissima, que embebe
No scio do inimigo incauto, inerme
(Paixão das almas viz) punhal buído;
A embuçada Traição, que o rosto esconde
No ingenuo véo da candida Amizade,
E supplantando o mérito, a virtude,
Ora embarga á Verdade o passo ao Throno,
Ora sobre hum rival, prostrado e morto,
Levanta o busto da fortuna propria,
Da triste humanidade ultraje eterno!
Mais que hum diluvio assolador flagello,

Revólta, enlucta, despovôa o Globo,
Nunca farta Ambição. Tinha enramado
Cesar a frente de viçosos Louros;
Tantas palmas colheo, que, já cançada,
Mal lhe sustinha a dextra o pezo infausto;
Co' a fama de seu nome, ou seus estragos,
Tinha o Mundo em grilhões, e Roma em susto,
E aos Britannos que o mar divide, e guarda
(Nunca dos Gallos vadeado fosso!)
Os ferros quiz lançar. Soou no Eufrates
O espantoso trovão, voou qual raio,
Qual a morte voou, do Calpe ao Nilo;
Tão dilatado Imperio estreito julga,
Se as cadêas fataes não lança a Roma;
Cega Ambição lhe diz, que o ferro encrave
No livre seio á Patria; este o Fantasma,
Que lhe manda cortar vedadas ondas
Do fatal Rubicon. Já corre o sangue
Do peito de Pompêo; Utica encerra
As cinzas de Catão; nas mesmas cinzas
Envôlta jaz a Patria, a Liberdade;
Do escravo da Ambição he Roma escrava;
Entre escravos tão vís só Bruto he livre:
Alça o punhal demócrata, que vinga
Do Mundo a escravidão, do Mundo a injuria.
Se quebrantasse das paixões as furias,

Cezar, não monstro, mas chorado, e livre,
Pelas sombras do tumulo entraria.
Romana Liberdade, ó Lei sem força,
A Ambição te supplanta, e della nasce
A dura alluvião dos males todos,
Que Roma então sentio, e o Mundo agóra. (1)
Infructuosa dor! Debalde intento
A's fogosas paixões pôr jugo, e freio;
Não são alhêas do mortal, mas forão
Tiradas do equilibrio; a mão do crime
Mudar as pôde em Déspotas soberbos;
Se as sopêa a Razão, se a Graça as vence
(Só ella a Natureza aperfeiçôa)
São canáes da ventura, á vida servem:
Assim sujeitas, e concordes erão
Do primeiro mortal no peito ingénuo,
No estado da innocencia, antes que a Culpa
Do Rei da Creação fizesse hum servo.
Extinctas as paixões, profundo somno
Dos membros sociaes se apoderára,
Em vapores lethargicos envolta
Ficaria a Virtude, a industria, a força.
Tal ondeante labareda sóbe

(1) Foi isto composto na maior effervescencia da Revolução Franceza.

Em quanto na materia o fogo prende;
E, se acaba a materia, o fogo expira.
Sabio dominio das paixões ministra
Calor ao coração, luzes á mente:
Por fixo, immovel pólo então se julga
O bem da Sociedade, o bem da Patria.
Contra os Tirannos vís á gloria leva
O intrepido guerreiro, e d'ouro o preço
Faz affrontar os ventos, e as borrascas;
Ata com laço estreito o Hydaspe, e o Téjo,
Das riquezas o amor; e o moderado
Desejo de saber levanta o Sabio;
O desejo da Fama o Vate impelle
Por fragosos atalhos, que conduzem
Ao mais alto do Pindo. E quanto estudo,
O' versos, me custais! Comvosco o dia
Me encontra quando nasce, e quando morre.
Ora que a sombra, que o silencio abrangem
A abobada do Ceo, da Terra o globo,
Eu roubo á noute as horas do repouso.
A solidão me apraz, e alheio ao Mundo,
Entre o fragor da guerra, escuto as Musas;
Fôra imperfeita morte esta existencia,
Se eu não vivêra assim, sepulcro fôra.
E quem me torna extatico, e me leva
Aos Ceos, contemplador de Mundo, e Mundo?

Hum desejado nome, hum éco, hum brado,
Que sôa sobre o tumulo, que a cinza
Dentro da campa lúgubre não ouve.
Se huma austera virtude enfreia os monstros,
Tornão-se em fonte de maior ventura;
Da virtude ao clamor sahe do lethargo
A alma excitada, e vivo sentimento
Força, e brio lhe dá; he sombra, he morte
A frígida inacção, a inercia triste.
Tudo tenta o mortal, e este almo fogo
Lhe soprão as paixões, quando a Virtude
Marca, assignala, méta intransgredivel,
E os atrevidos impetos modéra.
A sua embriaguez amortecida
Produz grandes acções. Tal o Ginete
Inquieto, feroz, impetuoso,
Subjugado do freio então se torna
Mais util aos mortaes. O' tu, Virtude,
Minh' alma, ao contemplar-te, eis se dilata,
Bem como adquire viço a flor mimosa,
Se ao rocio do Ceo se desabrocha,
E á nova luz que surge, as folhas abre;
Vês que meu coração sincero, e puro
Em tributo te paga amor, e estima;
De ti vem todo o bem, comtigo eu gózo
Da liberdade, e paz. Existe hum ponto

Hum termo fixo na moral esfera,
Que sempre dista igual dos dois extremos.
Sobre o meu coração desfecho os raios,
Se a méta transgredi; e se me suspendo,
Volver-se-hão para mim serenos dias.
Da vida humana em mar tempestuoso
Só Virtude he fanal, só ella he pólo.
O' presente do Ceo, doce Virtude,
O' voz da consciencia, ó voz do Eterno,
Trazes ao Mundo a paz, sabor á vida;
Tu domas as paixões, tu me aproximas
Da suprema ventura ao grào supremo;
Em ti consiste o mérito, a nobreza;
Se tu não fórmas os brazões, são crimes:
No estado social mil bens derramas;
Quando sobes, da purpura cuberta,
Ao Solio huma só vez, ditosos póvos!
Mui raro este espectáculo gozárão
Os miseros mortaes, quando no throno
Triste Roma hum só vio: ao Mundo escravo
Dictava o crime as leis, lançava os ferros;
Se teve dias d'ouro, os dias forão
Em que Fabricio, Cincinato, e Curio
O timão da Républica sustinhão,
E passavão da purpura a charrúa.
Só vio Sceptros sem ferro o Téjo undoso,

Lysia em mais de hum Monarca, hum Pai conhece:
No throno muitos vio lembrados sempre
Da condição mortal, qu' iguala a todos.
Ditoso o Cidadão, se o brádo escuta;
Que a Virtude lhe dá! Não ousa o crime
Amostrar-lhe o semblante horrendo, e feio;
Com pouco se contenta, e só deseja
O que á vida he bastante; o luxo ignora,
Inutil fructo do trabalho, e lida.
Sua alma he fera, he nobre, e alhêa ao trato,
Com que o vil lisonjeiro incensa os Grandes,
Ou Numes os suppõe, nunca lembrado,
Que homens nascem iguaes, e iguaes espirão;
Chame-lhe embóra escravos a soberba,
Da mesma fonte vêm, e a mesma terra,
A todos berço dá, sepulcro a todos.
    Onde existe a Virtude, a paz existe;
Se escuda o coração, feita em pedaços
Se precipite a máquina do Mundo,
Elle no peito impávido pulsando
Nem á vista do mal recêa, ou téme;
Fortuna he nome vão, Desgraça he nada:
Entre estragos crueis tranquillo existe,
Seguro na Virtude, o Varão justo,
Tenaz em seus propositos sublimes.
Tal o Cedro do Libano frondoso,

De soltos furacões accommettido,
Vergando açouta hum pouco os livres ares,
Mas nunca o bravo vento impetuoso
Lhe desarreiga o tronco encanecido.
Sobre as ruinas das paixões vencidas
Só constantes troféos ergue a Virtude.
O' Virtude, ó Virtude! As Monarquias
Terião bases solidas, e eternas,
Se em ti Legislador, se em ti Monarca
Firmasse as suas leis, firmasse o Sólio!
Nunca cega Ambição de lucto enchera,
Nem de estragos mortiferos a terra;
A torrente dos bens, jámais exhausta,
Déra outra vez ao Mundo a idade de ouro;
O estado social a imágem fôra
De huma familia só. Tal n'outras éras,
Entre os rebanhos seus, e entre seus filhos,
Viveo tranquillo o ingenuo Palestino;
Era o Monarca pai, filho o vassallo;
Triunfos da Virtude, Heróes eu vejo;
(Quanto o pudérão ser, antes que a eterna
Sanctificante luz dos Ceos baixasse.)
Sabe formar só ella o Heróe perfeito.
Tão escrava não fez o Crime a terra,
Que não tivesse hum Sócrates Athenas,
E entre o furor sacrilego das armas,

Ao menos hum Themístocles não visse.
E do Ostracismo a victima não fòra
Aristides modesto. E tu, das Gentes
Soberana n'hum tempo, agora escráva
De hum Déspota (1) brutal, Roma, contaste
Entre immortaes Demócratas a muitos
Alumnos da Virtude austera, e santa;
Régulo vejo prodigo da vida,
Marcello igual na Patria, e no desterro,
O inflexivel Catão, que a liberdade
Préza mais do que a vida, e mais que a gloria;
E o derradeiro dos Romanos todos,
Em que Eloquencia, e Roma se acabárão;
Tu grande até na Corsega entre ferros,
Teu sobre-humano estylo amar me obriga
No seio da desgraça o honesto, e justo.
Meditação profunda! ah! tu me ensinas,
Que immortal puro espirito me anima,
Que he minha herança a luz da intelligencia,
Que he dos humanos dote a fantasia,
Só della effeitos são sublimes artes.
Entranhado em meu ser conheço, e vejo
Que he delle tymbre, he hábito a virtude;
Se da esfera em que vivo o ambito abraço,

(1) Bonaparte.

Em mim sinto hum pendor, e escuto hum brado
Que incessante me chama, e chama a todos
A' posse da ventura, immovel pólo,
A que ólha immovel sempre a essencia humana;
Dos projectos mortáes o escópo he este:
De força immensa estimulo potente,
Que nos faz affrontar trabalho, e mórte,
Que em lide perennal, em ancia eterna,
Nos agíta n'hum circulo continuo;
Por ella sem pavor Guerreiro empunha
A scintilante espada, e o Pegureiro
Por ella vága nos alpestres montes.
He voz da Natureza esta conquista,
Huma apparencia vã, hum vão fantasma
Da buscada Ventura, isto só basta
A' alma anhelante; em extasi os sentidos
Vão após esta sombra: e acaso he sombra
Quanto na Terra se chamou Ventura,
Doce bem dos mortaes que buscão todos?
Dos prazeres na posse acaso a encontra
Entre os jardins frugaes parco Epicuro?
Das paixões na victoria acaso existe?
Assim profundo Séneca me exclama,
Da Natureza suffocando os gritos.
Na privação do mal ventura encontra
Consular Orador: este o seu brado,

Quando entre mil hypótheses suspenso
Eloquente Académico disputa.
Mas nem do mal izento, ó Tullio, existes;
Tu dás as Leis a Roma, e Roma ao Mundo;
A teu aceno rigidos Lictores
Deixão cahir a Consular secure
Na humilhada cerviz de hum Réo tremente;
E o negro mal a purpura que vestes
Em grossas ondas de veneno ensópa.
Do mal, que existe, victimas são todos,
Deo o crime esta herança á Natureza;
E deste negro pantano corrupto
Sahe triste exhalação, que o Mundo envolve:
Não vêm o mal dos vinculos estreitos,
Que em civil sociedade os homens ligão;
Penetrante Espinosa, Hobbes sombrio,
Vê que se encontra o mal té nos tranquillos
Homens da Natureza, inda dispersos,
Inda errantes, e sós nos virgens bosques.
Hum crime universal de hum pai perverso
Não vem da Sociedade, he erro, he sombra,
Paradoxal opinião, que adoptas!
Não forma a essencia da ventura hum nome,
Que ou a mão da lisonja, ou da vaidade,
Cinzela em pedestaes de jaspe, ou d'ouro.
Acaso abraça imagem da ventura

Esse que entre o prazer, a pompa, o fausto,
Comsigo o crime levantava ao throno
Banhado em sangue d'hum Monarca justo?
Esse que assignalou do Imperio o termo
Baltico e Tibre, Bósforo, e Oceano?
Ah! Se no abysmo penetrar pudesse
De seu ralado coração, só vira
Dentro lide maior que a guerra insana,
Que cobrio de cadáveres a Europa:
E se houve escravo desditoso, he elle!
Abandonado, e só entre innaccesas
Róchas batidas do fervente Oceano,
Vê seu Diadema fósforo brilhante,
Cuja instantanea luz só mostra abysmos;
Só descobre ante si punhaes, e furias,
E, erguido sempre o braço, a espada nua,
Que a injuria universal vingue em seu sangue.
Entre somno inquieto o assusta o raio
Da vingança do Ceo nas mãos da Morte.
Posto no throno, aos olhos da ignorancia
Parece que he ditoso, e que seus dias
Tecem de fios de ouro amigas Parcas;
Porém se a vista da Razão penetra
A superficie vã da falsa gloria,
Ancias sómente vê, pezares, luctos.
Dentro em seu seio turbido, agitado

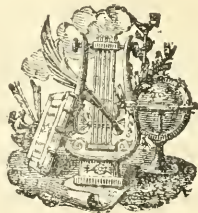
Dos romorsos a vibora s'enrosca.
Seu mesmo coração da affronta vinga
Tantas Nações gemendo, e tantos Povos,
Que em ferros a seu carro atadas forão.
Da instavel Sorte a subita mudança
Em si vê de contínuo, em si contempla
Mário entre os restos de Carthago occulto,
Que o triste pão mendiga, onde a Victoria
Lhe cingira de louro, outr'ora, a fronte;
Em si vê Sylla, que, deixando Roma,
Comsigo mesmo leva os crimes todos;
Algoz no coração, n'alma tyranno,
Não Sylla Consular, mas Sylla obscuro,
Inda he seguido das funestas sombras
Das victimas, que déra outr'ora á morte;
Seu ferro as degolou, e inda o não deixão,
E vão turbar-lhe a paz no inglorio asylo.
S' inda lhe lembrão barbaros, que fórmão
Hum Senado servil, o susto, o medo
Lhe faz ver os punhaes nas mãos d'Arena,
E nelle hum Cassio vê, descobre hum Bruto,
E cuida tropeçar no corpo extincto
De Julio; que inda ensópa, e que inda banha
No sangue, que espadana o peito aberto.
Se medita os Annaes da excelsa Roma,
Já não vê Scipiões, não vê Marcellos

Onde estude o valor, virtude aprenda.
Só vê, só vê Caligula, ou Tiberio,
A quem nem solidões, nem fausto podem,
Aquietar no combatido peito
De amargosos cuidados a tormenta.
Olha em Sejano a victima do Povo,
Que insulta, e piza o pálido cadaver,
Que nem aos mudos mármores perdoa;
A imagem lhe detesta, o nome apaga;
Nem descobre Adriano, ou Tito, ou Nerva,
Antonino, ou Trajano; observa a Nero,
Nero sómente vê, que foge á pena,
Tão deixado, e tão só, que até não acha,
Quem de Roma, e de si co' a morte o livre:
De hum Nero he digno algoz a mão d'hum Nero!
Vê de Cheréa a lamina fulgente,
Que se embacía no espumante sangue
Do atroz Domiciano, á morte entregue,
Apenas plebe vil temeo seu throno.
Se nunca vio a imagem da ventura
Esse, que desde o pó subio a hum Solio,
E hum Sceptro sustentou molhado em sangue,
Que a seus pés as Nações prostradas teve,
Mas sem contar hum coração vassallo,
Será ditoso o Aulico assustado,
O valido inquieto, a quem Fortuna

No circulo de hum dia eleva, e piza ?
Será feliz o misero opulento
De hum thesouro fatal senhor, e escravo ?
Será feliz o sabio, que envelhéce
Curvado, e mudo, e só no estudo, e volve
Escritos immortaes da Grecia, ou Roma,
Da sciencia os depositos sagrados,
Que, amigo dos mortaes, continuo illustra
Com seu douto suor, e estudo o Mundo ?
A Inveja cega, e turbida, envenena
De huma illustre existencia os aureos dias :
Viva embora na sombra, e no retiro,
Saiba humilde esconder-se, e ser obscuro ;
Lá mesmo irão rasgar-lhe o seio ingénuo
Hervadas settas da Calumnia impura.
Nem parco Agricultor volvendo a terra
Solitario entre montes e arvoredos,
A quem nenhuma culpa, e nenhum crime,
Torna palido o rosto, o peito ancioso,
Que a Ambição desconhece, o Mundo ignóra;
A quem da Marcia tuba o som medonho
Jámais quebrára o somno repousado ;
Vive izento do mal, góza a ventura.
A ezistencia he prizão, desterro o Mundo :
Depois que a Culpa se apossou da Terra,
D'entre os homens fugio tranquillidade,

*

Aos Ceos se recolheo, donde baixára:
Lá nos dirige solida esperança,
Com seu lume immortal nos rege, e escuda
Até que surja o decretorio dia
De hum eterno prazer, e, immerso o Justo
No seio do Immortal, sem susto góze
Da que buscou celestial Ventura,
Que morada não tem no terreo Globo,
Onde Optismismo he fábula sonhada,
E sómente he feliz quem tem virtude.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

A MEDITAÇÃO.

CANTO II.

Eu pude entrar no pélago profundo
De minha mesma essencia ; e , quanto he dado
Ao mortal pensador , meu ser conheço :
Eu obra sou de Artifice supremo ,
Sou capaz de sciencia , e de virtude ;
Degradou-se meu ser na infausta culpa
Do primeiro mortal ; meu ser se exalta ,
De hum Redemptor no mérito , na graça.
Mas onde existo ? Que morada he esta ,
Que nem co' a mente , nem co' a vista abranjo
Sem que os sentidos na extensão se percão ?
Foge sempre a meus olhos o Horizonte ,
Por mais que o passo avance , e os olhos cancem

Na scena, que a luz mostra, a noite augmenta.
Tal foi o assombro, o extase sublime,
Que o primeiro mortal sentio primeiro,
Quando ao Divino assopro o inerte barro
Recebe a vida, as palpebras se rompem,
E a seus olhos brilhou do Mundo o quadro.
Do enthusiasmo férvido nas azas,
Qual sua alma voou, minha alma vóa;
Elle os Ceos contemplou, e os Ceos contemplo;
Profundamente meditando encára
Este insigne espectáculo do Mundo;
E neste quadro antigo, e novo sempre,
Como elle meditou, medito agora.
He este, he este o domicilio augusto,
Que o Divino Architecto aos homens déra;
Eu delle sou porção, eu nelle existo;
Em quanto os brutos animaes só fitão
Na terra os olhos, foi ao homem dado
A vista apascentar no ethéreo assento,
Descortinando a abóbada azulada,
Em cujo espaço immenso astros vaguêão:
Eu descubro estes Ceos, brilhantes pontos;
Safiras lucidissimas se engastão
Neste azulado interminavel fundo.
Do Eterno Braço producção primeira,
Bastou hum méro acêno, o Ceo se estende.

Portentosa extensão!... Continuo vôo
Sobre as azas de seculos immensos
Não me levára ao término, que a mente,
Cançada de voar, ousa marcar-lhe
Nas barreiras do Nada, ou Vacuo eterno,
Onde a congerie do Universo existe.
O' sombra augusta, escuridão profunda,
He Newton junto a ti, qual eu, quaes todos
Huns impalpaveis átomos obtusos.
Se lá chega a Razão, pára, e recúa,
Como assustadas retrocedem frias,
Se a arêa vão tocar, quebradas ondas.
    Nesta immensa extensão milhões de globos,
Em profundo silencio, em gyro eterno,
Sem encontrar obstaculo caminhão,
E a lei primeira, que escutárão, guardão:
Como surgírão na primeira noite,
Inda surgem agora, e aos olhos brilhão,
D'extasiado Astrónomo, que véla,
No silencio da noite, absorto, immerso
No quadro encantador. Descubro, e vejo
Astro origem da luz, que fórma o dia;
Este o mais bello dos objectos todos,
Que o mortal domicilio afformosêão;
Nem póde a vista em magestade tanta
Deter-se hum pouco, e supportar-lhe os raios!

Se onde as Estrellas fulgurantes brilhão
Longe andasse de nós, fôra hum só ponto;
E como ellas são centro, he centro a globos,
Que gyrão delle em torno, e a luz lhes presta.
Ao choque horrivel de Cometa errante
Forão delle arrancados... (o delirio,
Que tão grande te fez, ministro augusto,
Da Natureza interprete profundo,
Este aos Planetas nascimento márca!)
Avivadora chamma! A escura Terra
De luz se banha, se elle nasce, e logo,
Se elle desce dos Ceos, s'envolve em sombra,
Da noite se desdobra o véo profundo,
Melancólico lucto encobre o Globo!
 Assim te vem meus olhos; mas a mente,
Que junta em si dos seculos o estudo,
(Que desde Athenas ao Tamiza vôa,
E aonde o Arno espraia as vitreas ondas,
Comtigo, ó Galilêo, sóbe ás Estrellas)
Vai de perto encarar-te, e ver-te, immóbil
Massa abrazada, pélago insondavel
De fogo liquidissimo, que, apenas
Rodando, a Terra, no seu eixo, a face
Te mostra, em vibrações tua luz lh'envia;
E vestem-se apartados horizontes
De multiforme côr; e os véos se enrolão,

Que desdobrára no hemisferio a Noite.
  O' fulgurante Sol! Figura, emblema
De esplendor immortal! E's delle a copia;
Vate inspirado em ti seu throno observa;
Symbolo és vivo da bondade eterna!
Com chamma ardente, e pura, o Mundo aclaras,
O cáhos foge, se lhe a face amostras;
Os entes todos teu fulgor aviva,
E purifica os Elementos todos:
Do sempiterno Artifice, de tudo
He cópia teu clarão; dardejas raios
Do vasto espaço aos ultimos limites:
Pelos ares diáfanos te espalhas,
Chegas do mar ao seio, aos astros chegas.
He teu calor manancial perenne
Dos thesouros, e bens, que a Terra ostenta;
Tu lhe envias mil dons, tu não recebes
Da Terra galardão; renasce, vive
A Natureza amortecida, quando
A's cavernas do Polo o Inverno foge,
E do throno dos ares desce á Terra
A Primavera envolta em rosea nuvem.
Sente-te a força a séve amortecida,
Plantas, arbustos, arvores abrólhão.
Tal o supremo Ser, de si principio,
De si mesmo se nutre, e se sustenta:

No throno eterno triunfante sempre ,
Do Tempo affronta a sanha , e quebra a foice.
De ti se entorna o fogo , e a cópia ingente
Não te enfraquece a força igual , e eterna ;
E brilhas tanto luminoso agora
Como brilhaste no momento, e dia ,
Em que á vóz do Immortal prompto acudiste ,
Que te chamava do confuso Nada.
Ergues (se a vista creio) a excelsa fronte ,
E os inflammados horizontes cortas ,
Sem transgredir os Trópicos , em ponto
Sempre diverso , e variantes sempre.
Infatigavel sempre a noite, e o dia
Publíca sabias leis , e a Natureza
Ao decreto obedece , e a voz escuta
De seu supremo Author. O Sol lha entende ;
D'onde hoje solta a rapida quadriga
Não avança á manhã , sem que transponha
Entre immudaveis terminos a méta ,
Onde deve chegar. Se acaso a toca ,
Eis volve , eis guia o coche ao Polo opposto.
No éther liquidissimo pre-sente
Reguladora mão , que o traz seguro
Pelo espaço da Ecliptica brilhante :
Depois de tantos seculos , intacta
Conserva a mesma luz , sem mancha, ou sombra.

Do frigido Saturno o globo ingente,
O portentoso annel, que o fecha, e cinge,
E as frouxas luas, que em continuo móto,
Qual brilha a nossa aqui, tambem lá brilhão;
Vivo, immenso calor do Sol recebem,
E a viva força da attracção lhe sentem,
Qual sentírão no instante, em que do Nada
O quiz chamar Architector Supremo.
O diluvio ardentissimo de chammas,
Que do nascente Mundo em quarto instante
Quiz o Immortal que derramasse, entorna
Da Creação no portentoso quadro.
Não falléce o Volcão de fogo ondeante,
Que sobre o eixo sem cessar se agita
Do grão astro central; materia immensa
Alli produz continuo a mão do Eterno.
A Razão te acabou, foge a meus olhos,
O' quimerica hypóthese da Escóla,
Rival de Athenas, que a Cidade honraste
Do Joven Macedonio obra, que encerra
Do Romano Pompêo choradas cinzas:
Calcão pés o sepulcro, a vista o ignóra;
Que a ferrea mão dos seculos estraga
Os letreiros do orgulho, e até ruinas!
E inda tempo ha de vir, que o nome acabe!
Vaidoso Ptolomeo manda que os astros

Tenhão por centro de seu gyro a Terra:
D'entre os gêlos Surmáticos hum Sabio
Volve os olhos ao Ceo, co' a mente os corre,
Devassa os penetraes da Natureza;
Salva do opprobrio a alampada do dia.
Do throno seu fantastico tirada
A Terra, já Planeta, e globo errante,
Gyra, tornêa o Sol, e, igual aos outros
Tristes globos sem luz, no espaço ondêa.
Do Planetar Systema, alvergue humano,
Tu foste, ó Sol, brilhante, immobil centro!
Tal te vio Galilêo, que ousado rompe
Esse véo, que a ignorancia outr'ora tinha
Lançado, audaz, no rosto á Natureza.
Olha aos Ceos Galilêo, rasga-se a nuvem,
Que a mente dos mortaes té alli cercara.
Estendem-se os confins do Ceo, do Mundo;
Assombroso Britanno, eis mede, eis marca
(Atrevido compasso!) o gyro aos astros;
Na creação descobre oppostas forças;
Huma só da tangente os globos tira,
Outra lhes manda descrever as curvas,
D'ambas a ellipse regular se fórma;
O Sol no centro pôz, e o Sol abrange,
Prende, sujeita em seu Imperio os astros
Vistos té agora no systema nosso:

Talvez que mais os seculos me mostrem.
Mas ah! que em vôo extático me elévo
Inda acima do Sol! Daqui descubro,
Ou quasi, quasi se me antolha a Terra,
Como n'hum prado estivo o insecto accezo.
Gyrar no espaço azul pequena, e muda!
O', desse globo habitadora, Alcippe,
De quem me lembro só, de quem contemplo
No compassado scintilar dos astros,
E magestoso móto, a imagem viva
De teu suave, angelico semblante!
Do carcere corporeo inda não sôlta
Minh' alma lá te deixa, e o vôo alonga;
Do pensamento rápido co' as azas
Transponho os claros Ceos, transponho os Astros;
Attende ao que medito envolto dentro
Do turbilhão dos lúcidos Planetas,
D'onde atrevido indagador alongo
Sobre quadros incógnitos a vista.
Cego! Que apraz cuidar que os Sóes, gravados
Por todo o esmalte azul a cento, e cento,
Sirvão só de espargir (mortal soberba!)
Inuteis, sem vigor, languidas luzes,
Quando a noite serena os astros mostra
No desdobrado véo, vasto, infinito?
Acaso as semeou do Eterno a dextra

(Tantas, e mais que o túmido Oceano
Ondas em si contém, e a praia arêas)
Só porque as roupas lúgubres recamem
Da noite muda, e triste? Oh sempre incertas
Conjecturas mortaes! Póde ignorante,
Não polido Pastor, que vê d'hum tronco
D'alta faia assombrar co' a frente ao longe
Nobre cidade as nuvens enroladas,
Julgar inhabitado, e solitario
O pomposo espectáculo, que avista,
E povoada a misera choupana,
Onde do Inverno inoperosos dias
No seio passa da familia inerte?
Tão estreitos confins não sente o Mundo!
Mil vezes solitario, e pensativo,
Cançado do fervor d'árido Agosto,
Já quando posto o Sol, bafagem doce
Se derrama no ar co' as mudas sombras,
Sobre a relva odorifera me assento,
E no vasto painel da noite umbrosa
Meditador tranquillo os olhos fito;
No pomposo espectáculo me embebo;
Esquecido de mim, rapidas horas
Do repouso enganei filosofando.
Absorto exclamo então: Talvez que o mesmo
Quadro, que a Lua aos olhos me offerece,

Ora que em coche argenteo as sombras córta ,
Tal de lá me mostrára o terreo globo ,
Se hum momento ao satéllite voára!
Elle errante tambem , e ao Sol opposto ,
Ora todo illustrado , e logo em parte ,
De igual figura , e similhante marcha ;
Tambem fases análogas lhe vira ,
Quaes na Lua estou vendo , argenteos rios ,
Ilhas dispersas , máres , promontorios.
E não será de habitador estranho ,
Qual vejo a Terra , povoada a Lua ?
Diverso clima embora eu me affigure ,
Vapor mais denso , ou raro , e outro diverso
Palpitar de pulmões , e estranha fórma ,
Ao circumfuso fluido ajustada ,
Em cárcere mortal , substancia eterna,
Alma d'ordem sublime em corpo humano ,
Que o quadro possa meditar da immensa
Pasmosa creação , qual eu medito ;
Que calcule da Terra a marcha incerta ,
Qual eu de seu Planeta a marcha indago ;
Que alli se alvergue extatico Poeta...
E que não póde o braço Omnipotente
Do Eterno Animador , se novos Mundos
Elle póde crear , mandando ao Nada
Que encha d'Astros os Ceos , de luz os Astros ?

Se remontada fantasia póde
Publicar teu louvor, teu nome, e gloria,
He este o hymno da grandeza tua,
Sempiterno Motor. Seu pezo immenso
A' mesma fantasia encolhe as azas,
Ao pensamento ousado o vôo encurta.
Eu neste abysmo immensural me perco!...
Globos, que o Mundo Planetario formão,
Que os já passados seculos não virão,
Que Hérschel não pôde achar, que Olbers descobre,
Que os immensos periodos não podem
N'hum seculo acabar, que errantes gyrão,
E deste immobil Sol recebem luzes...
E Astros, Astros não vistos, que recebão
D'outros Sóes o clarão; Globos que sejão
De pensadores Entes domicilio,
Que adorem como nós, que incensos queimem
Ao sempiterno Author, que rege o todo...
Oh sublime delirio! A mente acceza
Rompe os estreitos circulos, que ao Mundo
Os débeis orgãos visuaes lhe márcão.
Tantos brilhantes Sóes, tantos Planetas
Da vida habitação, qual gyra a Terra...
Nunca mais digna ao pensamento humano
Idéa se amostrou... De hum Deos a gloria,
Como hum brado sonóro, os Ceos publicão...

O silencio profundo, a magestade,
Com que em si mesma esconde a Natureza
Seus mysterios, seus dons, me assusta, e prende...
Debalde julgo que no espaço inertes
Brilhão dispersos lúcidas Estrellas,
Quaes contemplo entre os véos da noite umbrosa;
Se este mesquinho globo alvergue fosse
Da nobre imagem do Immortal sómente,
Ah! quão mesquinho globo, inda que aos olhos
Da vaidosa ambição vasto pareça!
Pois quasi confundido, e quasi ignoto
Correndo vai no Ceo, qual vái de arêa
Pequeno grão rodando em ar vazio
Nas leves azas rapidas do vento,
Do calmoso Verão nas longas tardes;
Assim gyra, assim corre ignoto, escuro
Entre maiores lucidos Planetas,
Que tem por centro o Sol no espaço immenso...
    Oh soberbo mortal! jámais te abastas
De grandeza, de titulos, de gloria!
Chegue teu nome embóra ao tardo Arcturo,
Onde o gelado habitador divide
Grosseiro pasto com medonhos Ursos,
Da tua gloria, dize-me, que sabem
Da Lybia adusta as torridas arêas?
Triunfador exercito te siga,

Antes que hóra suprema o regio manto
Nas urnas sepulcraes esconda, attende,
Quão pouco avultes no fastoso, e rico
Marmóreo Paço ignoto a Bactro, e Thule,
Aos longiquos antípodas ignoto,
E inda a tantas nações: hum ponto occupas
Na Terra, que tu vês, átomo apenas
No interminavel ether vagabundo,
Onde outros astros rápidos s'engolfão,
Distantes entre si, remotos tanto,
Que ao pensamento as azas se affadigão,
Se os quer seguir nas solidões do espaço.
    Ah! Que me alongo mais! Descubro ao perto
Frouxamente movendo-se a tardia
Do frigido Saturno ingente massa!
Eu pararia attónito se ousára
Calcular, e medir o espaço immenso,
Que me separa do terrestre globo!
Em seculos, e seculos não fôra
Inda proxima aqui balla, que acceza
Parte do bronze militar, que o mesmo
Incalculavel impeto levasse,
Com que toando sahe, e os ares córta.
    Mais se me escalda a viva fantasia!
Os mundos que eu deviso, os Ceos que eu tóco
A' mente emprestão desusada chamma!

Teu fogo, ó Milton, teu transporte he frouxo,
Teus quadros ideaes cedem na força
Aos que Verdade, e Natureza ostentão!
Remonto os vôos, que animoso eu sólto
Inda além de Saturno, além dos tárdos,
Quasi opácos satellites, que o cingem.
Do Sol o Imperio deixo, inda me avanço
Além de Urano aos terminos da esféra.
Rasgão-se os véos impenetraveis, novas
Maravilhas descubro, e scenas vejo.
Tal acontece ao navegante, quando
D'onde inda não salgado o Téjo corre
Em ligeiro baixel vem, manso e manso,
Rompendo a vêa das ceruleas ondas,
Que pouco a pouco a desigual marinha
Começa de observar, e a ruiva arêa,
Onde inda vivos, prateádos peixes
Lança contente o pescador insómne.
Subito o Téjo aurifero, espraiádo,
E largo, e fundo, e procelloso, e turvo,
Como assombrado vê: volvem-se ondeadas
Nos altos tópes flamulas ligeiras
Das velívolas náos: mais denso hum bosque
Já vê de perto; na ferrada prôa
Jaz mal seguro o descorado medo
Do mercador aváro; em tanto objecto

*

Confusa a vista, e trémula se perde:
Se elle cruzára a foz, a immensa vira,
Perdida ao horizonte, azul planicie,
E na vasta extensão, turvado, absorto,
Julgára haver tocado o termo ao Globo.
    Tal he d'alma a illusão, e inda s'estendem
A mais, e mais os terminos do Mundo.
Assim minha alma se despréga, e sólta
As livres azas no estranho espaço:
Vê novos Astros, rubidos Cometas
Vagando por excentricas ellipses;
Outra Esfera, e Planetas, e outro Pólo.
E tanto s'esmerou Motor Supremo
Em formar ao mortal Palacio, e Côrte!
Eu vejo... e perto do abrazado Sirio,
Das fabulas do Pindo inda lembrado,
Cuido ouvir o latido ao cão de Pócris;
Mas que delirio! He Sol mais rico, e farto
De luzes que esse Sol, que a Terra aclara,
E que visto de cá parece apenas
Sem fogo estrella turbida, sem luzes,
Sem quadriga, sem rapidos Ethontes,
Quaes eu da Terra vi no espaço as outras!
    Inutilmente me affadigo! Ajunto
Novas cifras a calculos eternos,
Nunca o compasso de Archimedes chega

A descrever o circulo espantoso
Onde, quasi perdida, a Terra observo,
E desde cá n'hum ponto o pensamento
O espaço immenso córta, e a Terra encontra.
Tal he d'alma o poder, substancia etherea,
Que nos caducos véos inda envolvida,
Da origem se recorda, inda conserva
Hum habito divino, e só n'hum ponto
Sem mudar de lugar, gyra volante,
Se muda o pensamento! Ella nas tristes
Casas penetra da espantosa morte,
Quebra os ferrolhos de diamante, e dentro
S' entranha nos abysmos, e retórna
A ver os claros Ceos. Do Hydaspe, e Ganges
A's margens corre, pelos Reinos vôa
Da molleza, e do orgulho, e vai mil vezes
Passear sobre o Iris, e contempla,
Desde o curvo listão, da chuva, e gêlo
Os immensos depositos, e logo,
Nas igneas azas do trovão ruidoso,
Desce, e correndo no sulfureo trilho
O raio segue sem temor, e prompta
Nas ondas se mergulha, e busca, e mede
O fundo escuro do Oceano ondeante.
As nuvens fende, intrepida voando,
Mais longos dias, vagarosos annos

D'outros astros na esfera indaga, e conta!
Feliz aquelle, que ao mordaz cuidado,
A mil pezares turbidos dest'arte
Se souber esquivar! E mais ditoso
O que das cousas conhecer as causas,
Pondo abaixo dos pés o Fado, a morte!
    Mas inda mais distante, inda mais longe
Posso da Terra separar-me: he Sirio
A mais chegada a nós, mais clara estrella
De quantas o ceruleo esmalte bordão.
São milhões, e milhões! Que Hyparco póde
Reduzillas a calculo seguro?
Distantes entre si, quanto he distante
De Sirio o nosso Sol, La Lande diga
Que immoveis centros são de opácos globos;
Que são brilhantes Sóes na luz, na massa
Iguaes ao nosso Sol: Tal ao profundo,
Portentoso Demócrito, dos Mundos
A imagem se amostrou, e outr'ora Athenas
Taes mysterios ouvio. O' Grecia, ó Grecia,
Em ti seu throno a Sapiencia teve;
Mas onde existes tu! E's cinza; apenas
Dos sabios na memoria, ou nos escritos.
Ah! se do mar Egêo sulcando as ondas
Eu fosse agora! Da mudada Grecia
Apontára á ruina, e assim bradára:

" Além se abria , e se encurvava o porto
Do famoso Pyrêo ! No mato espesso ,
Que entre pedras além se enláça , e cresce ,
As lizas Faias , Plátanos viçosos
D'Epicurio aos Jardins já derão sombras.
De riso , e de prazer Filosofia
Cercada alli buscou summa Ventura
Nos braços da Virtude , ou da Indolencia.
Inda além surgem Porticos quebrados ,
Lascados capiteis de héra cingidos ;
De cahido sobrolho , e de rugósa
Pálida tez , moral Filosofia
De Zeno ao lado passeava outr'ora.
Além , naquelle inculto ermo espantoso,
O Peripáto foi , onde o profundo
Pensativo Aristóteles obteve,
Das mesmas mãos da Natureza , a chave
Dos primeiros salões do immenso alcaçar.
Naquelles restos de edificio augusto ,
Onde entre as sombras da calada noite
Os môchos melancólicos revôão ,
Harmoniosos canticos s'ouvirão
Dos Cysnes immortaes de Papho , Gnido. ,,
Oh ! Destinos mortaes ! Morrem Cidades ,
Os Reinos morrem , não existe a Grecia ,
Nem filhos seus , que rastejárão tudo

Quanto depois os seculos mostrárão.
Mas seus olhos tapou nevoa sombria,
Que mui tarde entre nós rompeo o acaso!
Dos Ceos correr a estrada incerta ousárão;
Porém, quaes nautas timidos, que ao longo
Da praia as náos velívolas guiavão,
Antes que vissem que incessante ao pólo
A sympathica pedra se volvia,
E com virtude incógnita apontáva
A' não banhada estrella no Oceano,
Sempre immovel fanal, que a novos Mundos
A vereda aplanou. De Grecia, e Roma
Foi muito frouxa a luz, nos Ceos não pôde
Tanto além caminhar que os astros visse,
Que o luminoso Jupiter circundão,
Que tu só, Galilêo, de Urania filho,
Tu, brazão do saber; de ti sómente
Discipulo immortal, mostraste ao Mundo,
Vagando pelos Ceos, nos Ceos mais astros
Aos homens quasi incredulos mostraste:
Pertinaz Magalhães, nas salsas ondas,
Té do humano valor transpondo as métas,
Assim descobre a incógnita veréda.
Ao denodado navegante móstras
Té alli não vistos astros, e com elles
Abre o trilho no mar. Por elle, ó Gama,

Tu puderas melhor o aspeito horrendo
Ir affrontar de horrisonas tormentas
No Cabo Austral, que fecha a Africa ardente;
Cortarias ao largo o intacto Oceano;
Mas para abrir as recatadas pórtas,
Puniceo berço da orvalhada Aurora,
Foi Pólo o teu valor, teu peito os Astros.
Quantas s'off'recem lúcidas esferas
A meus olhos attónitos! Bem como
Do pomifero Outono em doces tardes,
Quando o Sol já declina, me aprazia
Sentar-me junto do espelhado lago,
Em que travados louros se debrução,
Se os nadadores peixes á porfia
Queria ver sahir do fundo escuro,
Hum pomo lhes lançava, e de repente
Naquella parte, e nesta esferas cento,
E concentricos circulos se fórmão;
Taes espalhados no grão vácuo eterno
Vejo ir rodando lúcidos Planetas,
A quem dá luz do centro immóbil Astro,
E com força centrípeta os regúla;
Com ella a curva elliptica descrevem.
Tantas constelações de estrellas vejo,
Que, da terra distante, inda confusas
Nos sonhados confins do espaço existem.

Deo-lhes o nome o fabuloso Egypto;
Deo-lhes a fama a Grecia aduladora:
O pensativo Astrónomo lhes chama
Inda Ariadna, e Berenice, e Electra;
Inda nellas transforma o Capro, o Touro;
Nellas o nome dos Heróes conhece.
    Mas á esfera Solar já volvo as azas:
Co' a frente recolhida, immoveis olhos,
Dentro em minha alma absorta se atropelão
Dubias idéas, vastos pensamentos;
Debalde intento interrogar-me... eterno
Silencio, escuridão no seio esconde
Tudo o que além do espaço a mente anhéla;
Barreiras á mortal intelligencia
Não superaveis, não, e além não chega
Batendo o Tempo as azas; e as fechadas
Portas em gonzos de diamante, eternas,
Fazem tornar atrás confusa, e muda
Livre imaginação, que aos astros vôa.
Inexperto desejo em vão se inflamma,
A sede não lhe estanca o prompto engenho,
Nem o nocturno folhear dos doutos
Volumes, que deixára, ou Grecia, ou Roma,
Doce conforto da existencia minha
No seculo do sangue, e das ruinas!
Eu posso, se me apraz, das grossas nuvens

Saber a formação, saber as causas;
Co' as forjas atinar do accezo raio;
Porque tardo se môva o frío Arcturo,
E porque tanto co' a fulminea espada
Ameace Orion. E acaso entendo
O que era, o que existia, quando os Seres
Não tinhão acudido á voz suprema
Do Eterno, que os chamou? Bradou-lhes; logo
Ante seus olhos subito se mostrão,
Nada sendo até alli. Mas que existia
Onde ora alpestre monte a espadoa eleva?
Onde se espraia o mar, onde hoje he terra?
Onde o sereno Ceo se arquêa aos olhos?
Onde ródão os Orbes, que os ethereos
Campos enchem de luz? Qual eu ficára,
Se no Dedaleo labyrintho entrasse,
De volta em volta errando, aos mudos troncos
Eu perguntára em vão: tal me parece
Que confundido, attónito vagueio
Co' o pensamento pela noite, e vácuo
Immenso, indivisivel, onde existe
Tudo o que abrange o Ceo, e os Astros todos.
He Deos, sómente he Deos, que encerra, e fecha
Dentro em si mesmo a vasta Natureza;
Dentro da sua immensidade existe.

Eia, cançado de lutar co' as sombras,

Pelo disco do Sol desfiro os vôos;
De novo córto as órbitas aos Astros,
Atrás deixo Saturno, e Jove, e Marte;
Improviso clarão meus olhos fére;
Não resurte de Febo: o Ceo brilhante
Não guarda os Astros lucidos sómente,
Que a nossos olhos subito fulgúrão,
Quando a noite desdóbra o véo sombrio.
Quem poderá marcar limite, ou termo
A's producções do Artifice supremo!
O Eterno creador de immensos córpos.
O espaço povoôu, torna mais bella
Dest'arte a etherea cúpula, que cobre
Este, onde existo, domicilio augusto.
Eu vejo o rubro, pavoroso aspeito
Do turbido Cometa: he Astro errante,
Mas tem leis inda incógnitas aos homens;
Porque inda tantos seculos não bastão
Para expôr, conhecer prodigios tantos.
Talvez que essa por vir remota idade
Se admire, e zombe da ignorancia nossa.
Não és, brilhante Sol, centro a seu gyro;
Das leis da gravidade aberra, e fóge,
Que dentro em teu Imperio os globos seguem;
Livre, e nos Ceos Demócrata se tórna;
Só visivel a nós, se o ponto marca

De sua ellipse excentrica chegado ,
Quanto parece , ao circulo , que a Terra
No gyro seu descreve ao Sol em torno :
Assim longos periodos renóva
No espaço onde se perde a mente , e a vista.
Eu não deliro , não ; que estro divino
Se diz que o peito aos Vates senhorêa ;
E se atégora incognito o Cometa
Foi do Portico ao Mestre , ao de Estagíra ,
E ao grande Preceptor do ingrato Nero ,
E a quantos o Tamiza , e o Sena honrarão ,
E aos que do Arno illustre aos Ceos subirão ,
Ao da ignorancia victima innocente ,
Que da escura prizão deo luz ao Mundo ,
Talvez não longe da verdade as azas
Desfira eu Vate extatico , que subo
Inda além dos confins , onde não chegão ,
O' sabio Halley , teus cálculos , teus vidros.
Se cada Estrella he Sol , e he centro a muitos
Rotantes globos , que descrevem curvas ;
Porque do immovel Sirio , ou d'outra Estrella ,
Proximo ao Sol passando algum Planeta
Tão longe de seu centro , como vemos
Que anda longe do Sol remóto Urano ,
Não seja o Astro , que se diz Cometa ?
Ao systema solar corpos estranhos

Na ellipse, e na parábola descobrem
Com marcha irregular diverso centro,
Constantes em voltar, mostrando ao Mundo
Em marcádo periodo seu rosto,
Já dos mortaes ao cálculo sujeito.
Se alguma vez desmente as esperanças,
Se a nossos olhos foge, não culpemos
De indocil o Cometa, a grossa nuvem,
O ar sombrio, e denso, os aureos raios
Do luminoso Sol, á vista o furtão.
Sanhudo aspeito, a crina affogueada,
Effeitos são da luz, que se refrange,
Para o vulgo ignorante assombro, e susto;
O Astronomo só vê do Sol os raios
Quebrados n'atmosfera, que circunda
Com seu vapor diáfano o Cometa,
Que, inda que ignóto em marcha aos homens seja,
Volve-se ás outras producções coévo;
Não he vapor, nem subitaneo fogo...
  Póde o erro julgar que hum corpo estranho,
Que os desertos do espaço errante corre,
De estragos precursor se mostre ao Mundo?
Que desta áquella mão transfira os Reinos?
Que dê de Babylonia o sceptro a Cyro?
A Alexandre o Oriente, a Roma o Mundo?
Que retalhe de Roma o Imperio immenso?

Que faça que em Farsalia o Sogro, e o Genro,
(Tumultuoso pár!) dispute o Globo?
Da exterminante guerra não são elles
Os precursores hórridos: sómente
Dos homens a ambição, o amor da gloria,
A avareza, o rancor; este o Cometa,
Que muda a face ao Globo, o sangue entorna.
Não vejo fulgurar nos Ceos a espada,
Nem do abrazado rosto a chamma ondeante,
Que hum pregão de furor se antolhe ao Mundo;
Mas vejo fumegar de sangue hum rio;
Do Téjo, e do Danubio a margem fria
Vejo theatro da medonha morte;
E, sacudindo o viperino açoute,
Rompe negra Tisífone do Inferno,
Quando ambição frenética no Sena,
Unida ao Filosófico delirio,
Quiz nivelar as condições humanas,
Do Pastor fazer Rei, do Rei vassallo.
Ouvio a Furia o rebellado grito:
Sentada estava do Cocyto horrendo
Na margem negra, permittindo ás cóbras
(Da espessa grenha funeral toucado!)
Que hum pouco lambão as sulfureas ondas;
Ouvio, e erguendo a frente as serpes silvão;
Eis que, rasgadas as Tartareas sombras,

Das fauces d'hum volcão se lança ao Mundo;
O dia, que a sentio, se muda em noite;
Della, e da França o rosto o Sol esconde.
Com bramidos horíssonos a Terra
Sente o pezo do monstro, e em si vacilla.
Mais grossos turbilhões de fumo, e chammas
As montanhas ignívomas lançárão;
O Gate, o Tauro, o Caucaso tremêrão;
Toôu sem nuvens, e bramio sem ventos,
Sem tempestade o turbido Oceano.
Tápa co' as azas os purpureos ares;
Sobre os Alpes affrouxa o vôo, e pousa.
Abre co' a ferrea mão de Jano as portas,
E o pavoroso manto desabrócha,
Que ao peito lhe atão áspides medonhos;
Delle derrama a peste, a fome, a guerra,
Solta-se, ondêa a tricolór bandeira,
E, quasi aos golpes do primeiro raio,
Já clama a Morte de assustada: Basta.
Tantas victimas cahem, tantos alastrão
Dessangrados cadaveres a terra!
O mar se sobresalta, o mar se espanta
De ouvir continuo os horridos bramidos
Dos vulcaneos trovões; ficão cubertas
De tristes restos náufragos as praias.
Rompe a Furia do Báltico os regêlos,

Chama do frio Pólo a guerra, a morte.
Nunca o Pó velocissimo, que as agoas
Sente engrossar co' a neve, que nos Alpes
Descoalha o Sol, tão rapido se lança
No Adriatico mar, como furiosas
Da gellada Siberia as Hostes correm,
E vem pizar do Tybre a marge' inerme,
Da grandeza Latina inuteis restos!
Vem outra vez da frígida Livonia,
Da Escandinavia barbara os Guerreiros
Trazer nas mãos o ferro, o raio, a morte.
Treme o berço de Tytiro, e se cresta
Do Cantor immortal o louro em Mantua,
Quando os canhões horrísonos vingárão
O juz dado á maldade, e dado ao crime.
Novo Annibal do Pólo assusta, e piza
Não generosos Consules, mas féras;
E a corrompida Gallia agora sente
Estragos mais crueis, que Roma outr'óra
Sentira em Trazimeno, em Trebia, em Cannas.
E quanto sangue, e lagrimas entornas
Inda atégora, espavorida!
Hum Cesar, só no vicio, inda fulmina
Injusta guerra; barbaros triunfos,
Que a perfidia lhe dá, de lucto cobrem
Triste mãi, triste esposa, e filhos tristes.

Eia, eu remôvo do sanguineo quadro
Olhos, que á dor as lagrimas não negão;
De Marte á vista turbida se assusta
Tranquillo espectador da Natureza.
A quem repouso apraz silencio he Nume:
O pavoroso estrepito da guerra
Atemorisa accezo enthusiasmo,
Affrouxa, estancã os impetos do genio.
Volvo ligeiro ao Sol, eu torno aos Astros.
Abrem-se as portas do purpureo dia,
Rompe o globo da luz, e a luz s'entorna;
Incomprehensivel fluido, sublime
Obra das mãos de Artifice Supremo:
Inutil creação, se a luz não fôra!
Eccho primeiro da palavra eterna
Sobre o Cáhos troou, e o Cáhos foge.
A luz abrange os Ceos, e abrange os glóbos;
He seu imperio o espaço, e inda não posso
Deste imperio saber qual seja o termo.
Chega a meus olhos subito vibrada
Da violenta concussão dos raios,
Que, quando nasce, e gyra, o Sol derrama:
Corre, que assombro!.a desmedida estrada,
Que vem do Firmamento aos olhos nossos,
A' mente humana incognita substancia,
Visivel ao sentido, isto só basta.

Sempre a mão lhe convem d'agente externo,
E tudo nasce de sensivel causa.
Quantos objectos ha, que a vista encantão
Com tão pasmosas variadas cores,
São milagres da luz, e effeitos della.
Se vejo os toques do purpureo esmalte
Da rosa nos jardins, quando o mez volta
Do Touro roubador da incauta Europa;
Se o pálido matiz, se o roxo enfeita
A violeta humilde; se descubro
Sobre o lirio o candor da neve Alpina,
E o verde universal, que enroupa as plantas;
Se o vivo azul do Ceo no mar s'espelha,
Quando o bafeja Zefyro suave;
Se nas ondadas perolas observo
A variante côr de ouro, e de rosas,
Que d'Alva, ao despontar, no rosto assomão;
Ou dos rôxos listões, que afformoseão
Os doces apartados horizontes,
Quando o Sol quasi immerge o disco ardente
No seio undoso da cerulea Thetis,
A luz lhes dá belleza, e empresta as graças;
Que de si nada tem. Della procede
O magestoso meteóro, ornato
Das nuvens, e do Ceo, que o douto Côro,
Da Natureza interprete, e das Musas,
*

Chamou n'hum tempo a filha de Thaumante.
Era ignorada dos mortaes a essencia
Das côres, de que fórma o enfeite, e a gala
Da veste universal a Natureza.
Erros ouvio sómente a douta Athenas
Nos vergeis de Académo: o vasto Genio,
Por tanto tempo o Déspota da Escola,
Em erros deixa o Mundo, até que hum Newton
Os grilhões lhe quebrou com mão robusta;
Eu digo Newton, de Albion soberba
Tymbre illustre, e brazão. Pôde primeiro
Mostrar d'alta verdade a estrada ignóta;
Co' o vôo rapidissimo penetra
As estancias da luz, e a luz conhece,
E o grande arcano á Natureza arranca:
He frouxa, hé sem vigor Pieria chamma
Para seguir-lhe os extases divinos.
A refulgente luz, que aos olhos mostra
Quanto em quadros ostenta o Ceo, e a Terra,
Brilhava, e não sabida: em fim do excelso
Astro natal desceo Genio sublime.
Ethereos Cidadão do ethereo assento,
Invejai os mortaes! Newton descobre
As leis, que os globos tem; (pasmoso esforço,
Que o termo transcendeo, prescripto aos homens!)
Equilibrado nas robustas azas,

Gyrou do ether pelo campo immenso,
A luz foi descobrir na ignóta fonte.
Era, qual fora o Nilo á idade antiga,
Na fonte ignóto, na carreira visto.
Não de Estagira co' as ambiguas vozes,
Occultas leis, ou turbilhões sonhados:
Seguio sómente a voz da Natureza,
Só ella ao Templo da Verdade o léva.
Elle primeiro o disse, que as vistosas
Côres morão na luz, na luz existem.
Da luz diversas refracções nos corpos
Formão das côres o matiz diverso.
Ah! s'hum Anjo invejar pudera os homens,
Tão profundo mortal certo invejára!
Penetra nos umbraes da Natureza,
Rouba hum só raio á luz, e elle só basta
Quando, atravez do prisma crystallino,
Faz sahir deste raio as côres todas.
Ao claro aspeito da Verdade o Mundo,
Quebrados os grilhões do engano, exulta.
Tambem da antiga Escóla o douto orgulho
Ficou confuso; no sobrolho austero
Em vão lhe chammejou desgosto, inveja;
Debalde quiz com tétricos clamores
Oppôr-se á prova esplendida, e sublime;
O indagador da Natureza surge

Do somno, em que jazêo, rompe as cadêas
Da servil ignorancia, as azas solta
Apoz o grande explorador Britanno;
Ao fulgor da Verdade antigos erros,
A antiga opinião, qual sombra, fogem.
A imagem do prazer, nectar celeste,
Que banhava meu rosto, e o peito enchia,
Ou se esvaéce, ou se perturba hum pouco,
Ao ver do Sol o rosto luminoso
De triste sombra pálida cuberto.
Espessas manchas ondeantes gyrão
Pelo Oceano trémulo de fogo:
Novo segredo arranco á Natureza!
Sempre fervendo o Sol volve, e revolve
Hum pélago de chammas, desde o centro
A' extremidade liquida arremeça
Denegridos cachões de massa impura;
Então de espesso fumo a grossa nuvem
Embacía o clarão, que o Sol nos manda:
Descóra o rosto fulgido, e desmáia;
Em permanente eclipse s'escondera,
E sombra universal do Nada antigo
Sobre o Astro central prestes cahira,
Se Omnipotente mão, que rege os Mundos,
Não dissipasse os turbidos vapores,
Ou véo sombrio, que lhe affuma o rosto.

Nem outra origem teve, ou fonte, aquella
Medonha palidez, que hum tempo vira
Romano Povo heróe no rosto a Fébo.
Não foi por certo, não, de Jove a sanha,
Que no Sol quiz vingar de Roma o crime,
Como a voz da lisonja, em aureos versos,
Quiz o Mundo illudir no egregio Vate,
Quando o punhal da infausta liberdade,
Tirando á Patria hum monstro, a entrega a cento.
O sangue em borbotões rebenta, e mancha
O sceptro, que sustinha a Tyrannia:
Cobre o rosto co' a clamyde soberba,
E victima cahio de Roma escrava.
Jove não vinga o barbaro attentado
De caminhar por montes de ruinas,
E por ferros, que á Patria o jugo aggravão,
Ao solio encantador, onde orgulhoso
Ao Mundo avassallado as leis promulgue.
Ou foi insipiencia, ou foi lisonja
Honrar as cinzas do soberbo Julio
Com lucto universal da Natureza;
Mas a luz da Sciencia inda não tinha
Fulgurado entre os filhos de Mavorte;
Deixavão que outros de polidos bronzes
Os respirantes bustos levantassem;
Que os infiados réos das mãos da morte

Górgias, Isêo, Demósthenes remissem;
Só quizérão dar leis do Tybre ao Ganges;
O orgulho vencedor se rio mil vezes
D'ouvir nos doutos porticos de Athenas
Da sciencia os oraculos sublimes
De Zeno austero, de Platão divino.
Sylla Athenas venceo, lança-lhe ao cóllo
Dos escravos o ferro, e piza as artes.
Entrega Mumio ao fogo a alta Corintho,
Das chammas voracissimas são pasto
De Myron, de Polícrates os vazos,
E esses lavores immortaes, que levão
De Fidias, de Leucippo o nome aos astros.
Inda entre elles não tinha hum genio illustre,
Contemplador da Natureza, exposto
A vida por saber o arcano occulto,
Que as chammas do Vesuvio accende, e nutre.
Porém dos povos, que as Romanas Aguias
Pudérão empulgar, surge brilhante
Da Sapiencia a luz; os Ceos, e os Astros
Sabidos nos são já, e a Natureza
O magestoso seio desabrócha,
Já vencida do estudo, e da sciencia.
Deixo o disco do Sol, abro, e desfiro
Quasi de todo entorpecidas azas,
E varro o ether, que divide, e corta

No gyro melancólico o Planeta,
Que no lucto dos Ceos nos suppre o dia
Primeiro mostra as pontas prateadas,
Qual arco d'onde sahe setta estridente;
Progressivo clarão cresce, e lhe deixa
Cheio o disco de luz suave, e branda.
Astro amigo dos Vates, quantas vezes
A seu doce fulgor vélo, e medito!
Assim velou nas margens do Tamisa
O Cantor triste, o Numen da Elegía,
Quando no escuro tumulo encerrava
Graças, belleza, amor, trofeos da morte;
Magoada então Melpómene lhe afina
A terna lyra d'ébano, e decanta,
Sentado junto á lapida insensivel,
Os duros fados dos mortaes, que pedem
A dor ao coração, aos olhos pranto.
    Eis meus sublimes extases parárão:
Meditação profunda além dos Astros
Me fez voar na abóbada soberba,
Que a habitação mortal cobrir parece.
O magestoso pavimento agóra
Eu devo contemplar; prodigios nóvos
Em larga copia aos olhos se offerecem
Neste terreno globo, alvergue humano.
Do Sol em torno segue as leis dos outros,

Rodando sempre, hum circulo descreve,
E, Planeta tambem, no ár fluctúa,
E sem romper dos trópicos a méta,
Ora proxima ao Sol, ora apartada,
Debaixo sempre de diversos pontos,
Nos mostra sempre o Sol no immóbil centro.
Co' a progressiva rotação nos forma
As successivas estações ligeiras.
Sempiterno Geómetra lhe marca,
Quando em torno do Sol muda caminha,
Distancia tal do scintilante fóco,
Qual dos Entes mortaes convinha á essencia;
Se mais do centro hum pouco se apartasse;
Se se alongasse mais, algente, e frouxo,
Inhabitado globo o espaço enchera;
Se, estreitando-se o circulo, gyrára
Mais proxima do Sol, torrada, e sêcca,
Da vida habitação talvez não fóra.
He este o brado universal, que mostra
Em tanta proporção, e em leis tão justas,
Hum, que preside a tudo, Author dos Entes.
Quanto he digno dos sons da eburnea lyra
O pomposo espectáculo da Terra!
A Terra, nossa mãi, que em seu regaço
Nos recebe nascendo, e nos sustenta;
E quando as justas mãos da Natureza

Rasgão da fragil vida a instavel têa ;
Quando se acaba a paz , e o laço estala
Dos elementos na mortal substancia ,
Abre o gremio outra vez , e os desprezados
Trofeos da crua morte esconde , e fecha.
Guarda nossa memoria , e guarda o nome
Contra o furor da rápida existencia.
Fazem-nos guerra os outros elementos ;
Desatão sobre nós pezadas nuvens
Horrisonos chuveiros , e outras vezes
Correm furiosas rápidas torrentes ;
Tolda-se o ár de turbidos vapores ;
Com medonho fragor , fuzila , e tôa ;
Instrumento da vida , a vida estanca ,
Se com miasmas putridos s'engrossa.
A Terra bemfazeja , e branda , e meiga ,
Das mortaes precisões he sempre escrava.
Quanto espontanea dá ! Quanto obrigada !
Que perfumes exhála ! Quantos succos
Rica transfére , ás arvores , ás plantas !
E , sempre liberal , mais amplo volta
O pequeno depósito , que ao seio
Esperançoso Lavrador lhe lança !
Mas esta Terra , que tão grande , e vasta
Se mostra aos olhos meus , hum ponto apenas
He na esféra da immensa Natureza.

Mas este quasi indivisivel ponto
He theatro do orgulho , e da soberba ,
He campo , onde a ambição se espraia , e cresce;
Aqui busca os brazões , e as honras busca ,
E disputa com sangue hum throno , ou nada.
A mortal geração tumultuosa
Sobre este ponto escuro a guerra accende ,
E , com fatal reciproca vingança ,
Vazio o quer deixar. Nestes limites ,
Estreitos na razão , no engano grandes ,
Inda se ancêa o vencedor de Arbella ,
E dos olhos Demócrito lhe arranca
Pranto , quando lhe diz , que existem Mundos.
Mas nesta habitação , dominio nosso ,
Quanta o Divino Arquitector conserva
Antiga formosura , e nova sempre !
Que multidão sem número de Seres ,
Que em tres Reinos divide a Natureza ,
No seio lhe conserva , e lhe renóva !
Que harmonia , que leis ! Em vão me offendo
De vêr a Terra desigual ! Meus olhos
Canção de vêr a bruta penedia
Quasi perdida no horizonte ; os Sêrros ,
Que idade antiga a Cinthia consagrára ,
Do vario moto seu não são defeitos.
Da eterna Sapiencia idéa augusta

Vem despertar em mim medonhas massas,
Como bases do Ceo, e a cuja frente
Temem, (que altura!) remontar-se as Aguias;
Onde não sopra o vento, ou chega o raio,
Nem jámais se condensa, e expande a nuvem!
Desmaia a fantasia, encolhe as azas
Timida Musa, se transpor destina
Das altas rochas escalvado cume,
Que só naufragio universal cobrira.
Tanto, ó Haller, teus extases podérão!
Tu, que dos Alpes as nivosas frentes
Soubeste decantar: se tu correras
O Caucaso gelado, o Tauro, o Gate,
Que magestosos, que sublimes quadros
Affamárão teu canto, onde a Pintura
Tem lições que escutar, e Urbino idéas;
Se contempláras ásperas montanhas,
Onde o mortal que sóbe, observa, e nóta
Brilhar por cima o Ceo, sereno, e claro,
E debaixo dos pés por entre opácas
Nuvens cruzando o raio estrepitoso!...
O furor Hespanhol transpoz sem medo
Estas da Terra altissimas barreiras,
Com que em porções iguaes d'hum Pólo a outro
Dividio Natureza o Mundo opposto!
Nunca farto de imperio, e de thesouros,

O mar assoberbou, e as leis sevéras,
Com que braço immortal huns povos d'outros
Pretendeo separar, quiz pôr distantes!
Virão teus olhos, denodado Almágro,
Incorruptos cadáveres daquelles
Tygres, que ao lado teu sangue anhelávão.
Inda os achaste nos aéreos cumes
Armados de aço, e ferro, inda em seu rosto
Observaste as feições dignas daquelles
Horridos monstros ávidos de sangue,
Mais que de sangue cubiçosos de ouro.
Do extremo Panamá, té onde ousára
O resentido Magalhães lançar-se
Ao inda intacto, incognito Oceano,
Encadeados montes se levantão
Ao ár vazio, pelas nuvens rompem;
Alli do claro Apollo o lume ardente
Nunca descoalha a neve, ou quebra o gêlo.
Dalli se perde a vista, ou se deslumbra,
Se os precipicios encarar se atreve,
Que entre as quebradas rochas se profundão.
Destes cumes aos Ceos alçaste a vista,
O' Condamine, indagador, que intentas
Sobre a Terra estender aureo compasso,
Medir, determinar a ingente móle,
Qual se mostra esferóide perfeita.

Quam rica descobriste a Natureza !
De seus pinceis a força aqui se apura,
Seu vigoroso clorido excita
No genio ás Musas dado assombro , e fogo ;
Por vastas solidões estende os rios ,
Que antes de entrar no mar parecem mares.
Cerrados bosques pelas nuvens metem
Troncos , que vão datar talvez do berço ,
Ou do diluvio universal do Mundo.
Immensas solidões , no horror sublimes ,
Magestade , extensão , riqueza , tudo
A imagem te amostrou do Omnipotente ,
E destes troncos se derramão filhos ,
Enormes como os pais , os Guararapes ,
Cuja espantosa cima os pés humanos
Nunca podérão profanar té agóra ;
A par de cuja altura, e massa , e bosques ,
Sombras pequenas são , ou nada, aquelles
Inuteis propugnáculos da Hesperia
Hoje , e n'hum tempo da soberba Roma ,
Escudo impenetravel , que sómente
Annibal dividio , quando a vingança
Trouxe de Dido a Trasimêno , e Cannas :
Sombrios Pyrenéos , barreira imbelle ,
Que a perfidia de barbaros quebranta ,
Não esforço , e valor. Vós , levantadas

Montanhas, com que ao Ceo a Armenia acena,
Tu, de Trinacria ignífera montanha,
Que, se a sulfurea labareda exhalas,
Cruzando Abyla, e Calpe, o nauta avista;
Melancolico Athêo vos tacha, e nota
De inutil mancha, que desfêa a Terra;
Mas vossos bens ignora, e não descobre
Da eterna Sapiencia em vós o sello:
Da nossa habitação sois formosura;
Para vantagem nossa a mão do Eterno
Estes, dignos de hum Deos, Colossos ergue.
São das agoas depositos perennes
Dos não doutos mortaes á vista occultos;
E sem cessar as liquidas torrentes
Delles brótão na terra árida, e dura.
O' Genio observador, tu, que derramas
Na mente de Buffon da luz a a enchente;
Tu, que a sublime estrada lhe marcaste
Ao sanctuario dos segredos todos,
Que a magestósa Natureza esconde;
Se eu digno sou de ti, se as Musas devem
Amenizar veredas escabrosas,
E os abrolhos mudar do estudo em flores,
Onde subir Naturalista abstracto,
Dá-me que eu possa remontar meus vôos;
Das Musas a harmonia os montes fende,

Já sua luz penetra abysmo escuro;
Lyra, que chama os marmores a Thebas,
Quebre as róchas do Caucaso espantoso:
Eis vejo o centro escuro ao Emo, aos Alpes;
Da Escandinavia os sêrros orgulhosos,
Os que bordão o Euxino, os que rodeão
A barbara Siberia inculta, e triste,
Onde o Inverno se alverga, e pune o crime;
Os que de eterno gêlo o campo assombrão,
Que o Tártaro fugaz cultiva, e deixa,
Rasgão-se aos olhos meus, e as bases mostrão.
Vejo os milagres do assombroso Atlante,
Que parece que os Ceos sustem na espádoa,
Descubro as fundas, horridas cavernas,
Que o coração da Libya em torno abração.
Debaixo de outro Ceo meus passos volvo,
Onde de hum Pólo a outro os montes surgem,
Cuja frente jámais nuvens cobrírão;
O arcano se descobre, o véo se rasga,
Na origem perennal descubro os rios.
O luminoso Sol ao vasto Oceano
Rouba, em vapor subtil, ceruleas ondas,
No seio as feicha dos delgados ares;
Rarefaz-se o vapor, tolda-se o dia;
Sobre as azas do Sul volantes nuvens
Correm, lançando do medonho seio

A chuva salutar, que a terra ensópa;
Chega, calando, ao coração dos montes,
E, nas vastas entranhas cavernosas,
Da propria gravidade as leis seguindo,
Como em vasto deposito se ajunta;
Pouco a pouco, filtrando-se, rebenta
Das raizes de alpestre serrania,
Escorrega, e borbulha entre rochedos.
Pobres, sem nome, incognitos regatos
Por entre as pedras murmurando correm;
Vê-se no fundo d'agoa a mole arêa;
Preguiçosa torrente os troncos beija;
Mas bem depressa s'entumece, e brame,
Pelos hervosos campos derramada,
E na passagem rapida encorpóra
Em si filtradas agoas d'outros montes,
Que vem, como tributo, e feudo humilde,
Mais engrossar-lhe a crystalina vêa.
Crescem-lhe as ondas, cresce-lhe a soberba:
He já rio caudal, tem nome, e fama;
Inunda, fertiliza o campo extenso;
Seu leito he largo, e fundo, e sobre a espádoa
Do grão pezo orgulhosa as náos sustenta,
E a magestosa marcha então suspende,
Quando no mar se lança, e se confunde
No vasto Imperio das amargas ondas.

Tal dos aéreos Andes sahe pequeno
O Mississipi, o rapido Oronoco;
Tal das entranhas da Goiama rompe
O Paretonio Nilo, e hum pouco as agoas
Occulta no Gambêa, e vem de novo
Trazer na inundação fartura, e nome
Ao livre Egypto hum tempo, e agora escravo.
Tal com elle, cortando a Libya adusta,
Sahe da mesma montanha o Zaire, e busca
Debaixo do Equador o immenso Oceano,
Onde o Sol já cahindo o carro atúfa.
Tal rebenta do frígido Nifate
O Tigris velocissimo, que outr'ora
Vio na carreira immensa Imperios vastos,
Ruinas hoje encontra, e os campos córta,
Onde foi Babylonia, onde Palmyra.
Tal de Hiperboreos montes regelados
Se precipita o solitario Volga,
Corta infecundo campo, onde parece
Que a Natureza esmorecêra toda;
Nem verde musgo o cobre, e assim cançado
Entra nas margens barbaras do Caspio.
Assím destes depositos correndo,
Vêm soberbas enchentes, que se lanção
Das escarpadas rochas, e que formão
Cascátas naturaes dignas da vista.

*

Do sabio pensador, que piza, e mófa
Dessas que o luxo em Tivoli formára.
Quanto sublime a Natureza vejo,
Se ao longe o baque escuto, e a espuma observo
De Niagára nas remotas pedras!
Silencio, filho de espantosos ermos,
Rompe-se alli continuo, e alli se escuta
De cem trovões continuo o berro horrendo.
Raios, raios do Sol engrossão rios;
No calmoroso Estio a prumo tócão
Montes de neve, que o cabeço augmentão
Dos escalvados Alpes, e em torrentes
Cahe no Rheno, e Danubio, e as agoas crescem.
Talvez, se a mente acceza arcanos rompe,
Que só venhão daqui do Nilo os éstos;
Já não lhe esconde a Natureza a fonte,
Já póde o sabio vêr pequeno o Nilo.
Fogo Pierio, que me escalda o peito,
Rompeo dos montes lôbregas entranhas.
Desço ao seio da terra, ah! mãos profanas
Não lho querem rasgar, longe a avareza
De hum Vate, a quem thesouro he fama, e nome!
Da humana habitação no centro escuro
Se esconderão metaes; famintos braços
Lá lhes forão buscar; primeiro ao dia
Veio a luz empécer no vivo ferro,

Util á vida, e pessimo instrumento:
Feito em severo arado os sulcos abre,
E a Madre Terra lhe agradece os golpes;
Ditosa usura, que sustenta os homens!
Elle os marmores fende, elle os aliza;
Ao mortal dá sustento, e dá guarida;
Nos montes da Livonia o pinho abáte,
Em que ás ondas s'entrega o nauta ousado,
E vai n'hum laço só ligar dois Mundos.
Porém co' o mesmo ferro á guerra vôa
O deslumbrado idólatra da gloria.
Como se os Fados vagarosos fossem,
Damos azas á morte, ao ferro as damos:
Meiga Mãi Natureza os olhos fecha,
Debalde em seu regaço os filhos guarda
Para os dar, mas em tempo, á morte escura.
    Eis mais cruel que o ferro, e mais que a morte,
Do centro profundissimo da terra
Sahe lúcido metal; com elle ao Mundo
Vierão té do Inferno os males todos,
E dos vicios a pálida cohórte
Com elle humanos corações assalta.
Ah! podéra o mortal de todo, ó ouro,
Da vida desterrar-te, ella corrêra
Do prazer escoltada, e da alegria.
Tu lhe roubas a paz, e até parece,

Que constrangida o déra a Natureza.
Ella o foi sepultar no fundo abysmo,
E lá desce o mortal, lá perde a vista
Do fulgurante Sol, do ethereo Olympo;
Só vai palpando horror, divisa a sombra,
Que a triste luz d'alampada lhe mostra:
Embora escuro horror seus olhos vejão,
O avaro coração busca thesouros,
Com taes filtros o peito se lhe tórna
Impenetravel ao temor da morte,
Affronta a escuridão, sopêa o susto:
Eu lhes chamara Heroes, se outro tivéra
Motivo a intrepidez, motivo a força.
Mas só buscão metaes, cujos altáres
A torpe mão da sordida avareza
De miserandas victimas povôa.
Cavado o Potosi; dista já pouco
Das sombras infernaes, e inda lá desce
Famulenta cubiça após riquezas.
    Mais proximos a nós, funestos menos,
Corpos esconde a Terra, que despedem
Agradaveis revérberos de luzes.
Da vista os fez recreio a Natureza;
Nelles o duro aváro adora Numes.
Golconda, Visapúr, teus campos vejo,
Teus rochedos, Narsinga, onde se occulta

Brilhante formosíssimo, que excede
Em luz das pedras fulgidas o vulgo;
O abrazado Rubim, que até na sombra
Da noite em si conserva a luz do dia:
A saudosa Amethista, onde se apura
O suave matiz do rôxo Lyrio;
O pálido Topazio, em que he mais bella
A palidez do Goivo, e da Giésta;
O esperançoso verde aos olhos grato,
De que a Esmeralda fúlgida s'arrêa.
    Deixo as sombras da terra, aos ares volto...
Interminavel fluido! Só nelle
Entre os seres organicos eu vivo.
Pela extensão do espaço abrange os corpos;
Sempre agitado, elástico se móve;
Da força que o comprime as forças tira.
Elle sustenta das ligeiras aves
Os vôos rapidissimos, com elle
As animadas máquinas s'agitão,
Formão-se delle acastelladas nuvens;
Co' as varias estações s'altera, e muda;
Alternativas impressões recebe
Do frio, e do calor. Oh massa enorme,
Que immenso pezo tens! E não se esmaga
Com tamanha pressão meu frágil corpo!
Que dique se lhe oppõe, que laço o prende?

Musa, desdenha hypotheses, e muda
Suspende neste abysmo o vôo, e a força
Nimiamente mortal, não posso tanto,
Que fórce as portas do escondido arcano;
Dócil, o effeito admiro! a causa ignóro.
Que exacta proporção, que exacto accordo
Vejo entre o ár, e os corpos luminosos!
Ou venha desvelada a Aurora abrindo
Co' as roseas mãos as portas do Oriente,
Auri-roxos listões nos Ceos lançando;
Ou desça ao mar a alampada do dia,
E os Ceos azues de purpura recame;
Do ar subtil, do fluido pasmoso
Nasce a scena encantada, em que s'entranha,
Em que se engolfa o pensador, e o Vate!
Quando desponta o dia, e os altos montes
O Sol com débil raio apenas doura,
Espairecendo pelo campo extenso,
Vejo a luz refrangir-se; obliquos manda
Multiformes revérberos, que aos olhos
Fórmão mais gratos os soberbos quadros
Da inteira creação; tantos milagres
Tem principio no ár! Quanto aproveitão
Estas formosas refracções no Globo,
Do Ente racional palacio, e throno!
Surge subito o Sol, mas não deslumbra,

Nem fére co' a luz subita meus olhos,
Nem cáhe dos áres de repente a noite;
Mas progressiva escuridão s'avança,
O ár fórma o crepusculo da tarde,
Quando parece, que na occidua Thetis
Do Sol o disco fulgido se immerge.
Talvez, douto Mairan, que esse abrazado
Assombroso clarão, que surge ao pólo,
Que ao gelado Lapão, e Islandia triste
Suppre da sombra prolongada hum dia,
Seja de Febo a refracção, que fique
Preza nos áres liquidos hum pouco.
No Reino vegetal viçoso, e bello,
Do circumfuso fluido se sente
A efficacia, e poder; com elle as plantas
De saborosos fructos se enriquécem:
Gyra com elle a seve animadora;
Seccos troncos de folhas se revestem;
Nos entes racionaes, nos entes brutos,
Mais se conhece seu poder, seu sceptro;
A força empresta á maquina vivente;
Se elle fallece, o movimento acaba;
Quando na douta Maquina se furta,
Debil chamma mortal se apaga, e foge.

Mas ah! se hum vapor putrido corrompe
Este corpo subtil, que envolve os corpos;

Se turva exhalação dos ermos campos
Da barbara Tartária e se das quentes,
Sôltas arêas do estagnante Nilo,
Onde ha montões de insectos corrompidos,
Sobem aos áres putridos vapores;
Então se torna indómito Tyranno
O que he d'aura vital principio, esteio;
A filha mais cruel do Inferno, a Peste,
Escoltada da Morte, assombra o Mundo.
No luctuoso manto envolve os ares,
Só visiveis no golpe as setas manda:
As Cidades são tumulos medonhos;
E tudo he cóva, e cemiterio tudo.
Oh alma Natureza, oh mãi dos entes,
Só madrasta cruel te fez o crime!
Que mal produz o ár, se encadeado
As austeras prizões, e os ferreos laços
Com violencia elastica desáta!
Funesta condição, funesto estado
Dos miseros mortaes! E inda era pouco
Viver no Imperio universal da morte?
Se he desgraça a existencia, a morte he pena!
Toldão-se os claros Ceos, subito fogem
Dos assustados olhos; repentina
Pousa a noite no Globo escura, e feia;
Rompe o triste clarão d'hum polo a outro;

Mostra-se a escuridão : das nuvens parte
Com berro estrepitoso o fogo , e a morte.
Horrendo filho d'hálitos nitrosos ,
E de vapor sulfureo, o raio desce ,
Quando quebra as prizões, e os ares rasga.
Mas não só do ar fluido no gremio
O raio origem tem , o imperio, a força ;
Da terra dura no cavado seio
Tambem poder, e estragos alardêa ,
Quando em cavernas horridas s'expande,
Pelo toque do fogo , o ár compresso ;
Então rebombão nos profundos vales
Horrisonos bramidos : vacillante
Sobre os eixos a terra abre as gargantas ,
E no bôjo outra vez sepulta os montes ,
Que de si já lançou , (se a voz das Musas
Inda deve seguir , Buffon , teus sonhos !)
Então muge o Vesuvio , e da espumante
Boca vomita refervente lava ,
Do fumo espesso nuvens enroladas ,
Grossos chuveiros de estuantes cinzas ,
Que a mentirosa Grecia , outr'ora disse
Serem raios, que Encélado arremeça
Quando , movendo a hum lado o corpo opresso ,
Faz oscilar a ignifera montanha.
A terra vasta retalhada vejo

De escuros profundissimos abysmos,
Onde a vista se perde, e se deslumbra.
Se de escarpados montes os contemplo,
Quebradas rochas vejo entre montanhas;
Talvez das agoas impeto espantoso
Por dilatados seculos batendo,
Haja cavado tantos precipicios!
Talvez que o vasto mar medonho, e turvo,
Cobrindo á voz do Eterno o terreo Globo,
Quando outra vez fugio deixasse impressos
Estes signaes do violento Imperio:
Hum véo mysterioso esconde as causas
Aos olhos dos mortaes; profundo estudo
Ajudado dos seculos o rasga.
O ár no centro do rotante Globo
Se rarefaz co' o fogo, então quebrando
Insoffrido o grilhão, já livre, e solto
O seio rasga á maquina convulsa;
Então se despedaça, então do centro
Novas torrentes espumantes lança;
Co' o choque horrendo o pedregoso monte
Se fende, e estala, se submerge, e fóge;
O cego abysmo subito apparece.
Além vasta Metrópole soberba,
Co' a violencia do terrestre abálo
Pelas entranhas lôbregas se afúnda;

Sorve-lhe a terra os muros, e os Palacios;
Nem se escuta clamor, nem voz, nem pranto
Dos miseraveis engulidos nella.
O sitio onde existio debalde inquiro,
Tão repentina sepultura a fecha!
Na humana habitação quantas desgraças
Lançou do seio escuro o Crime infausto!
Dellas aparto a vista espavorida.
Entre espinhos tambem vicejão rosas.
Vejo no campo extenso as louras messes
Formar cadêas de douradas ondas;
Vejo, tremendo nas erguidas Faias,
Troncos flexiveis, folhas volteantes;
Vejo crespas correr do rio as agoas;
O brando vento com benigno assopro
Taes bens derrama de principio ignoto.
Muito, e muito a ciosa Natureza
Em seu sacrario esconde! Os bens gozemos;
Eu deixo as causas ao Motor Supremo.
Que bens trazeis á Terra, ignotos ventos!
Quanto vos deve humano domicilio!
Vós renovais o ár com puro assopro:
Hides depôr nos campos ubertosos
Os ferteis saes, os succos creadores:
Vós só fazeis cortar liquidas agoas,
Se as vélas enfunais da náo ligeira:

Vós embotais as settas penetrantes
Do frio, que no Inverno os áres córta;
E nos climas, por onde o Sol fervente
A prumo os raios fulgidos dardeja,
Trazendo a branda viração nas azas,
Seus suffocantes hálitos se adoção:
Vós dais, continuo, ao ár diverso estado:
Trazeis, ou suprimis a chuva, o gêlo;
E, sacudindo as arvores frondosas,
Levais aos fructos seus maturidade:
Vós instrumentos sois do laço estreito,
Que une povos, nações, climas remótos,
A quem serve de fosso o immenso Oceano.
Este fim se propôz Motor Eterno,
Quando os ventos creou: não quiz por certo,
Que as legiões armígeras levassem
A devastar os Incolas tranquillos
De estranha região, que o ferro ignórão;
Nem quiz que as náos velívolas posessem
Frente a frente (que audacia!) sobre as ondas
As ferreas bocas vomitando mortes,
Como se fosse a Terra hum campo estreito,
Em que humana ambição derrame estragos.
Mas a perfeita paz, doce equilibrio,
Que na Aurora do Mundo os ventos tinhão,
O críme, que enluctára a Natureza,

De todo dissolveo: discordia, e guerra
Amotinados entre si conservão;
D'oppostos pontos subito voando,
Amontoão no ár pezadas nuvens.
Estende as azas negra tempestade,
Engrossa o furacão, rebrama, e tôa;
O medo o precedeo, o estrago o segue;
No vasto mar, nos campos cultivados
Tristes vestigios de seus passos deixa:
Longévos chôpos rigidos carvalhos,
E até, rivaes dos séculos, os cedros,
Quaes as espigas pálidas se abatem.
Desprendem-se de alpestres serranias
Penhascos, que fendera o raio accezo;
Com pavoroso baque aos valles descem,
He já mar sem limite o campo extenso.
Inda nos mostra o mår mais triste aspeito,
Quando, onde móra o recatado China,
O medonho Tufão revolve as ondas,
E tapa, repentino, os Ceos, e os Astros.
Ao duro Nauta, que vigia os áres,
Sê mostra no horizonte a negra mancha,
Germen da feia, subita procella;
Inda que hum meigo Zefiro enganoso
Affague o solto panno, e nelle brinque,
Subito ferra: ao pállido Piloto

Nas denegridas nuvens, que se ajuntão,
Da morte a triste imagem se apresenta;
Arde o ár em relampagos medonhos;
He noite repentina, e no horizonte
Inda o Sol vai guiando o carro ethereo:
Tantas se ajuntão nuvens carregadas!
O mar estala, as ondas se amotinão,
Quaes se baralhão as contrarias hostes
Nos campos, que o Danubio enchendo alaga,
Quando se atiça a rábida carnagem,
E o campo ensanguentado aos olhos mostra
Os trofeos da ambição, da gloria o fructo:
Quando d'entre montões de fumo espesso,
Com riso amargo despiedada Erinnis
Vê que os humanos não precisão della:
Tal he dos mares férvidos a scena,
Se o Tufão deo signal, e a guerra accende.
 A lava, o fogo, que o Vesuvio exhála,
O raio velocissimo, a tormenta,
Que nas azas do vento o Mundo assóla,
São nas mãos do Immortal promptos flagellos,
São grito atroador, que os máos assusta,
Inda que d'ouro, e purpura se vistão!
Indolente Epicuro embora julgue
Vêr só modificada a inerte massa,
Sem designio, sem fins, sem leis, sem ordem,

Do acaso producção, do acaso effeito;
Eis nova maravilha, eis novo arcano
Nesta estancia mortal descubro, e vejo:
He sua formosura, he seu sustento
Principio avivador nos entes todos.
Oh fogo activo, incógnita substancia!
Rapidissimo fluido, que abranges
A Natureza inteira, a mão do Eterno
Te imprime o vivo, accelerado móto;
Ella nos corpos te concentra, e guarda;
E serás sempre occulta á mente humana,
Substancia elementar? Qual atrevido
Prometheo despregou, desfiro as azas
A devassar da Natureza o seio:
Agras veredas, ingreme caminho!
Mil conductores me offerece a Escóla;
Mas entre tantos dividido fica,
Suspenso o vôo do fervente engenho;
E quando em cega, sempiterna guerra
Ferve orgulhosa opinião de sabios,
Dentre systemas vãos foge a verdade;
Só quem ouve a Razão co' a estrada atina
No Imperio Filosofico; com ella,
Qual ao clarão da Tócha, os passos guia.
Ao que medita, e vê se apraz mostrar-se
Sem véos, em claro aspecto, a Natureza;

Só pela voz da experiencia fálla,
E a soberbas Hypotheses se rouba.
Não existe hum lugar no Ceo, na Terra,
Onde homogeneo, simplice, só, puro
Assento firme tenha, e reino o fogo;
O mar, a terra, os áres estendidos
Em si contém particulas diversas;
Té dispersas porções do fogo occulto
Nas ondas encerrou, e até no fundo
Do procelloso, e turbido Oceano.
Boherhave, teus calculos apenas
No fogo huma substancia activa mostrão;
E o mais ignoto ás garrulas escolas.
Tu és da Natureza, ó fogo, activo
Agente principal; unido, e prompto,
Em seu corpo vastissimo te espalhas,
Germen da vida. As ondas amargosas,
Se mór frio lhes tolhe a acção do fogo,
Subito em corpos sólidos se mudão.
O mar septentrional d'est'arte em jaspe
Se transforma, se Aquario inclina as urnas;
Véllos de crespa neve o ár derrama,
Quando o Inverno entorpéce a força activa,
Com que esta chamma rarefaz os áres.
A's mãos do Lavrador rebelde a Terra
Sem fogo o fructo nega, e já não veste

O verde manto, que tapizão flores.
Tempo virá, (que os seculos não párão)
Em que até no Equador se extinga o fogo,
Que óra guarda no seio o terreo Globo,
Qual nos polos já vejo amortecido,
Onde a vida acabou, e a morte existe.
O' Vate harmonioso, ó Vate egregio,
Eis da assombrosa maquina do Mundo
Essa, que chamas mente agitadora,
Que á Lua incerta, ao luminar do dia,
Ao largo campo, ao mar, á móle immensa
Dá vida, e movimento. A activa força
Só tem daquelle, que creára o fogo.
Este Supremo Artifice derrama
No grande corpo do Universo a chamma;
Com ella a força electrica penetra
Quantos seres abrange a Natureza;
Se as dimensões do corpo observo nelles,
Forças tira de si, forças augmenta;
Se aos fulgurantes raios se mistura,
Que o Sol no ustorio fóco accende, e ajunta,
Penetrantes revérberos dardeja:
Derretes ferro, marmores calcinas
Quando longe de ti mandas o incendio.
O' sublime Pintor da Natureza,
Precedeo-te no esforço altivo, e ráro
*

Meditativo velho, que arremeça
O fogo, o raio, aos lenhos nadadores,
E ao Vencedor Romano o passo enfrêa:
Hum só braço deixou dubia a victoria;
Mas hum brutal Soldado os fios corta
Da vida, que inda existe em douto escrito,
Que inda respeita o seculo das luzes,
De Viviani, e Galilêo desvélo.
Foi chave em suas mãos, com ella abrírão
Da Natureza o magestoso Templo.
Orador consular, brazão de Roma,
Não préza em Siracusa o bronze, o jaspe,
Apuros da Escultura, esforços d'Arte;
Só quer vêr teu sepulcro hoje ignorado,
Só mostrar deve Tullio ao Mundo absorto
Onde s'esconda a cinza de Arquimédes.
Da esféra, e do cylindro, entre ruinas,
A repentina vista o peito abála
Do Romano Orador, borbulha o pranto,
O doce pranto de prazer nos olhos,
Que se fitão extaticos na pedra,
Que taes despojos, que taes cinzas fecha.
O fogo avivador no centro escuro
Tem da pezada Terra imperio, e throno;
De lá mil vezes para os ares manda
O fumo espesso, a labareda, a cinza,

Que aos olhos rouba o Sol, e ao Mundo o dia.
Pelas gargantas de oscilantes montes
Este fogo central se arroja, e sobe;
Torrentes subterraneas, donde nascem
Sulfureas agoas férvidas, que torna
Uteis á vida a mão da Medicina.
Tudo no triste cavernoso seio
Nos annuncia agrilhoado o fogo,
Das várias producções da Natureza
Inexhaurivel fonte, almo principio;
Vive em roda de nós, vive espalhado
No immensuravel ambito dos áres,
Agente universal, faminto, e prompto
A devorar, a consumir o Mundo,
Se o Supremo Motor Omnipotente
Não lhe lançára hum freio ás bravas furias.
Se não prendera a mão reguladora
Dos Elementos a discordia, e guerra,
Então, perdida subito a harmonia,
Na antiga confusão, no antigo nada
Tão formoso espectaculo cahira.
Profunda Sapiencia, eterna força,
Teus bens continuos são, teus bens são novos:
Thesouros, profusão, gloria, e belleza
Tu no Palacio do mortal derramas:
Que proporções, que sabia arquitectura

Na minha habitação descubro absorto!
Quanto o meu ser conheço, e a gloria tua!
Mas o crime affeou tanta belleza!
A's precisões da vida, á Terra, a tudo
O fogo elementar dócil se presta.
Mas a audacia sacrilega dos homens
Com sua força indomita se escuda:
Não basta o ferro, senão vai com elles,
Onde diz a ambição, que encontra a gloria,
Que outras bases não tem mais que a virtude.
Invenção de hum Germano, o cego acaso
Delle fez hum trovão, fez delle hum raio,
A cujo estrondo a Terra balancêa.
Impetuoso sahe dos ferreos tubos
O globo accezo, que conduz a morte,
Altas torres converte em cinzas frias,
Ficão ruinas os suberbos muros.
Rompe outro globo, e rapido descreve
A terrivel parábola nos áres:
Com súbito fragor despedaçado
Leva a tudo a ruina, a tudo a morte.
Por entre as mudas sombras vão sapando
A dura terra barbaros guerreiros
Té ás bases das ingremes muralhas,
E na medonha abóbada se esconde
Sulfureo pó. Que estragos, que ruinas

Dalli, como do Inferno os áres rompem!
A Terra rebramando abre a garganta,
Entre horrendos trovões vomita a morte;
Ou na escura vorage engole os muros,
Ou pelos áres aluídas pedras
Com destroncados corpos se derramão;
Cuberto fica ao longe o campo extenso
De vestigios da raiva, ou da victoria.
Da aterrada Cambaya antigo escudo,
O' baluartes da soberba Dio,
Tymbres do antigo Lusitano esforço,
Que hoje pezado sente o Gallo infido,
Sentistes vezes mil tão duro estrago;
Deixais voando, illeso entre ruinas
O Portuguez magnanimo, que affronta
Dos vulcaneos canhões o estrondo, o raio;
Manda eternos troféos de gloria ao Téjo
Na desmedida, horrisona bombarda,
Onde esculpidos vem Valor, e Patria,
Em quanto de continuo era indignada,
Entre alvos ossos, que as muralhas cercão,
Do vencido Sofar medonha sombra.
O' crime, ó crime atroz, cegueira d'alma,
A quanto precipicio os homens levas!
O fogo activo, dádiva do Eterno,
Com que seu domicilio affermosêa,

E as suas precisões benigno acóde,
Em assassino o torna a raiva humana,
Que, em seu furor, dos elementos todos
Sem accordo, e razão, s'escuda, e arma,
Para exterminio seu: da mesma terra
Fórma theatro das desgraças suas!
O mortal a desdenha, e se envergonha
Quasi de a ter por mãi, por domicilio;
A cultura despreza altivo, e louco;
Do arado o lizo ferro alonga em lança,
Converte a curva fouce em dura espada,
E contra a propria especie a cinge, e empunha;
Nascendo agricultor, morre guerreiro;
Da doce agricultura ao campo foge,
Em que a cega ambição de sangue abasta.
O estado natural não foi da guerra
Antes que a dura, sórdida avareza
Na campina commum cravasse hum marco.
Da triste voz de — *Meu* —, peior que o raio,
Então soárão lagrimosos éccos,
Vivia Astréa co' os mortaes, vivia
O fraternal amor, e a paz ditosa.
Do fertil campo habitador tranquillo
Era justo sem leis, recto sem medo:
Não hia o ferro da fatal bipenne
As faias profanar nos altos montes,

Para sulcar o mar de ignótos climas.
O medonho fragor de Marcia tuba
Nunca assustava os timidos ouvidos ;
Nem desvelada mãi , á voz da guerra ,
Ao peito os filhos enfiada unia.
Se havia ferro então , servia apenas
Para ajudar a fertil Natureza.
Inda ficárão de ventura tanta
Alguns vestigios na mudada terra :
Não pela Europa armígera s'encontrão ;
Que a argulhosa sciencia , o luxo infausto ,
Da simples Natureza as leis apagão.
No coração da Libya , onde a Avareza ,
Onde a Ambição cruel não penetrárão ,
Por onde o Senegal entre arvoredos
Vai volvendo tranquillo as largas ondas ;
Alli aos rudes incolas ditosos
Tudo a terra produz , e nada o luxo ;
Os espontaneos dons da Natureza
São de todos , e de hum; todos os colhem ;
Na tranquilla familia as leis promulga
Imperio Paternal , de Imperios norma ,
(Que hum Rei he pai commum , familia o povo.)
Reina a concordia conjugal , e reina
A pura fé dos thálamos sagrada.
As altas róchas , os fragosos montes ,

Cujas bases sereno inunda o rio ,
Embora escondão no fecundo seio
Ricos metaes , os idolos do Mundo ;
Só deo luxo , e cobiça o preço ao ouro ,
Que ao barbaro Tapuia he pezo inutil ;
Não cultivados fructos lhe apresentão
De hum lado , e d'outro as arvores sombrias :
Extinctos animaes lhe dão vestido ,
Que ao pejo natural sirva de escudo ;
Eis o que basta á simples Natureza ,
Se em nossa habitação ventura existe ;
Da Grandeza apezar , seu berço he este :
Não tem depois da culpa outra morada ,
Não se alverga entre Doricas columnas ,
Marmoreos tectos , alizares d'ouro
Em soberbo Palacio , onde passêa
Sobre terrassos lucidos a pompa ,
A soberba incivil , o insano luxo ,
Onde em sofá de purpura adormécc ,
Ministro do prazer , a vil molleza ,
Que perfumes Arabicos respira.
E se em Roma existio , Fabricio , ou Curio ,
Então de Roma o Sceptro sustentavão.
Inda a Ambição não tinha aos Ceos erguido
As roubadas Pyramides ao Nilo ,
Nem a lisonja convertido havia

Em Numes immortaes ferozes monstros.
Mas ah! Que inuteis lagrimas entorno!
Onde virtude houver, ventura existe.
    Meditação profunda aviva, exalta
Minha alma além dos terminos prescriptos;
A humana habitação contemplo, admiro;
Isto basta a meu canto. O mar fervente
A terrena porção circunda, e fecha;
De sabias reflexões objecto augusto!
Oh profundo Oceano, amplo theátro
Das maravilhas do Motor Supremo!
Que principio tiveste, ou de que fonte
Se derramou teu liquido thesouro?
Produzio-te o vapor, que o vasto incendio,
Que o Globo nosso, ao Sol roubado ha pouco,
Mandava espesso, e condensado aos áres?
Doutos sonhos, Buffon, quimeras doutas,
Que teu engenho férvido, e sublime,
Obrigado a crear, em aureo estylo
(Teu magico pincel) aos homens dava.
Melhor comprende a mente hum Deos Supremo,
Que diz ao nada, que produza os mares;
O volume immortal, que hum Deos dictára
Do tormento de hypotheses me livra.
O portentoso circulo dos Seres
Tem hum ponto central, e he Deos sómente.

Elle os mares creou, elle os sepára
Da terra, que apparece árida, e secca:
Que vantagens, que bens do mar lhe nascem!
Por elle os povos, e as nações se ajuntão;
Elle he laço commum, que a todos prende:
Na essencia he sempre igual, no aspeito he vario
Qual espelhado Ceo, tranquillo, e lizo;
Qual revoltoso inferno, horrendo, e bravo:
Ora lhe prende a calma a furia insana,
Mal orvalhosos Zefyros co' as azas
Lhe encrespão brandamente a superficie;
Dos ligeiros baixeis as brancas vélas
Com bafagem serena apenas inchão.
Dos mudos cidadãos a copia ingente
Da calma se compraz, e a doce chamma
Então sente de amor nas agoas fundas.
Estes os lédos, Alcyoneos dias,
Tão bem, tão bem na Fabula pintados;
Eu verdade a julguei! Ditoso tempo,
Ditosa condição da idade tenra!
Era meu nome Ovidio, e ás doutas artes
Minha alma, então novel, seu gremio abria.
Que depressa fugís, dourados dias!
Veio depois Filosofia austéra,
Carregado o sobrolho, a tez sombría;
Desdenha flores, fábulas desdenha:

Quanto custa a ajuntar cadentes versos
Do tristonho compasso ás leis severas!
    Mas ah! que a paz do mar se turva, e rouco,
(Repentina catastrofe!) rebrama!
Lá vão subindo furiosas ondas,
Voragens profundissimas se formão,
Que os miseros baixeis sorvem de novo,
Sobre as quebradas vagas os vomitão.
Ao longo sôa horrísono bramido,
Fuzila o ár toldado, estende a noite
Fechada, e triste, as azas pavorosas;
Ao rouco som das ondas se mistura
Da tempestade a voz, trovões rebramão;
Mostra o trisulco lume, o horror, e a sombra;
Encapelladas, furiosas vagas,
Como cerrados esquadrões de montes,
Mugindo horrendamente, se atropellão;
Já promptas a engulir no bojo escuro
A terra espavorida... A mão do Eterno
Formou de molle arêa ao mar bramoso
Barreira insuperavel: chega; e foge,
Como assustado, do decreto augusto,
Que as furias lhe quebranta, o passo atalha.
Assim tempestuoso, assim medonho
Vio resoluto Gama o mar, que apenas
Fôra até alli dos Fócas conhecido,

Quando envolto em tormenta, e sombra espessa
Passou, sem medo á morte, a Austral baliza,
Vergonha, e confusão da audacia humana,
Desde que em curvo lenho a fragil vida
Ao capricho entregou do vento, e mares.
    De engenho indagador tormento eterno
Assombroso fenomeno descubro:
Vejo o mar, que da praia escôa, e foge;
Vejo o mar outra vez cobrindo a praia.
Nas agoas afundida ha pouco estava
Aquella algosa pedra; agora serve
Ao pensativo pescador de asylo,
E acima do nivel s'ergue das ondas.
D'antiga, e desta idade os Sabios todos
Sobre os livros em vão se affadigárão
Por descobrir o incognito segredo:
Ciosa a Natureza inda o reserva
Dentro da sua obscuridade envolto.
A gloria do Immortal me opprime, e cega,
Se, ousado indagador, lhe peço a chave
Dos aureos cofres, que os mysterios guardão,
Fatal herança do mortal primeiro.
He como hum dia opáco, hum Ceo nublado,
Essa, que os homens desvanece tanto,
Filha do estudo, altiva sapiencia.
Se rompe no horizonte a argentea Lua,

Então de Thetis no ceruleo imperio
Revolução maravilhosa observo:
Entumece-se o mar, cresce nas praias,
E outra vez se contrahe, deixando as margens;
Manifesto periodo, e constante,
Quaes observo girar nos Ceos os Astros:
Não terminada oscilação descubro.
Fica escondida, portentosa causa;
Conhecer teu author basta á minha alma.
Sympathica attracção Newton descobre
No Globo melancolico da Lua;
Mas que explica attracção? Quanto explicavão
Do Peripáto occultas qualidades;
Voz, que diz ao mortal, que ignora as causas,
Que nunca vãs hypotheses mostrárão
A occulta lei, que a maquina governa.
Sobre as azas dos séculos ao Mundo
Virá descobridor, que es Ceos devasse;
Que mais profundo sabio, ou mais ditoso,
Arranque o grande arcano á Natureza.
Cumpre que idades mais, que huma não basta,
Em tão profunda indagação se gastem.
Que importa, que do Euripo ignore o fluxo
O Sabio de Estagira, se dos mares
A sempre fixa alternativa serve
A's mortaes precisões? Eu nelle adoro

Do Supremo Motor paterno affecto ;
Deixo que espire o Despota da Escóla.
Constante agitação ! Livra com ella
Do corruptor repouso o Eterno as agoas;
Infatigavel movimento espalha
Volateis sáes nos ambitos da esfera ,
Por onde os Seres animados vivem ;
Agente universal se embebe em tudo ,
Destróe a corrupção ; sustenta a vida ;
E nas moradas liquidas anima
Dos mudos peixes a familia immensa :
Por elle aboião mais nas ondas frias
Os soberbos baixeis pejados de armas ,
Que sahem da foz do Téjo , ou do Tamiza ,
A assustar , e vencer de Gállia os monstros ,
Novo aborto do Inferno , horror do Mundo ,
Em cujo coração de todo extinctos
Da Natureza a voz , e o grito existem.
　　Nesta planicie liquida , que fecha
De toda a parte a Terra , objectos vejo,
Que d'alto assombro a mente me povôão.
Pela vasta extensão do mar profundo ,
Como a despeito do soberbo Imperio ,
S'erguem d'espaço a espaço altivos montes ,
Que a frente escondem nas aereas nuvens ;
Espessos bosques , arvores sombrias

Vestem em torno dilatados campos,
Que mil torrentes trémulas retalhão,
Das agras serranias despenhadas.
N'alguns cabeços de empinados montes
Sulfurea labareda aos áres sóbe,
Fanal, que a Natureza ao longe mostra
Do fatigado navegante aos olhos.
Quem fez surgir do bárathro dos mares
Tão dispersas porções do terreo Globo?
Acaso o vasto incendio, que remuge
Nas lôbregas entranhas oscilantes
Da humana habitação, com força immensa
Fez erguer do Oceano o leito escuro?
Acaso enfurecido o mar fremente
As barreiras quebrou, roubando á Terra
Òs que circunda montes levantados,
E os não póde cobrir co' as ondas turvas?
Assim Trinacria dividio da Hesperia,
E a soberba Albion roubou das Gallias.
Conjecturas mortaes, do estudo effeitos,
De que se applaude vã Filosofia!
Evapóre-se em calculos profundos
O profundo Buffon, séculos conte,
E á mingoa universal das agoas todas
Impreteriveis épocas decrete:
Eu escuto outra voz, vejo outras luzes,

Em que repousa humano entendimento,
E, livre das hypotheses soberbas,
Como acredita hum Deos; ouve a verdade.
Diluvio vingador cubrio da terra
A face, que manchava o crime impune.
Da omnipotente dextra hum Deos irado
Contra o Globo arremeça hum raio ardente;
Cahio, (e hum só bastou) e a Terra estala;
Hum pouco s'inclinou, e o Már a sórve;
Pavoroso trovão lhe abala o centro;
Dividida em porções, no vasto abysmo
Se precipita subito o Oceano,
E as quebradas porções rodéa, e cobre:
E quando as agoas turbidas fugírão,
E a vingança acabou; quando nos eixos,
Acabando o tremor, fez pausa a Terra;
Quando de novo o Mar sentiò limites;
Aqui, e alli, na liquida planicie
Deslocadas porções a frente alçarão;
Os germes vegetaes tinhão no seio:
Fecundante calor do Sol, que brilha,
Na terra humedecida os desenvolve;
Brotão, vicejão, subito cobrírão
De bosques, e vergeis, o campo, e os montes.
Magestosa Albion, teu berço he este;
Tambem surgiste do geral estrago;

O mar te separou, e o mar te adora;
E's soberana delle, és delle a gloria;
Sobre elle empunhas nautico tridente;
E, assoberbando o mar, dás leis ao Mundo.
Os teus canhões horrisonos rebramão
Onde o Sol ergue o rosto, onde o sepulta;
Onde levas o Imperio, as luzes levas,
E a pár de teus Heroes marchão teus sabios;
Em ti virtude encontra asylo, o premio;
Da liberdade és Patria, e da ventura;
Não deponhas o raio, o Ceo te manda
Tirar á Europa o jugo, aos Reis o opprobrio:
Tem preço aos olhos teus a Humanidade;
Eia, escuta seus ais, seus ferros quebra.
Em ti mais se ennobrece a especie humana:
Bacon he filho teu, Newton teu filho;
Locke, que he teu brazão, Locke sómente
Do entendimento os penetraes encára;
Neste intrincado labyrintho encontra
Hum fio, que a razão té alli perdera.
Tu deste o berço ao Cysne altisonante
Cantor do alegre Eden, Cantor do Abysmo,
No vigor dos pinceis rival de Homero.
Em ti da lyra de ébano se ouvírão
Maviosos tons, apuros da Elegia;
Se os frios Manes, se a medonha Morte
*

Soubessem perdoar, com teus gemidos,
Ao menos huma vez, se enternecêrão,
Cantor das Estações. Tal foi teu berço!
No colorido de brilhantes quadros
Nem tens imitador, nem tens modélo.
Abriste nova, ou verdadeira estrada
Ao Genio da Poesia; o digno objecto
Tu lhe soubeste dar; a Natureza,
Mais que nos lenços de Vanlóo, de Albano,
Em teus sublimes versos se retrata.
Tu, que o profundo pélago sondaste
Do humano coração, Pope, alli viste
A luz do claro Sol, alli de louros
As Musas Pilosoficas te cingem,
Quando a atrevida estupidez flagellas,
E vingas a razão, e o gosto vingas.
Triunfante Albion, prospéra, e vive;
Que já não dubia, ou vacillante a sorte,
Quiz fixar sobre ti, do Mundo o Throno.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

A MEDITAÇÃO.

CANTO III.

NAÕ solitaria sobre hum Globo inerte
Eu só vejo , ou descubro a especie humana ;
De quasi immenso circulo de Seres
Ella he centro commum , motivo he ella.
De especie varios são , de aspectos varios ;
E o modo de existir diverso em todos.
Socios são do mortal, são seu sustento
Tantos , que a vida vegetal conservão ;
Filhos da terra são, della se nutrem ,
Seu manto vem tecer , seu rosto enfeitão ,
E a permanente especie se conserva
Desde o instante, em que a voz do Author Supremo
Derramou força plastica no Globo ;

Foi fecundo huma vez, fecundo he sempre.
No grão, que á vista he morto, e morto ao tacto,
Mora germen vital, se á dura terra
Esperançoso agricultor o lança.
Vai retalhando o campo o lizo arado;
Não cáva melancolico sepulcro,
Mas fecunda matriz. Já della brotão
(Que profundo mysterio !) as plantas todas;
Recreio, e nutrição d'Entes mais nobres.
Oh mudos sócios meus, quanto sois bellos !
Fostes empregos do mortal primeiro,
D'Eva a formosa mão vos deo cultura;
E voluntariamente então curvados,
Lhe offerecestes a flor, lhe déstes fructos;
A innocencia findou, e em vós não finda
Riqueza, profusão, matiz, e graça.
Em tanta multidão se perde a vista,
E se confunde a mente extasiada:
Todos pedem meu canto, e em dons tão varios
Irresoluta a escolha se suspende.
Tudo no imperio vegetal he grande,
Tudo serve no mortal ! Ora que volve,
Da Primavera no regaço, Maio,
Tudo no alvergue humano he formosura.
Dos Jardins das Hespérides o pomo
(Dos Lusos he conquista, he dom do esforço,

Com que até do Catay no Imperio, e mares
Forão erguer as gloriosas Quinas)
A côr ostenta do metal precioso;
Nivea, fragrante flor, já traz com elle
Nos delicados cálices mais fructos:
Se nas azas dos Zéfyros fugindo
For a doce estação, qual foge a vida,
E cingido de pálidas espigas,
Trouxer girando o Sol o ardente Estio,
De novos fructos s'enriquece a Terra.
Aos fatigantes abrazados dias
Succede o pardo Outomno, e em copia ingente
Ricos thesouros os mortaes percebem:
Então s'empenha a Natureza toda,
Doces pomos nos dá. Muitos se aprazem
Até dos dias do engelhado Inverno.
Nem todos nos produz a Terra toda:
Aquelles gostão do Hiperboreo clima;
Outros vicejão pelas ferteis margens,
Onde s'espraia o turbulento Ganges:
Outros forão buscar patria, e morada,
Nas tristes solidões d'Africa adusta.
O soberbo ananás cresce nos campos,
Que vio primeiro o intrepido Colombo.
A variedade, exsatico, descubro,
Com que todos produz a Natureza!

Dá-lhes sabor diverso a mesma terra,
Volume desigual, diversas cores:
Filtra-se o succo avivador nos troncos,
Alli veste outro ser, veste outras fórmas;
Prodigio ignoto ao sabio, ao vulgo ignoto;
Da verdade o separa igual distancia;
Só dado aos homens foi sentir effeitos;
De tudo, ou quasi tudo a causa ignorão;
Goze o mortal da Natureza, e baste.
Só póde a mente attonita, em silencio,
Nos fructos adorar o Author Supremo;
De immensas producções germen pequeno
Quiz que principio fosse, e propagasse
Até final periodo dos tempos:
Indeleveis padrões, memoria eterna
Do seu amor, da Providencia sua!
    Entre sombras me engolfo, os bosques vejo,
Onde copadas arvores se enlação;
Como rivaes dos seculos, existem
Robustos Freixos, Cedros alterosos:
Voltêão pelo ár tufadas ramas;
Debalde as bravas, horridas cohortes,
Que Eólo ajunta, e solta, embatem nellas;
Tanto a firme raiz na terra escondem,
Quanto ao sereno Olympo os troncos sobem.
Soberbo pavilhão, folhagens verdes,

Do taciturno pensador asylo!
(Accendeo sempre a magestosa sombra,
E a doce solidão dentro em minha alma,
Da Natureza o porfiado estudo.)
As enramadas arvores me dizem,
Que o Creador Supremo escuta, acolhe
Das nossas precisões o grito, o brado.
Vio dos Ceos o mortal, que errante, afflicto,
Não tinha asylo mais que as ermas grutas,
Tristes furnas dos horridos penhascos;
As vicejantes arvores lho prestão.
Do Rei da creação pobre choupana
Foi palacio primeiro, e seccos ramos
Das injurias do ár, sem arte, e luxo,
A muito fragil maquina lhe escudão.
Soão em torno os éccos, que redobrão
O som magoado, se o robusto braço
Do rustico esquadrão redobra os golpes
Da severa bipenne, e abate os troncos;
Jà, das altas montanhas arrancados,
Gemem com elles os sonóros eixos;
Na mão das artes com diverso aspecto
Os vejo apparecer: d'altos palacios
Os tectos fórmão, que dourados brilhão;
Em fluctuantes casas se convertem,
Que hão de affrontar as furias do Oceano,

Do qual como assustadas se escondão,
Buscando asylo nos fragosos montes.
A minha acceza fantasia vôa
Desde as margens do Téjo aos climas, onde
Se mostra inda no berço a Natureza.
Aqui com maior pompa, e mais riqueza
Se mostra a força vegetal nas plantas:
Nos troncos colossaes, na sombra immensa,
Sagrado horror aos íncolas inspirão:
Dos homens socios são, da vida esteios.
Oh pasmoso Coqueiro! eu te contemplo,
Cheio de assombro, nos extensos campos
Daquelle tanto tempo ignoto Mundo.
Inda que a mão do Creador Supremo
Não semeasse outra arvore fecunda
Naquellas ferteis, dilatadas veigas,
Que inda o ferro até agora intactas deixa,
Onde a cultura os barbaros não sabem;
Não menos bello, ou rico se mostrára
Todo o vasto Hemisferio a nós opposto.
Quão pouco basta á Natureza pura,
Antes que impere a sórdida cubiça,
O luxo corruptor, e inuteis artes!
O quasi insocial Tapuya errante,
Se humilde domicilio, e lar seguro
Intenta levantar, lhe abate os troncos;

Delles a choça faz, que o raio accezo
Ignora mais que os pórfidos, e jaspes,
Nas orgulhosas cúpulas de Roma.
Se vagabundo pelos bosques tenta
Dos largos rios seus transpor as ondas,
Escava os troncos, das extensas folhas
Tece vélas subtis, que enfuna Eólo;
De seu rasgado seio hum saboroso,
Almo liquor extrahe, que as seccas fauces
Lhe refrigéra no fervor do dia.
Quanto he doce seu fructo, e delle corre
O nectar suavissimo, que a vida
Restaura, e nutre; no cruel accesso
A horrenda febre pallida suspende:
Ao saugue atropelado o curso enfreia,
Aníma o velho trémulo, vigóra
Nos braços maternaes mimoso infante.
Em oleo se transfórma, que amacía
De amargas hervas rusticas viandas:
Ao socegado habitador dos bosques
He sustento, he bebida, he casa, he tudo!
  Se do Cantor das Estações o fogo
Impetuoso me fervera n'alma,
Para seguir com elle a Natureza,
Que prodigios insolitos eu vira
Nos Entes vegetaes, que afformoseão

A humana habitação! Corrêra ao clima
Da cheirosa Ceilão, de estranhas plantas
Os recendentes balsamos colhêra;
E nas margens do Indo, e fulvo Hydaspes
Vira os troncos da quente especiaria.
Nem tu, ditosa China, no regaço
Posta d'Aurora, e do nascente dia,
A meus sublimes extases fugiras.
De lá, transpondo o Gáte, e immenso Tauro,
E depois o Sinay, vira a robusta,
Sublime Palma, das victorias premio,
Como cresce, viceja, e multiplica
Nos campos Iduméos! Como ind' assombra
Os restos immortaes d'alta Palmyra,
E do incançavel Nilo as margens borda!
Meu estro nunca extincto inda voára
Pelo cume do Líbano frondoso;
E gyrando entre os Cedros corpulentos,
Talvez que os éccos das canções ouvíra,
Que alli Vate inspirado ao Ceo mandára:
Mas pouco Ave rasteira as azas póde
Erguer do turvo lago audaciósa.
De Tompson as canções oiça o Tamisa,
Ellas abrangem toda a Natureza;
Seguindo o gyro ao Sol, fixão seus vôos
Onde das estações o Imperio acaba:

A ignorado Cantor , e a Lyra humilde ,
He muito huma porção ; eu , no silencio ,
Só medito o mortal , medito os Entes ,
Que tem com elle habitação no Globo ;
E as mais proficuas arvores contemplo ,
Que mais estreitas relações conservão
Co' a existencia mortal , e a vida escórão.
    Quanto se apraz dos campos Lusitanos
A formosa pacifica Oliveira !
He symbolo da paz , e a paz implora ,
S'ergue seu ramo o misero vencido.
A dura mão do desabrido Inverno
Jámais a despojou do ornato , e gala ;
Vagarosos ao ár seus troncos sobem ;
Pouco amanho a vigóra ; e médra , e cresce
Em terra pedregósa , e sáfia , e dura.
Quantos triste mortal dons preciosos
Recebe da frondífera Oliveira !
A' força oppressos da voluvel roda ,
Em doces ondas de liquor mudados ,
Formão vivo clarão , que suppre o dia ,
Na sombra universal , que a noite espalha.
Oh bemfazeja luz , ora a teus raios ,
Das Musas ao sacrario , aberto a poucos ,
Não temerarios , não , dirijo os passos.
E só comtigo , e co' o silencio espero ,

Que assome no horizonte a roxa Aurora,
Sem que as pezadas palpebras o somno
Venha meigo cerrar! Em quão profunda
Meditação me engolfo! Os almos hymnos,
E este canto, que eu voto á Eternidade,
Della procedem só: e ante meus olhos
Neste momento de extases, e sombras,
Longa serie de seculos repassa!
Vejo Imperios cahir, e alçar-se Imperios,
A' voz do Orgulho, e da Ambição na Terra:
E, no que sente agora estrago horrendo,
Como em quadro fatal, e ao vivo expressa,
Vejo Déspota Roma, e Roma escráva;
A Tullio envolto em sangue, em louro a César,
Claudio no Throno, e Seneca em desterro;
E no desprezo o merito, a virtude.
Em quanto marca a maquina voluvel
Do tempo velocissimo a medida
Ao compassado, irreparavel golpe,
Sinto estreitar-se o circulo da vida,
E da existencia o Sol tocar no occaso.
Vem, sombra augusta, livra-me do tempo,
Eu canço já de ver na Terra o crime,
Que os Thronos profanou, e os homens piza;
Não tem na fria morte imperio o Monstro.
Leva-me, augusta sombra, além dos Astros,

Junto á fonte dos bens, da gloria ao centro.
Oh termo da desgraça, oh fim dos luctos!
Não só te abraça Socrates sem susto,
E Teramêne intrepido te encára;
Tambem meu coração t'espera affoito,
Sem fausto de Filosofo, sem pompa;
E se nos vivos se apascenta a Inveja,
Conçada junto ao tumulo repousa:
Virtude da Fortuna alli se vinga,
O Orgulho ao pé da cinza he cinza, he nada.
Fugio, sem eu querer, do peito hum voto:
Meditação profunda unio distantes
Objectos entre si, e ás Musas torna.
Sustento do mortal, dádiva augusta,
De hum Deos, que abasta o domicilio nosso,
Vejo ondeante na campina extensa,
Ora dobrar-se, e desdobrada a mésse,
Ao leve toque de animantes sopros,
Que os calmorosos áres refrigerão;
Eis a mais rica producção da Terra.
De agudas lanças esquadrão cerrado
A já vingada espiga, escuda, e fecha:
Com seu pezo opulenta inclina a fronte,
Assim da tempestade esquiva os golpes.
A pragana subtil o assalto véda
A' mui voraz sofreguidão das aves.

Oh Trigo, oh rica dadiva do Eterno!
Tu no effeito, e valor és delle a próva,
E's a benção de hum pai, que ama seus filhos,
Das plantas Soberano o sceptro empunhas,
No Imperio vegetal da Terra ornato!
O sabio, que ao Vesuvio ousado sóbe,
Observador, e victima das chammas,
Mais fertil te chamou das plantas todas:
Do vento, ou d'agoa, a maquina rotante
Já te reduz a candida poeira;
Activo agente te fermenta, e logo,
Saboroso sustento, a vida escóras,
E de Zeno o discipulo comtigo
Prazer disputa a Jove, e insulta o Fado.
Eu posso fazer mais: sem ti conservo
Sereno o rosto pallido, e da sorte
Os vilipendios pizarei; que a fome
Tambem póde acabar da fome a pena.
    Tantos bens ao mortal reparte o campo!
Nos socios, que lhe deo, lhes deo sustento
O Soberano Author dos Ceos, e Terra.
Oh cultura do campo, oh necessario,
Suavissimo mister aos homens dado,
Até quando a innocencia o imperio tinha
Da Terra, não do crime alvergue impuro,
Mas da virtude, e paz palacio, e throno!

Da Natureza toda o estudo, a força
Se emprega em fecundar, servir a Terra;
Despede o claro Sol sobre ella os raios;
As fluctuantes nuvens lhe derramão
O bemfazejo humor; liquidas agoas
Lhe gyrão como sangue as largas veias;
Pelos áres diáfanos brincando
Se agita o vento, que a refresca, e nutre.
E sómente o mortal soberbo, e duro,
Do sublime dever se affronta, e córa,
A que, innocente, a voz da Providencia,
Já destinado o tinha, e julga officio
Apoquentado, e vil d'almas humildes
A Terra dividir com lizo arádo:
E julga só de gloria emprego digno,
Alastrar de cadáveres a Terra!
Cyro sustenta na invencivel dextra
O proficuo alvião. Da antiga Roma,
Do antigo Mundo os arbitros invictos,
Curios, Fabricios, Scipiões, e Fabios,
Da frente augusta o loiro desatando,
Da charrua o timão com elle enfeitão.
Debaixo de seus pés se alegra a Terra,
Que o ferro triunfal lhe rasgue o seio;
Dos abysmos medonhos, que a Fortuna
Ao solio preparou, fugindo hum César,

Em pequeno jardim s'esconde, e vive;
A Consular secure, o eburneo throno,
Pelo humilde enxadão trocou gostoso.
Oh tres vezes feliz, quem foge, e deixa
Das Cortes a impostura, e reboliço,
Que solitario, incognito, não cura
Das façanhas dos Reis; que só dest'arte
Aos eclipses politicos se esquiva!
Divina Agricultura, eu palpo, eu vejo
Teus dons celestiaes, e os teus presentes
Ingenuos são, da ingenua Natureza.
Se ha dias puros, os mortaes t'os devem:
Tu só nos dás riquezas sem remorsos,
Sem ancias o prazer; tuas conquistas
São conquistas de paz, virtude as doira;
Nem são devidas ao furor das armas,
Nem se comprão com lagrimas, e sangue.
Feliz quem póde em solitario asylo
Esquecer-se do Mundo, e dos ingratos,
Dormir tranquillo á sombra do arvoredo,
E tranquillo acordar! Quem ama o campo,
Quem ama a Agricultura, ama a Virtude.

O Eterno, o sabio Arquitector de Tudo,
Não só deo mudos troncos, toscas plantas
Aos miseros mortaes por companhia;
Entes mais nobres, entes mais subidos

Que o vegetal Imperio, a terra pizão:
Dos homens socios são, vivem co' os homens.
Tambem com elles a fecunda Terra,
Como seus Cidadãos, seus bens reparte.
As feras na montanha, o manso armento,
Que ajuda o Lavrador, seus bens reclamão;
Dos brutos são herança, e dos humanos.
Variedade pasmosa! Em quantas classes
As semoventes maquinas se admirão,
Distribuidas infinitamente!
De antigos sabios porfiado estudo
Das especies, sem número diversas,
Nunca pôde traçar completos quadros.
O vencedor indómito de Tyro,
O raio abrazador do accezo Oriente,
Entre o fatal estrepito das armas
Não se esquece da Grecia, e da sciencia:
Contemplar, conhecer a Natureza,
He mais que avassallar co' a espada a Terra.
Manda (que gloria!) ao Arbitro das Artes,
Que corra o immenso circulo dos Entes,
Dos brutos animaes, que a Terra pizão,
Ou que no imperio liquido dos áres
Cortando espaço vão co' as leves azas;
Do Sabio, e do Monarca, inda hoje existe
O louvor, o pregão no aureo volume,
*

Que os tragadores seculos respeitão.
Ao tenebroso Déspota da Eschóla
Não foi dado correr circulo immenso ;
A ti , Buffon , permitte a Natureza ,
Que o véo levantes , que de seus mysterios
Sejas sômente interprete sublime.
Eu te admiro , Pintor , e em teus escritos
Sôa a voz , mas sem numeros , das Musas.
Eu contemplo em meus extases comtigo
As animadas maquinas , que seguem
Do natural instincto as leis severas.
Nos livres áres as voluveis aves
Soltão ao canto a voz , e ao vento as penas :
Os humildes reptís seu corpo arrastão :
Os diversos quadrupedes distinguem
A propria habitação. Na inculta brenha
Se acouta , e se defende , o bravo , o féro :
E vem buscar o imperio , e a mão dos homens
Os rebanhos pacificos , e dóceis.
Instincto animador , motora força
(Insondavel mysterio á mente humana !)
Movimento lhes dá , regúla os passos ,
E imagem da razão nos brutos brilha.
(Calcule o Methafysico profundo
Qual seja a lei do mecanismo occulto ,
Que uniforme , que igual , dirija os brutos ;

Dado a hum Vate não foi sondar abysmos!)
Ella o sustento lhes procura, e prompta
A' cilada os esquiva, ao damno, á morte:
Da prole o doce amor sustenta, e nutre;
Ella lhes firma as leis, e o pacto escreve
De hum divorcio eternal entre contrarios.
Na Hollanda annuviada o Sabio occulto
Os considere autómatos inertes:
Errou nos turbilhões, errou nos brutos.
    Dos ares cidadãos, vinde a meus versos.
Da Providencia paternaes cuidados
Do taciturno Athêo aos olhos brilhão,
Se alguma vez no ar contempla as aves.
Que pandas azas arrogante bate
Com vôo magestoso Aguia sublime!
Que vista perspicaz! Com força altiva
Chega a transpor as nuvens enroladas:
Deixa abaixo de si trovões, e raios:
Té onde os áres liquidos a soffrem
Vai devassar subindo o Sol ardente.
De lá, não deslumbrada, o campo espia,
Cahe no disperso, e timido rebanho.
Do Pastor assustado á vista, empolga
Aduncas prezas no cordeiro imbelle;
Leva pendente o corpo atassalhado,
Mimoso pasto de cruentos filhos,

Que implumes, sem vigor, soccorro aguardão.
Vassallos deste Rei, na aérea scena
Começão de assomar Falcões soberbos,
E o carniceiro, voador Milhafre
De retorcida garra, e bico adunco.
Batendo as azas prateadas, fogem
As Páfias Pombas do Tyranno infesto,
Sobre ellas desce o rabido assassino,
No palpitante seio empolga as unhas,
E o quente sangue ressaltando ensópa
A mui brilhante, mórbida plumagem:
Assim mimosa flor, que o prado enfeita
Do vento desabrido ao golpe espira.
Feroz, mas docil, o Falcão se amolda
Dos mortaes ao prazer, e ás leis das artes,
E serve ao luxo barbaro dos homens.
    Mas das scenas da morte a vista aparto,
A innocencia, que soffre, obriga a pranto.
Em novos quadros, maravilhas novas,
Pelo imperio vastissimo das aves
Eu vou já contemplar. Do Author dos Entes
A grandeza, o poder, nellas descubro.
Tu, vaidoso Pavão, sentes a força
Da propria formosura, e garbo proprio.
Quanto he grato observar-lhe o fluctuante
Nobre penacho, que lhe assombra a frente!

Despréga ufano a cauda sumptuosa,
Se de perto o mortal o admira attento.
E das Pombas domesticas o bando
Que formoso nos ares apparece!
A Natureza liberal derrama
Nellas a plenas mãos belleza, e graça.
Iris brilhante o collo representa,
Se nelle obliquo o Sol despede os raios:
Os symbolos da paz, e os da ternura
Nellas visiveis são, e arde constante
Dentro em seu coração de amor a chamma,
Innocente, sem livido ciume,
Como a produz a ingenua Natureza.
Dos olhos ao prazer se une harmonia,
Que o meu absorto espirito suspende.
Ouço entre as sombras lugubres da noite
Tão concertados sons, tão doce accento,
Que involuntarias lagrimas me inundão.
Modesto Rouxinol, ouço o teu canto,
Se a Primavera vio no berço o Mundo;
Tu quebrantaste o augusto, alto silencio,
Que á muda Natureza presidía;
E a teus accentos o mortal primeiro,
Quando os olhos abrio, deo prompto ouvido;
Tu foste despertar dentro em seu peito
O prazer da existencia, e da ventura.

O crime a perturbou, ficaste mudo
Na triste noite, que ao fatal delicto
Primeira se seguio: roncos medonhos
De embravecidos mares se escutárão,
Subterraneos trovões, d'espaço a espaço.
O convulso mortal de si fugindo,
Sem se esconder de si, no horror das trévas
Os guinchos melancolicos escuta
Das tristes aves producções da noite:
Ellas lhe augmentão mais, remorso, e medo.
Eu affeito a velar no horror profundo
Da noite, que meus extases inflamma,
Inda sinto pavor se os ais escuto,
Quando aos ermos do espaço os olhos volvo,
E acceza fantasia os astros corre.
Eccos sentimentaes, que a morte agourão,
Que sahidos dos tumulos parecem,
Não sei de que prazer meu peito inundão:
Somno da morte, és grato a hum desditoso!
Que rasgos de immortal sabeboria
Quiz impressos deixar do Eterno a dextra
Nestes do ar plumosos habitantes!
Quanto me assombra o carinhoso affecto,
Com que os filhos nutrís, mimosas aves!
No berço os defendeis, velais no berço.
Esquecida de si, seus óvos chóca

A desvelada mãi ; o Sol , que nasce
No mesmo ardor a encontra , e nella a deixa ,
Se os braços busca da cerulea Thetis.
Calor activo os óvos desenvolve :
Eis se quebra a prizão , e a luz respirão.
O delirio amoroso então se augmenta :
Deixa hum momento o ninho , os áres corta ,
O sustento solícita procura ;
Contente ao ninho volta , alli do peito
Nos mal abertos pequeninos bicos
O grão , que traz , amante deposita.
E quando observa solidos os membros ,
E já robustos musculos nas azas ,
Com presentida voz d'hum tronco os chama.
Adeja , e vôa hum pouco , e marca o trilho
Pelo espaço diáfano dos áres.
Tanto amor maternal nas aves brilha !
Sympáthica affeição , profundo impulso
De quem só se desvia , e só se esquiva
Estupido Avestruz , surdo aos gemidos ,
Que exhala amor , a natureza , o sangue !
Sobre as arêas tórridas da Libya ,
E solidões da America abandôna
Os ovos sem cuidado , e delles fóge.
O paternal amor da Providencia ,
Qual benefica Mãi , fecunda , e cobre

O miseravel gérme alli deixado.
Ao fulgurante Sol, manda que espalhe
Almo calor sympáthico da vida,
Sem mãi, sem pai, se anima, e desenvolve;
O pai universal invóca, e chama
A tenra próle inerme; a mão profusa
O sustento lhe dá, desvia os males,
De que inexperta idade inda não foge.
Que contraste de amor no amor, nas ancias
Da singela Gallinha cuidadosa!
Nunca a ternura maternal mais prompta
Nos outros animaes soccorre os filhos.
Co' os incançaveis olhos vigilantes
A vida lhes escuda; se atrevido,
Sem pejo os accomette o Cão fagueiro,
Denodada se oppõe, nem sobresalto
Ao latido feróz mostra animósa.
Quanto he gostoso vêr, quando em sombrias
Nuvens s'envolve o Ceo no pardo Outono,
Que a prumo sobre a Aldêa peneirando
Anda o cruel carnívoro Milhano!
Os olhos fitos traz na incauta preza.
A satisfeita mãi, dada ao trabalho
Para nutrir os clamorosos filhos,
Entre as aéreas nuvens o presente;
Lança assustada o grito conhecido,

Prestes s'escondem timidos, e mudos:
O maternal amor dest'arte esquiva
A tenra prole aos golpes do inimigo.
    Mais póde a voz do instincto, ou Natureza
Nas aves. Cidadãos de oppostos climas,
Quem das margens do Téjo, á Libya ardente
Os obriga a passar? Que voz de novo
De tão ferventes areaes os chama
A' doce habitação do lar antigo?
A providente Natureza ensina
Estas dispersas vagabundas tribus.
No frio, e no calor o extremo evitão.
Apenas finda o gyro o pardo Outono,
Co' o derradeiro aceno annunciando
A rigida estação da chuva, e gêlo,
Se do immenso Horizonte o vasto seio
Por hum pouco conserva a luz, e a calma,
Das Andorinhas a Nação liberta
Sobre as terreas moradas esvoáça,
Mais redrobrando as innocentes vozes;
Talvez, que da saudade os gritos sejão.
O volante esquadrão se engrossa, e une,
Faz-lhe hum aceno a Natureza, e parte.
E debaixo de hum Ceo tepido, e puro
Vai prudente aguardar, que volte a doce
Primavera fugaz; e apenas sente

Que os rorijantes Zéfyros adêjão,
E com fecundo assopro o ár tempérão,
Contente vem buscar antigos lares.
Com verniz mais luzente as azas brilhão:
Pelos áres vazios se arremeça
A volante falange, e affronta ousada
Sobre as nuvens o mar, que freme, e espuma.
Quanto me apraz, sentado ao Sol que nasce,
Vêr em bandos voar palreiras Gralhas;
Do affogueado Sul deixando o clima
Vêm buscar entre nós pasto, e guarida!
Negros p'lotões em angulo se fórmão;
Pelo espaço do ár já sôa ao longe
O guincho atroador, que instiga os frouxos.
Activa, insomne sentinella guarda
Em torno aos arraiaes, quando cançado
O volante esquadrão repousa, e acampa.
Quem lhes prescreve o tempo, e póde a estrada,
Que elles devem seguir, marcar sem erro?
Que bússola os conduz transpondo os mares?
   Mysterio não sabido, a mente absorta
Nas leis se perde, e multidão das aves,
Entes que em maior copia o globo habitão.
Desmaia a fantasia, o estro affrouxa,
Se o infinito número contemplo,
Qu' enche, e povôa os hemisferios ambos.

Pelas costas maritimas em bandos
As vê do largo mar o nauta affouto,
Que, já cançado de lidar co' as ondas,
Suspira pela terra; ellas lha mostrão,
Inda que á vista occulta, no horizonte.
De mais lustrosas pennas se atavião
Nas regiões, que a prumo o Sol visita;
Se a Natureza próvida lhes nega
O canto, lho compensa em formosura:
Pelos bosques da America opulenta
São como flores nitidas, que voão,
Quando os ventos das arvores as soltão.
Humas da Côr da purpura se vestem;
Outras do verde, que tapiza os campos;
Outras ajuntão nas mimosas pennas,
Qual Iris reluzente, as côres todas.
Das especies carnívoras, e bravas
Sempre he menor devastadora turba.
Entre os quadros, Buffon, que a par te levão
Dos quasi divinaes pinceis d'Urbino,
Quanto me assombrão carregadas côres,
Com que retratas o Condor terrivel,
Das negras serranias assomando,
Que o longinquo Acapulco em torno assombrão!
Co' as azas veda o Sol, e immensa espalha
Pela extensa campina infausta sombra.

Sobre hum Touro feroz dos áres desce,
Rasga-lhe as carnes, sôfrego o devora,
Ruido horrendo fórma o ár rasgando:
Mais de huma vez se vio na garra adunca
Levar pendente o misero Indiano;
Dos lacerados palpitantes membros
Corre o saugne nos asperos rochedos.
Monstro horrendo, feroz, de enorme corpo,
A quem vigor igual deo Natureza.
Mas entre agrestes, carniceiras aves
O medonho Condor propaga menos;
Raro os olhos o vem, raro apparece,
Quanto convem da especie á permanencia.
Não he maior a Sapiencia eterna
Nestas pasmosas maquinas volantes,
Nem se mostra menor no insecto humilde,
Que aos olhos do mortal parece hum nada:
A mesma voz, e força omnipotente;
Que do Nada tirou sublimes Aguias,
Tirou do Nada o pequenino insecto,
A Terra, o Mar, e os áres dilatados
São patria sua, e conhecido Imperio.
Possa embora medir la Place, e Newton
Quanto distante o Sol da Terra exista,
Quam longe hum astro vá, quam longe aberre;
E Lalande a seus calculos sujeite

As leis que segue, ou dicta a Natureza.
Genios tão grandes subito desmaião,
Se infinitas myriades contemplão
Destes Seres organicos, que á força
Até do vidro augmentador se roubão.
Na extrema pequenez de hum Deos a gloria
Lésser, profundo indagador, descobre;
Do amargurado Atheo confunde os erros,
Quando a suprema intelligencia mostra
Nas leis, na construcção, no instincto, e moto
Que nestes Seres impalpaveis brilhão.
Com teus escriptos, Réaumour, defendo
Contra o sectario vil de hum cego acáso
O Arquitector da maquina do Mundo;
Grande no Querubim, no Insecto grande!
Digno estudo de hum Sabio. O Vate apenas
Póde os olhos deter, e a fantasia
No quadro universal da Natureza;
E ao que resalta mais, e he mais brilhante,
Seus versos consagrar. Corre a meus versos,
Meu canto afformosêa, ó bello Insecto,
Que da ribeira oriental do Ganges
Vencedor Europeo trouxe entre as palmas:
Pomposas vestes aos Monarcas teces;
Realças com teus dons a formosura;
De imperceptivel fio o alcaçar fórmas;

A força se attenúa, e desfalléces.
Mas que milagre vejo! Eis do sepulcro,
Vestindo hum novo ser, tornas á vida:
Tal vai a Natureza em gyro eterno
Com varias fórmas produzindo os Seres,
Que o Cantor de Sulmona em aureos versos
Fez dos Numes amor, ou fez vingança.
O' tu, Legislador do Pindo, ó Vida,
Teu canto mereceo tão bello Insecto;
Eu te ultrajára, sim, se eu mais dissera.
E mereceo teus extases sublimes,
O' Mantuano Cysne, ó Aguia, ó Nume,
Esse negro esquadrão, que os campos corta.
As incançaveis, próvidas Formigas,
A vista perspicaz põem no futuro.
Dos lares seus no sinuoso asylo
O rijo vento, o frio, a neve affrontão:
Rigorosos Demócratas tranquillos,
São iguaes no trabalho, iguaes no estado.
A geral precisão todas occupa:
O bem da sociedade he bem de todas;
Parcimonia, e trabalho he seu thesouro:
Aos homens dão lições, nasce abundancia
Da social fadiga, e mutuo esforço.
Pestilente Egoismo, os males todos
Trouxeste ao Mundo, escravizado agora:

Eis outra sociedade, e leis diversas
Descubro nas solicitas Abelhas.
Vão zumbindo no ár, e o campo, e as flores
Em divididos esquadrões saqueião:
Contentes co' os balsamicos despojos,
Delles no patrio lar néctares tirão;
Nelles proprio não tem mais que o trabalho;
He mecanico instincto isso que hum Vate
Chamou d'Ether divino hum lume, hum raio.
São vassallos a hum Arbitro sujeitos,
Que do commum trabalho ás leis s'esquiva;
Só tributos recebe, e leis publíca.
Junto ao candido Lirio abrolhos surgem:
Com os proficuos insectos innocentes
Vejo reptís crueis, que a morte apressão.
Entre flores a Vibora se enrosca;
Disfarçado assassino, que distilla
(Irreparavel golpe!) atroz veneno.
O' soberba Cleóprata, teus dias
Assim findárão co' a belleza tua!
Não foi por certo amor! Orgulho, ou medo
A evitar te ensinou ferros, e affronta;
De Octavio, não magnanimo, no carro,
Captiva illustre ao Capitolio irías.
 Das campinas da America desvia
A Musa o canto seu. Disforme Cobra,
13

Que, atravessando rapidas torrentes,
A frente tem n'hum lado, e n'outro a cauda,
Se se enrosca em si mesma, e aguarda as prezas,
Dos orbes espiraes acima eleva
A medonha cabeça, e espalha em torno
A luz ferrenha dos terriveis olhos.
Desgraça ao gado misero que pasce!
O sanhudo Dragão lhe enlaça o corpo,
E exhala o Touro os ultimos arrancos.
Não sequaz d'Optimismo o mal conheço,
Que hediondos reptís na terra espalhão;
São flagellos da cólera divina.
São da bondade tutelar a prova,
Pois dos terriveis tóxicos se tirão
Armas, que á fria Morte a fouce embotão.
Assim montão de turbidos vapores,
Que no pejado seio o raio acolhe,
Co' a brava furia do raivoso vento
Mil vezes se transforma em ondas puras,
Que, humedecendo as aridas campinas,
De Flora, e de Pomona os dons alentão.

Mais humildes reptís no campo gyrão,
Sem veneno, sem perfidas ciladas,
Que innocentes nas plantas se apascentão.
Milagres são da Eterna Omnipotencia:
A fabrica subtil, nexo pasmoso

Dos delicados musculos , e fibras ,
A progressão do movimento , os passos
Do sangue animador nas tenras veias
Deixão minha alma extatica , e suspensa.
Nos grandes corpos o Motor Supremo
Seu eterno poder emprega ; encontrão
Extenso campo as maravilhas suas :
Mas nos perpetuos átomos , que apenas
Os sentidos descobrem , mais pasmosa
Sua profunda Sapiencia brilha.
Como as subtís antennas lhes delgaça !
Como n'hum ponto indivisivel abre
Olhos , que soffrão luz reverberante !
Como dispõe do ventre a cavidade ,
E as veias , em que humor vital se agite !
Nós admiramos do Elefante enorme
A corpulenta espádoa , que sustenta
Torres que encerrão bellicas falanges ;
O largo collo , as pontas retorcidas
Do Touro agricultor , e as curvas prezas
Do carniceiro , mosqueado Tigre.
Nas arêas Numídicas nos pasma
O sanhudo Leão , que ao quente sopro
Do vento deixa fluctuar as crinas.
Em tão soberbos animaes palpamos
Da Sabia Omnipotencia o sello impresso.
*

No desprezivel, no pequeno insecto
Inda se mostra mais; deo-se em resumo:
Mais os distinctos attributos brilhão
A' mente do Filosofo tão claros,
Quanto na inteira maquina do Mundo.
Dos Entes brutos progressão pasmosa
Nestes viventes átomos começa:
Chega onde a Natureza estanca, e pára
Nos colossaes quadrupedes, que a Terra
Parecem opprimir com pezo enorme:
Qual vai nas margens do assombrado Ganges,
E vergeis de Ceilão, forte Elefante;
Todos excede, e vence em força, e instincto;
A voz do conductor entende, e prompto
A hum mudo aceno docil obedece;
Sente o preço da gloria, e dos louvores.
Da Natureza o Interprete Romano
Dá-lhe a justiça, dá-lhe a probidade,
Rarissima virtude entre os humanos.
Da enorme frente do animal á terra
Desce voluvel, enroscada tromba,
Cruzao-se os alvos dentes retorcidos,
Que o negro Caçador da Nubia assustão.
O furor dos mortaes n'hum tempo á guerra
Comsigo os conduzio; robusta espádoa
De huma torre era base, agudas lanças

Contra as hostes dalli se arremeçavão.
Com ellas fez parar, mas não vencídas,
O forte Pirrho as Legiões Romanas.
A tanto chega a raiva dos humanos!
Do solitario bosque as feras tira,
Dá-lhes furor, que a Natureza néga;
Instrumentos as faz de sangue, e morte.
Menor em corpo, em animo mais forte,
Ruge o feroz Leão, duro Monarca,
Que funda no terror seu sceptro, e throno.
Seus rugidos horrisonos rebramão
Nas tristes solidões d'Africa ardente,
Onde de Zara os areaes refervem.
Bate co' a longa cauda hum lado, e outro;
No musculoso collo lhe fluctúa
Emmaranhada juba; os vivos olhos
Despendem mil reverberos de fogo:
Sacode, erriça o pêllo, e na espantosa
Cova medita o crime, e sahe bramindo,
E das fauces reconcavas derrama
Espuma em borbotões na arêa adusta.
Ataca a preza timida, que fóge;
Debalde fóge victima, raivoso
No palpitante coração lhe empolga
As encurvadas garras, e d'hum golpe
A sangra, a rasga, a despedaça, a traga.

Mas he nobre, e magnanimo mil vezes;
He symbolo d'Heroes, deixa o vencido,
E só no que resiste emprége a sanha.
He grato, he generoso; o triste escrávo
No Amfitheátro barbaro de Roma
Affaga carinhoso, e meigo abraça
De antigo beneficio inda lembrado.
Se pelas margens do espumante Zaire
O negro habitador da espessa brenha
Se lhe prostra rendido, avante passa,
E apenas com desdem lhe lança os olhos.
Eis cedendo ao Leão n'audacia, e fogo,
Atroz sevicia todo, e todo engano,
Nunca farto de estragos, e de sangue,
O Tigre insocial nos bosques vive;
Em torno os olhos trémulos volvendo
Da propria sombra se receia, e téme:
Parece criminoso, a quem remorso
He flagello continuo, inferno, e furia.
Só do que he máo se apraz, e nunca o braço
Do Rei da creação póde amansallo;
Na carreira he veloz, nem se lhe esquiva
Entre os ramos das arvores a preza;
He sôfrego, e cruel; com fome atáca;
E até sem fome os crimes multiplica.
Párão nos bosques os Leões sanhudos,

Quando o ser racional perto descobrem ;
O respeito , ou temor delles se apossa :
O Tigre não conhece , o Tigre insulta
Inda os restos d'antiga Monarquia.
De seu furor as victimas dególa ,
De vêr se apraz as carnes palpitantes ,
As contorsões fataes , a luz extincta
Dos olhos , onde pousa a noite , e a morte.
Contente observa os golpes , e os despojos
Dos dessangrados animaes ; passeia
Sobre inda quentes membros palpitantes
Com fria crueldade , e só lhe peza
De que tão cedo se lhe acabe a fome :
Té contra a propria especie se embravece.
Das leis universaes diverge , e aberra ,
Que a Natureza invariavel dicta
A's especies sem número dos brutos.
Só modêlo encontrou entre os humanos ,
Mais crueis entre si que as feras todas ,
De quem o Tigre he monstro, e opprobrio os homens.
Destas imagens do terror desvio
Para objecto mais grato a mente ; e a vista.
Menos ferozes , menos esquecidos
Da antiga sujeição , do imperio antigo ,
Vejo mansos quadrupedes , que aos homens
Na vida social serviços prestão.

Quão generoso, e docil, quão sujeito,
Piza os campos o férvido Ginete!
Em brio, em formosura excede a todos;
Parece que conhece o garbo, e a força,
Que liberal lhe déra a Natureza.
Fluctúa pelo collo ao vento a crina,
Lanção-lhe a bocca espuma, os olhos fogo,
Se ao longe sôa a tuba estrepitosa;
Se ás armas deo signal, tremem-lhe os membros:
Arrojado, e fiel, marcha, e campêa
Entre os horrores da cruel Bellona.
Das reconcavas ventas exhalado
Vem fumo em turbilhões, e impaciente
Relincha, e bate a terra, e treme, e súa.
Comsigo atira rapido, e fogoso
Por entre os esquadrões; nem teme a chamma,
Que resurte das laminas fulgentes
Da brava chuça, da fulminea espada:
Compraz-se da victoria, e se he vencido
Parece que desdenha a vida inglorio;
Lento caminha, a luz se lhe amortece
Nos olhos, que até alli vibravão fogo.

Mais affavel, mais terno, observo, admiro
Bruto, que ao racional mais se affeiçôa,
E quanto póde, e val, serviços presta.
O Cão de mais viveza, e mais instincto

Entre os brutos domesticos dotado,
Constante na affeição, observa, e segue
De seu senhor o aceno, o movimento;
Se he triste, está sombrio, e se he contente,
As mesmas affeições no gesto amostra.
S' ergue contr' elle o braço o fero in'migo,
Pelo salvar ao ferro oppõe seu peito.
He delle prompta sentinella activa,
Serve-lhe ás precisões, e ao gosto serve.
No espesso mato a caça lhe fareja;
E na lodosa, turbida lagôa,
Sentindo a preza, intrepido se affunda.
Co' a orelha fita, os olhes vigilantes
Põe no ferreo arcabuz estrepitoso,
Sente no ar zunindo a plumbea péla,
E já torna veloz co' a preza ovante.
He do pastor defensa, e do rebanho
Com latido feroz, com lizo dente
Ou affugenta, ou despedaça o Lobo.
    Mais util quadro aos olhos se offerece;
Pacificos rebanhos pelos prados
São dos mortaes a solida riqueza,
São permanentes bens da idade de ouro.
Da tranquilla virtude inda hoje emprego
He do pastor a vida; o insano orgulho
Nella conhece, a seu pezar, ventura.

A Terra foi feliz com Reis pastores.
Dulcissimos rebanhos, que soccorros
A' vida procurais! De crespo véllo
Gyra docil Ovelha repastando
Na relva, que florece, e logo espira:
Ao mortal dá sustento, e dá vestido.
Vós o não mereceis: com duro ferro
Não, não deve pagar serviços tantos;
Ordenhe-vos o leite, e poupe a vida;
Co' os despojos da lã seus membros cubra:
Só com ella Albion thesouros junta:
Tanta gloria lhe dá quanta lhe alcança
Nelson jogando horrisonas bombardas,
Quando á fatal Bandeira (o Gallo he pouco)
Até se curva o tumido Oceano.
  Na doce Agricultura esteio, e tudo
O ingenuo Boi tardio os sulcos abre;
Sem apego o mortal ingrato, e duro,
Muitas vezes do arado á morte o leva;
Dos trabalhos ruraes he este o premio!
Mugindo atrôa o campo, e o bosque o Touro;
Contra o tronco d'hum Freixo alto, e robusto
Vai primeiro ensaiar-se á lide horrenda;
Então bramindo furioso chama
Denodado rival; ambos a frente
Para a terra inclinando, a terra escávão:

Tólda-se o ar co' a sordida poeira:
O duro golpe sôa, e o sangue espuma.
Ao longe, de assustada, o pasto esquiva
A timorata candida Novilha,
Do vencedor soberbo o premio, a palma.
No pico de escarpada penedia
A petulante Cabra se pendura;
Não teme o precipicio, e busca anciosa
Amargas folhas do pendente arbusto;
Das apojadas tetas nos derrama
(Innocente alimento!) hum nectar doce.
Delle, e do fructo agreste, ou cultivado
A humana geração se alimentava;
Era a idade robusta, e tarda a morte,
Antes que a mão do luxo, e da vaidade
Preparasse as opíparas viandas,
Que a prematuro tumulo nos levão,
E das Parcas nas mãos o ferro agução.
Terrestres animaes o Author Supremo
Aos homens sujeitou; nelles dominão,
Dados ás precisões, mas nunca ao crime.
Homem, quão grande és tu! Chega teu mando
Náo só aos animaes, que a terra pizão,
E ás aves, que no ár gyrão tranquillas;
Até do mar aos turbidos abysmos
Dos homens chega a voz, o imperio chega.

Vão das ondas tirar sustento, e vida;
Lá forão descobrir riqueza, e luxo,
E do seio das agoas tormentosas
Sabem tirar as perolas brilhantes;
E os testaceos inertes n'outra idade
Dos Reis tingirão roçagantes mantos,
E a veste consular da antiga Roma
Se ennobreceo co' a purpura de Tyro.
O, quasi insecto, pequenino Arenque,
Da taciturna Hollanda a força augmenta;
Repubicana liberdade outr'ora
Armas, artes levou, imperio, e ferros
Té onde o mar circunda aurea Malaca,
Té onde a Terra se descobre, e mostra:
Pequena base teve alta grandeza:
Ignobil peixe deo tanta opulencia.
Virtude austera, que os Avós desdenha,
Levanta hum busto ao Pescador primeiro,
A que a Patria deveo thesouros tantos.
Dos homens o poder não só se estende
A tão pequenos átomos dos mares;
Chega seu mando á gigantesca próle,
Do fundo pego horrenda habitadora.
Affrontando o poder do frio Arcturo,
La vai no fragil lenho o nauta ousado,
Quasi entre sombras da gelada Islandia,

Engolfar-se no pelago espumante
Quasi onde o Inverno tem perpetuo throno.
Ao fero Leviathán declara a guerra;
E illude, Soberano, insulta, e piza
Este enorme Dragão das turvas ondas.
Eis numeroso exercito nadante
Vem rompendo em batalha as vagas negras.
Sahe do clima tristonho, onde parece,
Que o vivo fogo, que a motora força,
Na entorpecida Natureza espira;
Onde a brilhante alampada diurna
Derrama como a furto obliquos raios,
Que não de todo as trévas affugentão.
Vem na frente a maior; quasi montanha,
Que vem rasgando o mar, s'antolha ao longe.
Respira hum pouco o monstro, e as agoas sórve;
Por dois largos canaes aos áres turvos,
Como columnas liquidas, as lança;
Feitas em branca espuma, ás ondas tornão.
Se o mar co' a longa cauda açouta, e talha,
Quem não dirá que subita procella
Fórma, bramindo, a grossa marulhada?
E quem não temerá? O homem não teme;
Que o divino decreto inda tem força!
" Dominarás... nas liquidas moradas, „
Inda he vassallo seu Balêa ingente:

Do fragil bordo de baixel pequeno
Farpada lança ao monstro se arremeça;
Lá s' embede no corpo, o sangue em ondas
Espadanando purpurêa os mares.
Com elle vai correndo ao fundo álgoso,
Fecha-se o mar, tremendo, e a superficie
Da tempestade atroz conserva a imagem;
Esvaindo-se em sangue, urrando espira,
E logo aboia o corpo montanhoso.
O marinheiro audaz, da prêza ufano,
Leva o grande despojo á praia núa;
Toda a cobre co' o corpo, e toda a assombra!
Co' a presença, e sem vida, atemoriza
O mesmo vencedor. Dos vastos membros
Em grossas ondas o liquor distilla.
Do Pólo o Cidadão destróe com elle
Ciméreas sombras d'alongada noite,
Que abafa as regiões do frio, e morte.
    A's mortaes precisões sujeita os brutos
O Soberano Arquitector do Mundo.
Do homem socios são, são delle esteios;
Mas delles o mortal lições não toma.
Quasi me peja o triste parallelo
Dos Entes racionaes co' os entes brutos!
Orgulhoso o mortal sacode o jugo
Das leis, e da razão; e as leis do instincto

Invariaveis animaes conhecem.
Da esfera, em que os lançára a mão do Eterno,
Jámais tentão sahir, nunca se apaga
O cunho, que lhe imprime a Natureza.
O homem só da liberdade abusa,
Escravo das paixões, e ao Ceo não serve;
Até da Natureza a voz não ouve,
Tão doceis sendo a ella os brutos todos;
Co' os similhantes seus a paz conservão.
Em convenção pasmosa os Ursos vivem,
Em bando os corpulentos Elefantes
Sem odio, sem rancor nos bosques passão.
Getulico Leão jámais derrama
O sangue de hum Leão; vogão no Nilo
Os Crocodilos, os Hypopotámos:
Creadas para o sangue, e para a morte
Cada especie comsigo em paz se liga.
Concordes entre si voão nos áres
As sempre agrestes retiradas Aguias.
Vive co' o Lobo o Lobo carniceiro;
Das fragas juntos sahem, juntos caminhão,
Dividem entre si, se o gado assaltão,
Com igual proporção cruento pasto.
Até no seio incognito dos mares
Os monstros d'huma especie em paz existem.
Fez de cada individuo o infausto crime

Huma classe contraria entre os humanos:
Em continua discordia, em guerra vivem;
Nações contra Nações, em campo armadas,
Não se fartão de sangue, e chamão gloria
Ao fatal exterminio, á cinza, ao lucto.
Muito poucos mortaes no Mundo estavão,
Irmãos erão só dois, e o braço impío
A victima primeira á morte entrega!
Do crime, e do furor a herança intacta
Se conserva entre os miseros humanos.
Parece estado natural a guerra!
A mutua assolação se chama hum timbre;
E o campo onde se perde o sangue, e a vida,
O theatro se diz da fama, e honra!
Da triste humanidade o estrago, e açoute,
Tem jus á adoração, e heróe se acclama;
E tem sobre cadaveres, e cinzas
O alicerce fatal d'excelso busto.
Tanto póde a ambição, tanto a vaidade!
Da interna guerra das paixões rebenta
Da guerra universal volcão medonho.
Eu quero dominar, seja o meu nome
(Diz o monstro que hum throno usurpa, e piza)
Temido onde o Sol nasce, e onde s'esconde:
Pompeo não quiz igual, Cesar não soffre,
Que outro o lugar primeiro em Roma occupe:

Não haja quem no Mundo empunhe hum Sceptro,
Eu serei só dominador da Terra;
Embora fique de habitantes erma;
Dos homens na ruina acabem thronos.
O Inferno assim bradou dentro em seu peito!
Correm falanges bárbaras, e cobrem
Da consternada Europa immensos campos.
Póde a morte cançar, não cança o Monstro,
Quatro lustros de sangue inda não bastão.
Nas ondas leva o Ebro extinctos corpos,
Corre turvo de sangue o Téjo, o Douro,
E desde o Tibre ao Vistula gelado,
Das boccas do Danubio ao mar d'Atlante,
Tantos recrescem batalhões cerrados,
Que s'encontrão no ár contrarias ballas.
O Inverno, os Pyrenéos, o Gêllo, os Alpes
São razos campos, e estações mimosas:
Nada os passos detem, e apaga os raios.
Perpétua oscilação sente a Victoria,
E o ferro assolador jámais descança.
A adusta praia do fecundo Nilo,
Do Baltico gelado a margem fria,
Mostra o mesmo espectaculo de sangue.
Ao rancor dos mortaes não basta a Terra:
Vão sobre as ondas disputar cruezas.
Que espantoso conflicto, horrendo estrago

Vio absorto Abukir! Que espesso fumo
Tapou por dias tres ao Sol o rosto!
Que labaredas rúbidas romperão
De tantas noites as pezadas trévas!
Qual rompe a chamma subita do centro
Do agitado Vesuvio, e o Mundo aclara:
Com medonha explosão d'esta arte aos áres,
Salta mudada em fogo a náo possante;
Della só torna ao mar, ou cinza, ou sangue.
A tempestade feia estende as azas
De Trafalgar nas ondas revoltosas;
Inda o Sol no Horizonte o carro leva,
E já fechada noite assombra os áres.
O escuro Ceo, que tôa, o mar, que brame,
Não aperta aos mortaes de susto o peito;
As cruzes d'Albion, de Gallia as cores,
Entre o fragor das vagas, que se quebrão,
Se confrontão de perto, e a morte vôa:
Sorve o mar os baixeis, o fogo os leva.
Menos dura se mostra a Natureza,
Inda que o vasto mar co' o Ceo confunda
Na solta tempestade, e vento, e raios,
Que comsigo se mostra a especie humana.
Dá-se a victoria a preço d'huma vida,
Que tu no jaspe, e bronze perpetúas,
Mas debalde, Albion; Nelson teu filho

He cinza, e tem comsigo a gloria tua:
Quando igual acharás ? ... Raios da guerra,
Cessai já de ferir, vale huma vida
Mais que illustres troféos, que as palmas todas.
O louro, que cingis, não vale o sangue;
Entre seres iguaes a paz he laço;
E o verdadeiro Heróe dá paz ao Mundo.
Inda a memoria posthuma abençôa
De Tito o coração guerreiro, e justo.
Vírão seus olhos arrazados d'agoa
Os Povos que venceo; não era Tito
Então triunfador, só Roma o era.
He mais Heróe que o Vencedor d'Arbella
O que converte a lança em lizo arado;
Seu nome chega aos angulos da Terra.
A' triste viuvez lagrimas poupa,
Da misera orfandade o pranto enxuga,
O culto ás Aras dá, e ao campo os braços.
A' carinhosa Mãi tranquilla, e léda
Os penhores d'amor conserva intactos.
Manda calar horrísonos tambores,
Que tanto assustão timidos ouvidos
Da donzella innocente, e velho inerme.
Une os tristes mortaes em laço estreito;
Imita o Creador, que ao pavoroso
Cáhos da Natureza impoz hum freio,

Dando hum justo equilibrio aos elementos;
Deo harmonia, e paz, concordia ao Todo.
Da humana sociedade a paz he base:
Convergem neste ponto os Seres todos:
Fóra delle só tem tormento e pena.
O rio busca o mar, e a pedra o centro;
Busca o fógo inquieto a etherea parte,
Sua esfera natal; todos anciosos
Com sempiterna lei repouso anhelão.
Segui da Natureza o augusto exemplo,
Deslumbrados Heróes, dai paz ao Mundo:
Do Ceo não veio dádiva mais bella.
Faz a guerra hum feliz, e a paz a todos.
Do Mancebo Pelêo juntai triunfos,
Juntai desse, a quem deo Carthago o nome,
Todos os louros ennastrai de Cesar,
E as, que Augusto colheo, palmas no Eufrates:
Tanta gloria não tem, tanto não valem
Como hum dia de paz. Quanto he mais doce
Das rosas na estação manhã que aponta,
Que em triste Inverno a noite borrascósa;
Tanto he mais doce a paz, que a guerra insana.
A paz traz o repouso, e em seu regaço
O Estudo, a Sapiencia, as Artes vivem.
Ella anima os cinzeis, dá viço ás cores,
Com que, rival da luz, genio de Urbino,

Quaes mostra a Natureza, os Seres mostra.
Ella ajunta as Nações, e os homens torna
Do Mundo inteiro Cidadãos tranquillos.
A paz os faz irmãos, rivaes a guerra:
Emmudecem sem paz sublimes Vates:
Porém versos que são? Té fica muda
Sem forças, sem vigor Filosofia.
Fecha-se aos olhos seus da Natureza
Luminoso volume, onde se embebe,
Onde estuda, onde lê Sabio profundo,
Onde encontra a verdade intacta, e pura
Que lhe antecipa a possessão de Elysio,
Onde descobre Artifice Supremo,
E aprende a conhecêllo aprende a amallo.
Fechou-se para mim... Seculo infausto,
Em ti berço me deo mesquinha estrella;
Ah! Possa inda hum momento, antes que a morte
Nos meus olhos derrame a sombra eterna,
Ver renascer a paz, surgir tranquillo
Aos Thronos, ás Nações sereno hum dia!

FIM DO CANTO TERCEIRO.

A MEDITAÇÃO.

CANTO IV.

Eu conheço quem sou! Se eu penso, existo:
E a luz que na minha alma reverbéra
(Luz emanada do sidéreo assento)
Todo o meu ser aclara, e a toda a esféra
De meus profundos pensamentos chega.
Vejo a ethérea porção, que sente, e pensa,
Dentro em corporeo carcere detida,
Em subsistente laço, em laço ignoto
A' força, á luz de humana sapiencia.
Entre oppostas substancias reconheço
De sensações reciproca harmonia.
A virtude me apraz, só ella a estrada
Para a ventura me assignála, e móstra.

Huma eterna existencia além da mórte,
Além do escuro tumulo me aguarda;
Meu incorporeo Ser não se anniquila;
Da inerte massa, que se chama o corpo,
Não he dote entender, e o pensamento
Effeito he só de simplice substancia.
Aqui pára a razão, e este o limite,
Que a seus vôos prescrevo a mão do Eterno;
Conheço a habitação, vejo a moráda,
Que neste ponto do Universo tenho.
Contemplo os vastos Ceos, contemplo a Terra,
Pavimento do Alcaçar magestoso
Do Rei da Creação. Conheço os Seres,
Que gózão, como eu gózo, os dons da vida.
Dos homens socios são, porém vassallos;
Na esfera humildes são, na essencia brutos.
Mas inquieto o pensamento, nunca
As incessantes azas equilibra,
Solta a espaços incógnitos seus vôos.
Qual Queiroz pertinaz, Cook atrevido,
Que, inda mais de huma vez gyrando o Globo,
Busca as plagas Austraes, nunca socéga,
Anhela o que não vê, despreza o visto.
    Sei quem seja, onde estou.... Que origem tenho?
Quem he da essencia minha author, ou causa?
Eis do humano saber o augusto emprego,

Eis só de hum Vate extatico o sublime,
O soberano estudo, se levado
Vai nas azas de accezo enthusiasmo.
Para que era sentir n'alma entranhado
Dos vates do Jordão sagrado fogo,
Se dos Entes á fonte immensa, eterna,
Ao som d'Harpa celeste eu não subira?
Sou pequena particula do Globo,
Que o orgulho chama Terra, e chama grande.
Ténue porção do Planetario Mundo
A Terra apenas he, e este pasmoso
Não conhecido circulo que os Globos
Formão, do claro Sol gyrando em tôrno,
Minima parte faz deste Universo,
Desta congerie de luzentes pontos,
Que da tranquilla noite os véos recamão.
Tenho o mesmo principio, a mesma causa,
Que tem quanto no espaço immenso existe.
Eu profunda harmonia em tudo admiro,
Vejo em tudo o Geometrico compasso,
Vejo uniforme lei, ordem, cadêa,
No minimo hum annel, e outro no summo;
Ao mesmo fim vão indo os Entes todos,
A causa, que os produz, mantem, conserva,
Do Systema Solar tambem foi causa.
Quem deo luzes ao Sol, deo pezo á Terra,

Que equilibrada em si no ar fluctúa ;
Quem seu duplice móto lhe assignála ,
He de minha existencia Author primeiro.
Abysmo , escuridão , silencio , espanto,
Em seu seio me envolvem , me circundão ! . .
Quem és , Causa primeira, e como existes ?
A' mente humana conhecer-te he dado ?
Pode abranger hum átomo o Infinito ?
Se a minha alma te sente , a lingua he muda.
Pode o homem dizer quem tu não sejas ;
Mas quem dirá qual seja a essencia tua ?
Pede hum ser contingente hum Ser Eterno.
Motora força pede hum Mundo em móto ;
Nem índito á materia he movimento.
Não tem de si , não tem tal força o corpo ;
Ser effeíto , e ser causa absurdo he claro.
Mas encarar presumo deslumbrado
Tantos prodigios da sciencia humana ?
Da Natureza Interpretes sublimes ,
Os Tymbres da Razão , eu devo acaso
Inconsultos deixar ? Icaro ousado ,
Vou dar hum nome ao mar co' a quéda infausta ,
Se quero a origem minha , a causa eterna
Dos Entes conhecer, sem que me engolfe
Neste soberbo pélago de luzes ,
Que a Athenas nome deo , Mestres ao Mundo.

Rompo as sombras, que os seculos envolvem,
Do Enthusiasmo férvido nas azas;
Chego ao campo ond' hum tempo Athenas fôra;
Foge a rude ignorancia, as luzes voltão,
E se me antolha subito que aos áres
Surgem d'entre as ruinas pavorosas
Já de novo o Lycêo, de novo a Estóa;
Já de Académo o bosque reverdece;
Entre linhas de Plátanos frondosos,
Com fama eterna o Peripáto surge.
Enflorão-se os Jardins, e as fontes correm,
Do frugal Epicuro outr'ora asylo.
Além cuido escutar trovões sonóros
Da bocca de Demosthenes, que assustão
Ao longe o féro Déspota no throno.
Aqui de Jove á filha o Templo augusto
Esconde as aureas cúpulas nas nuvens.
Focião neste carcere disserta,
E ao labio chega a frígida Cicuta.
Naquelles ferros Sócrates espira;
Parece que no pálido semblante
Inda descubro a imagem da virtude,
E entorna toda a luz Filosofia.
Aqui se eleva em Doricas columnas
Sustentado o Theatro, onde se escutão
De Melpomene os ais, e até deviso,

Em torno delle volteando tristes,
De Edipo, e de Jocasta as sombras mudas,
E lampeja o punhal nas mãos d'Electra;
Atroz Medéa despedaça os filhos,
A scena enche de horror, de lucto o Mundo.
Eu descubro a sciencia, eu vejo Athenas:
Onde ao quadro dos Ceos, da Terra ao quadro,
O sabio que medita os olhos volve,
O Genio Filosofico alli busca
A origem perennal dos Seres todos:
Parece-me que falla, e que se explica
Por orgãos taes a voz da Natureza;
Eu a devo escutar!... Que importão luzes
Que eu leve dentro d'alma? Outr'óra mudo
O Romano Orador pendeo da bocca
Dos que Platão deixou sabios profundos;
Dos que ouvirão no Pórtico a Cleantes;
Dos inda austéros Mestres, qu' Epicuro
Encaminhára ao Templo da ventura,
Só patente ao prazer justo, e sincero.
Consulta estes oraculos hum Tulio!
Eu os devo escutar. Fanaes accezos,
Pelas sombras dos séculos alçados,
Eu sigo seu clarão, eu vejo Athenas;
Novo Anachársis, nos Lyceos penetro.
Oh fóco da sciencia! Escolas quantas

Ind' agora immortáes em ti descubro!
De cahido sobrôlho, austero aspecto
Quantos sábios extaticos deviso,
Todos no grande pensamento envôltos
De encararem do Mundo o Author, e causa!
Este he só da sciencia augusto objecto,
He este dos mortaes só digno estudo!
    Rudes sombras rompeo Thales primeiro:
Elle no Mundo fysico seus olhos
Primeiro ousou fitar, e encontra a origem
No liquido elemento aos Seres todos:
Vê na Materia eterna a eterna causa.
Infinita extensão sempre immudavel
Na eterna essencia sua, e vária em modos,
Vem della os Seres só, nella se tórnão
Em circulo perenne, em móto eterno,
Aos Gregos diz facundo Anaximandro.
    O Latino Cantor com versos d'ouro
Similares particulas nos móstra
Primeira causa ser dos córpos todos,
Seguindo de Anaxágoras a estrada:
N'hum váeuo immenso os vórtices primeiro
Este Genio espalhou. Quanto se admira
Nos que de nova luz a Europa encherão,
No profundo Geómetra Descartes,
Que do Alcaçar da immensa Natureza

As chaves entregou nas mãos de Newton ,
Neste sabio escutou primeiro Athenas.
D'enfatico silencio em sombra envôlto
Peregrino Pythágoras avança,
Todo mysterios vem, segredos todo:
A origem do Universo, a causa indága;
Entre sombras só numeros nos móstra:
Tudo vem da unidade, a tudo he centro.
Profunda escuridão; nella s'entranha
Minh' alma que este pélago devassa,
Tullio m' empresta luz, que as sombras rasga,
Seus profundos oraculos consulto.
Deos he ponto central, e esta Unidade
Dos Seres todos he fecunda origem,
A vida, o movimento a tudo outorga;
E a congerie dos Entes portentosa,
E o racional espirito conhece
Porção da Essencia divinal, e eterna;
Este o Deos de Pythágoras sómente!
Que mais dissera o Pantheista obscuro?
Que mais dissera interprete dos sonhos
Da soberba Eleática doutrina?
Academico Cicero suspende
A' vista deste abysmo a voz, e a Mente;
Vio que o erro he herança, a sombra he dote
Da triste humana geração corrupta.

Debalde inquiro os sabios que primeiro
Entre os mortaes Filosofos se acclamão !....
Que apertados confins prescriptos forão
Do humano entendimento á força, aos vôos!
Se outros grandes oraculos escuto,
Vejo em sombras iguaes verdade envolta.
Eis novos sabios, nova Academía;
E magestoso Sócrates preside :
Pende dos lábios seus Platão facundo,
E mudos Alcibíadas, Theofrasto,
Celeste voz da Sapiencia escutão,
E o que os Numes aos homens aproxíma,
Tenta ancioso buscar do Todo a origem;
No Todo descobrio principio activo,
Agitador espirito entranhado
Pela infinita corporal substancia;
Movimento lhe dá, calor, e vida.
O' Cysne altisonante, este o teu erro,
O teu Nume este foi, que os Ceos penetra,
Que agita o largo mar, que móve a Terra,
Que a vida aos homens dá, e ás feras brutas,
Que a força vegetal nas plantas móve :
Este o que aviva a máquina do Mundo,
Com ella sempre unido hum Todo fórma,
Além do qual debalde a mente anhéla
Outro Ser que produza, e reja os Entes.

Da escóla de Platão quantos surgirão
Da mesma espessa sombra annuviados!
Eu deixo a Academia. Entre Arvoredos
Pensativo Aristóteles passeia:
Co' a inteira Natureza hum Deos confunde,
E desde a eternidade os Ceos, e a Terra
Nos diz, que este espectaculo mostrárão:
Que em Mente Creadora eterno effeito
Por força ha de existir, se he causa eterna;
Bem como brilharia eterno lume,
Se o Sol que hoje fulgúra, eterno fosse;
Se desde a eternidade hum corpo houvesse
Opposto ao claro Sol, sombra haveria.
Tu, profundo Espinosa, o mesmo expunhas,
Quando abriste o Geometrico compasso;
Tranquillo pensador Republicano,
Sómente a ti deixado, e alhêo ao Mundo.
Huma infinita, e unica substancia
Só podes conhecer, e hum Deos he Tudo.
Identico Atheismo ambos os sabios
Precipitou n'hum bárathro de sombras;
O Peripáto he puro Espinosismo;
Ambos hum mesmo equivoco allucina,
Confundindo no Eterno acções diversas;
Humas são delle necessaria essencia,
Outras são da vontade effeitos livres.

Eu do grande Aristóteles me aparto
Confuso, absorto em tanta obscuridade:
Mais faceis são de expôr da Esfinge as vozes,
E os obscuros ignótos caractéres,
Com que Egypto enigmático explicára
As leis da Sapiencia, as leis das Artes,
Que penetrar no cego labyrintho
De huma eterna extensão sempre immudavel,
Materia prima, ou Deos, ou Natureza,
D'onde enteléchias infinitas surgem.....
  Musas, não mais, não mais, barbaras sombras
Da branda Lyra as cordas destempérão;
Eu deixo o Estagyrita, em vão procuro
Nelle encontrar do Todo a Eterna Causa.
Outros mais inda admira a sabia Athenas
Da Natureza interpretes sublimes.
Eu já deviso o Pórtico da Estóa!
Varão de aspecto macilento, austéro,
Onde a Virtude se retráta, observo:
Cinge-lhe hum louro a frente magestosa;
Não he louro de Heróes, que o sangue espargem
Nos tristes campos da medonha guerra:
Não lho ennastra o furor, dá-lho a virtude,
Que na victoria das paixões consiste.
Dos fundos olhos no fulgor sagrado
Eu descubro a constancia; o Fado, a Morte

Tem debaixo dos pés: conserva em ferros
A seu ládo as paixões, e o jugo arrastrão,
Que a razão lhes impõe. Eu vejo a Zeno,
Nome de quem synónimo he Virtude.
Cáia, estalando, a máquina do Mundo,
Desção sobr' elle rapidas centelhas,
Imperturbavel animo sustenta.
Delle aprendo a constancia, o honesto, o justo.
Seus passos seguem Séneca, Epictéto,
E vão de seus oráculos pendentes,
E na esfera moral faz grande o homem;
Mas quando fóra della as azas sólta,
Quando busca do Mundo o Author supremo,
He pequeno, he mortal, he sombra, he nada.
Só na materia encontra hum fogo activo,
Que o corpo immenso abrange, e nelle existe,
Principio animador dos Entes todos,
Ao Fado Eterno, e incognito sujeitos:
Necessidade eterna, immóbil ordem,
Os seres faz nascer, e acaba os seres;
Em constantes periodos eternos
Sempre descobre a maquina do Mundo;
Ora ao Nada tornando, ora surgindo,
Vai sentindo a impulsão da Lei do Fado;
E, se a substancia eterna intacta fica,
Morrem, renascem de continuo as fórmas.

E que outra cousa he Deos, clama o sublime
Profundo preceptor do ingrato Nero,
Mais do que a eterna, immensa Natureza,
De que attributos são substancia extensa,
E pura intellecção, força divina,
Que todas as porções do corpo anima!
Quem não dirá que escuta o sabio eximio
Da fumosa Amsterdão, que impio Systema
Aos homens quiz expôr co' a voz de Euclides?
Lysia o berço te deo, Lysia o desterro,
Tenebroso Espinosa: ousado empunhas
Teu profundo Geometrico compasso;
Ao Pantheismo atroz lançaste as bases;
Hobbes a mão te dá, deo-ta Vanini.
Volves as cinzas dos sepulcros Gregos,
Como pensaste tu, pensárão tantos,
Que Athenas escutou; convergem todos
Ao centro em que fundaste o impio collosso,
Cuja sombra espantosa enlucta o Mundo:
Dicearco, Xenócrates, Architas,
Quantos a Escola Italica ennobrécem;
Quantos ouvira antiga Academia.
De ti não longe vai o Estagyrita;
A noite tu rompeste, em que se involve;
Teu desgraçado Genio excede a todos;
A's sombras metafysicas ajuntas
*

Quanta evidencia tem sciencia exacta.
Huma substancia existe, he Deos sómente,
(Clama errado Xenófanes na Eléa:)
O mesmo dizes tu, diversos módos
Mostra só de existir Substancia immensa.
Do funesto principio (ah!) quantos erros,
Quaes d'empestada fonte as agoas turvas,
Vem corromper os miseros humanos!
Entre tantos brazões da sabia Athenas
Espinosismo antecipado observo.
Da assustada razão diverge o vôo,
Cançada de luctar com erro, e sombras.
Inda ignoro do Mundo o Author, e a Causa;
Subão do Pindo ao cume os Gregos Vates,
Aos Cantores do Tibre as azas prestem;
E, mais que Tullio, Isócrates troveje:
Magestoso Thucydides exceda,
Ou de Livio a facundia immensa, e clara,
E a tristeza de Tacito profundo;
Ou de Curcio, ou de Floro o estilo, as graças:
As carregadas sombras não rompêrão,
Que na origem do Mundo a mente encontra.
Deixo Académo, o Pórtico abandono.
Mas ah! que d'entre vicejantes plantas
Lá me chama Epicuro, e lá me acena;
O vôo inda suspendo, ind' hum momento

Detenho a vista na famosa Athenas;
Em viçoso jardim descubro hum velho,
Olhos serenos tem, tranquilla a fronte:
Ventura ao lado seu lhe estende os braços,
Ao Templo do prazer lhe marca a estráda,
Não terreno, e brutal, mas puro, ethéreo,
De Horacio, e de Petronio á mente ignoto.
Frugal, austero, as plantas o sustentão,
Que em seu mesmo jardim cultiva, e guarda.
Detem-te, me bradou, que eu vou mostrar-te
Qual seja do Universo a eterna origem.
Da Natureza interprete seguro,
Me deves escutar, eu posso as sombras
Só desterrar do humano entendimento.
Vem, que o grande Demócrito te falla;
Este da Grecia toda a gloria augmenta;
Filho só da Immortal Filosofia,
Em seus umbraes penetra, e alli medita
N'hum seculo de vida; e alheio ao Mundo,
Os homens conheceo, fugio dos homens.
Em silencio profundo em sombra envolto,
Os passos guia ao peristylo augusto
Do Templo collossal da Natureza.
Voôu co' a mente acceza em vácuo eterno,
Interminavel, infinito, e nelle
Infinitos corpusculos devisa,

(Chamou-lhe hum tempo os Atomos Leucippo,)
Em trepidante movimento eterno.
O Acaso os ajuntou, delles o Acaso
Compoz quanto te mostra o Ceo, e a Terra,
Quantos Astros tu vêz no Ether gyrando;
Tantos Soes, que este Sol nas luzes vencem;
Mundos, Mundos sem fim, que hum termo ignórão,
O Acaso os fez dos Atomos errantes.
Intelligentes mónadas formárão
Essa, que pensa em ti, substancia etherea;
Tambem gyravão no profundo vácuo;
Nenhuma Lei suprema, ou Luz Divina
A tão vasto espectaculo preside.
Eu com braço potente o Sceptro quebro
Dessa fatal Superstição, que o Mundo
Com pavoroso aspecto opprime, e esmága.
Da figura dos Atomos diversa
Nasce a diversa forma, e vário aspeito
Desses Seres, que extatico contemplas:
Espaço eterno, mónadas, e móto;
Eis do todo, que vez, materia, e causa.
Arquitecto foi seu sómente o Acaso.
Sempre ociosa, inerte Intelligencia
Do Mundo desterrei, tanto fizerão
O profundo Protágoras, e Stilpon.
Não busques mais principio.... Então turvado

Co' este tartareo oráculo medonho,
Tremendo recuei, senti na frente
Hum gelado suor correndo em bágas;
Cerrou-me o coração subito susto.
Oh soberba mortal, oh mãi dos crimes,
Os olhos de Demócrito vendaste,
Que vio correr os Atomos no vacuo,
E não vio seu delirio, ou vio seu erro!
Tranquillo entre paixões vive Epicuro,
Qual do Olympo o cabeço além das nuvens,
Onde o trovão não brame, ou cruza o raio;
Quem lhe suffóca os gritos do remorso,
Quando um ai qu' elle exhala, um Deos lhe mostra!
Oh soberba mortal! cegaste a mente
(Depois de quantos séculos!) a Bruno,
Pasto de hum fogo atroz, qual foi Vanini!
Teus venenos mortiferos derrama
Em sonóros trovões d'aurea eloquencia
Profano Diderot.... Ah! quão pequeno,
Quão mesquinho o mortal, que ousa estribar-se
Nas luzes da razão, que o crime enlucta!
Nelle he tudo ignorancia, e tudo he tréva;
Do pezo oppresso jaz dos males todos,
Traz em seu seio os tóxicos da morte,
Triste germen da dor conserva nelle,
Qual serpe que se enrosca entre as boninas;

No centro do prazer s'esconde a mágoa:
Dos Ceos contemplador nasceo sómente,
Mas aggravante véo lhe tólhe a vista;
De huma lei natural frôxo vislumbre
Móra em seu coração, e espalha incerto
Desmaiado fulgor, quaes débeis raios,
Que o astro da manhã nos Ceos derrama,
Antes que o disco ardente aos olhos móstre.
Mas desditosa luz sómente aclára
A seus olhos a quéda, o precipicio.
Ante seu passo a dúvida caminha,
Seu medo, seu terror continuo augmenta,
E, no opprobrio em que geme a Natureza,
Da magestade á sombra apenas vive;
Bem como de Persépolis nos restos
Inda a travez de funebres ruinas
De hum Palacio soberbo a imágem surge;
De columnas em pó congerie informe
Nos mostra o que ficou do ferro, e fogo
Do injusto vencedor d'Arbélla, e Tyro;
Assim mortal suberbo inda entre estragos
Tem altivez de hum Rei, de escravo os ferros.
He no seu coração problema escuro,
Circumscripto se vê neste Universo,
Ludibrio da illusão. Ferve em seu peito
A sede do saber, busca estancar-lhe

O temerario ardor, produz, e cria
A cada instante hum Mundo imaginario.
Tal he dos erros seus a origem triste,
E o Cahos filosofico foi este.
Surgem delle, Epicuro, os teus fantasmas;
Perde-se aqui Demócrito, e Leucippo.
 Ah! se de hum Vate a voz revolve as Cinzas,
E chama do sepulcro as sombras nuas,
Deixa, ó Lucrecio, a tenebrosa estancia,
Contempla, escuta meus cadentes versos;
Olha a seus pés teus louros esmagados.
Transformados em pó. Venus hum tempo
Fez em torno de ti marchar as Graças;
Mas cahio teu Imperio, he cinza, he nada.
Venha a teu lado a sombra de Epicuro,
Que audaz negou do Mundo Author supremo,
Que deo força á materia inerte, e morta;
Do lume, que a razão no canto esparge,
Verá fugir seus A'tomos confusos.
 „ Eu vivo! Mas que mão potente, e sabia
„ Me anima, e faz brilhar fulgentes raios
„ A meus olhos attonitos! N'hum ponto
„ Tirado fui do tenebroso Nada.
„ Devo acaso a mim mesmo o Ser, e a vida?
„ Não; que a Terra escaldou nas fundas veias
„ Dos vários animaes germes fecundos,

„ Do concentrado fogo ao toque , á força
„ Do seio me lançou , e a Luz respiro.
„ Feliz , se os gêlos da velhice prompta
„ Na minha frente as flores respeitassem ,
„ Que nella esparge a juventude amena !
„ A sorte dos mortaes me escreve a sorte,
„ Devo pagar ao túmulo hum tributo;
„ Tranquillamente a vívida esperança ,
„ Sobre hum montão de arêa em vão sentáda,
„ A todos mostra invariavel termo.
„ He voragem profunda a Natureza;
„ Alli se immerge tudo , e acaba , e morre ,
„ Té que do escuro túmulo surgindo ,
„ Venha outra vez gozar nova existencia;
„ Pois nada se anniquila , e nada acaba.
„ Hum imprevisto venturoso Acaso
„ Fez parar , fez ligar no vácuo eterno
„ A inconstancia dos Atomos errantes.
„ Naquelle immenso espaço , onde continuo
„ Hião seguindo a natural carreira
„ Em rectilineo movimento , o Tempo
„ Só lhes fez suspender vagante curso,
„ E a discordia banio , deo leis o Acaso.
„ No mesmo ponto , do difuso Cahos
„ Este globo sahio brilhante , immenso ,
„ Onde observo perfeita arquitectura ,

,, Constante proporção, fixa harmonia;
,, Onde hum milagre segue outro milagre.....
Basta já de delirio! Eia, emmudece,
Vate cego de amor. Negro Fantasma
Te envolve, e ennoita o espirito confuso,
E desconcerta a illusa fantasia.
Hum Deos, ó vão Lucrecio, hum Deos sómente,
Me pôde produzir, crear o Mundo.
Quem, senão braço omnipotente, póde
Unir com laço estreito a Soberana
De meus sentidos á materia inerte?
Ao grão nome de hum Deos subito cedem
Vãos delirios de vã Filosofia.
Ao raio salutar, que em mim derrama
Alma luz da razão, subito foge
O fusco horror, que a mente me abafava.
E devo acreditar, que inutil massa
De huns impalpaveis Atomos errantes,
Promptos a unir-se, e separados sempre,
Se encorporárão só por cego Acaso?
E poderei sem voluntario engano
Dizer, que est' alma, que me anima, e rege,
He de chamma subtil vapor ardente,
Que em movimento activo pensa, e gyra?
Que he escrava da morte, e tributaria
Do grosseiro sentido; e que he materia,

E nada mais, Bacôn, Tullio, Archimédes?
Que em Viviani, em Galileo profundo
Não ha mais que hum subtil, térreo composto
De delicadas tunicas, e fibras?
Sómente o simples movimento póde
Fazer que julgue, que combine o corpo?
Dar-lhe ethereo poder, força, energía
De transpor, de correr do espaço os pontos?
Póde acaso Epicuro expor-me, como
Possa ser movimento em corpo inerte
Arquitector de leis, sondando o pégo
Do humano coração? Só movimento
Hum Tacito produz? Só elle o forma
Escrutador dos intimos segredos,
Que o tortuoso Cortezão sepulta?
Póde a materia combinada acaso
Ser nestes versos meus de imagens tantas
Potente Creador? Dize, Epicuro,
As mecanicas leis do movimento,
A ardente agitação da terrea massa
De Estacio á fantasia azas prestárão?
Imperceptivel turbilhão de corpos
Fez em Tasso chorar magoada Erminia,
E encheo de Furias o soberbo Argante,
Que morre, qual viveo, e enxangue, e frio
Inda ameaça intrépido Tancredo?

Platão, Newton, Montagne, Erasmo, ou Milton
São d'Atomos subtis simples composto?
Oh pejo, oh confusão do orgulho humano!
Inda engenhos sollicitos descubro
Em degradar, envilecer os homens!
Tu, do Norte ó Filosofo guerreiro,
Quantos ouviste na marmorea Sala,
Que inda abaixo dos brutos se arrastravão?
Anjos nas producções, na essencia corpos,
De nenhum puro espirito animados,
(Estranho paradoxo!) elles se acclamão!
Ingratos, cegos, insensiveis, querem
Privar d'hum bem tamanho a humanidade,
Que huma vida lhe dá perenne, eterna,
Que a hum Deos além do túmulo me léva,
Que huma gloria sem fim promette ao Justo!
Quem te inspira o fantastico Systema,
Tu, que só Planta, ou Maquina te dizes,
Absurdo La-Metrie! Porque não queres
Conhecer-te huma vez, e então prezar-te?
  Razão de todo o turbido Fantasma
Dissipa de Epicuro; o cego Acaso
Ante a luz da Razão foge, e se acaba,
E se esvaéce subito a cohorte
Das sempiternas mónadas errantes,
Que agitadas n'hum vácuo indefinito

Só podião formar confuso cáhos.
Se a terrea massa da substancia propria
Tirar não pode o móto, a intelligencia,
Cumpre que hum bemfeitor potente, e sabio
Lhe haja escondido no profundo seio
Este estranho depósito, e thesouro.
E pode o corpo n'hum repouso eterno
Ser de seu mesmo movimento a causa?
Ou desde a Eternidade o Globo escuro,
Em que habíto, existio? Deve a existencia
Por ventura a fatal necessidade?
Sómente sem apoio existe o Nada;
Se existe sem esteio hum corpo, hum Globo,
Igual ao Nada na existencia o vejo.
Eis dos sofistas vãos o engano, o erro:
Nem tanto se abysmou cego Espinósa!
Que ser dentro do circulo espantoso
Da Natureza sem apoio existe?
Chamem embora est' alma que me anima
Accidente, ou substancia; estranha força
Existencia lhe deo: que braço externo
Lhe pode dar ou vida, ou movimento?
Qual o Ser antr'ior que a chamma accende?
Acaso o corpo tem divina essencia?
Ah! Tudo na materia argúe principio,
Tudo lhe márca, e determina origem.

He indigente, he pródiga, e continuo
Vai recebendo bens, e os bens difunde.
Esta terra que habito, ha pouco escura,
Era informe, e sem graça, e hoje polida
Já fecunda, mil dons do seio entórna:
O movimento, a agitação, que observo,
Não se encerravão, não, no esteril seio,
Não posso conceber mais que em ropouso
Profundo, imperturbavel, a materia:
A' primeira impulsão docil acóde.
Com sopro estranho só Primeira Causa
Agitou, promovêo molas occultas;
Eis donde nasce a vida, o moto nasce.
Eis destruido o Mundo de Epicuro.
Quando á vista se mostra Eterno Agente
O Acaso se destróe, o Acaso he Nada.
Pôde hum tempo, assim he, vendar os olhos
Do indolente Epicuro, e impor ao vulgo....
Mas o Acaso o que he? Simples effeito,
Ou simples producção de ignóta causa;
A ignorancia o creou; o Acaso he filho
D'huma obstupefacção, que se apodéra
Do entendimento opáco, obscurecido,
Que o vôo ousa alongar por esta immensa
Dos Seres quasi incognita Cadeia,
Desde o ponto primeiro ao ponto extremo.

Condição do mortal, mesquinha, e triste!
De causa em causa vôa, e absorto pára
No ponto em que começa assombro, e espanto,
E bráda: Assim cahio! O Acaso he este!
E o grão poder porque subsiste o Mundo
Naquillo existirá, que obriga o homem
A suspender-se extatico, e confuso?
Desconcerto fatal do Entendimento,
Quer tudo decidir, e ignora tudo!
Quer em tudo reinar, e arrasta ferros!
O circumfuso Nada o aperta, e fecha,
O infinito lhe foge, e ousa arrostallo?
Tudo he materia, exclama, e tudo Acaso;
E não pode a materia o dom sublime
Dar-se a si de pensar; maxima impressa
No fundo da minh' alma. E donde nascem
De meu entendimento a luz, e os raios?
He inerte a materia, e seu repouso,
Lethargo repouso he della effeito.
Daqui não vem do Espirito sublime
O sublime poder, que só n'hum ponto
Vôa, sóbe, penetra este Universo.
Que prodigio inaudito! Então seria
O effeito inda maior, que a propria causa!
E pode acaso a mónada fechada
De huma breve atmosfera entre os limites

Voar, qual vôa o espirito, esquivar-se
Dos sentidos ás rispidas cadêas?
E abrir os Ceos com penetrantes raios?
Ir buscar no passado illustres feitos?
Com alma luz romper trevas profundas,
Que escondem dentro em si futuro incerto?
Fazer surgir do túmulo as Sciencias?
E dos tempos fixar a immensidade
N'hum ponto? E pode concentrar-se todo
Em profunda abstracção, pélago immenso
Onde mais de huma vez entra, e naufrága?
Podem acaso os Atomos unidos
Inda que em móto, rapido, e constante,
Conhecer, devisar degráos profundos
Que abstracta Metafysica calcúla?
Ah! Delles não procede ancia contínua
De huma infinita sólida ventura;
A sempre ardente, interminavel sede,
Que pede, e busca um Deos que a farte, e estanque!
Tudo annuncía hum Creador supremo;
A Natureza o diz, minha alma o sente;
A virtude o precisa, ella o declára,
Ficára para sempre o crime impune.
Este horroroso escandalo do Mundo,
Este crime de purpura vestido,
Que até de escravos Reis tributo exige,

Me vai mostrando hum Vingador eterno,
Que da Justiça a lei salve, e sustente.
Hum Deos me mostra o virtuoso ignóto
Na sombra do silencio, e da pobreza,
Que outro esteio não tem mais que a virtude.
O premio que merece, hum Deos publíca.
Existe, existe hum Deos, seu nome o próva;
Quem o nomêa o sente. Em vão discorro;
Onde falla, onde clama a Natureza,
Calla, emmudece espirito facundo.
Brilha a meus olhos lucida verdade,
Se acaso escuto a voz do sentimento,
Chego, voando á tenebrosa origem
Dos erros, cuja somma, e pezo immenso
Aggrava, opprime os miseros humanos,
Qual espraiado mar vasto, e profundo
Cobre de hum pai primeiro a infausta próle;
Mas por cima das ondas procellosas
De hum Deos aboia a crença eterna, e pura:
Esta brilhante luz que os Ceos abrange,
Qu'enche a Terra, enche o Mar, e inflamma os Entes,
Vai no berço datar do Mundo, e Tempos.
Inaccessivel aos sentidos, nasce
Da força da razão, que entra em si mesma.
Nos corações se nutre, e se sustenta.
Os sopros da soberba, e da ignorancia,

Que do seio das trévas produzirão
Da *Natureza* enfatico *Systema*,
Não lhe commovem solidas raizes:
Mais que o Cedro no Libano frondoso
Da tempestade zomba; o raio insultão
Da altiva planta os troncos magestosos.
Intactos, ao volver de idade, e idade,
Sobre a roda dos séculos vorazes
Vicejão mais, e mais. Imperios fógem,
Fogem nas azas do voluvel Tempo,
Seu Templo está de pé, firma no seio
Da invariavel Natureza as bases.

A estupenda união d'Entes diversos
Me vai mostrando hum Deos, e hum Deos existe
Sem que o faça o terror, o engano o finja;
Deve, deve a si mesmo a origem sua,
Não aos erros mortaes d'hum crime effeitos;
No seio da impostura hum Deos não vejo.
Vive em meu coração, eu nelle o encontro;
Alli sem véo se móstra, alli fulgúra,
Onde tem Natureza imperio, e throno.
Sem a crença d'hum Deos, que cousa he Mundo?
Fatalidade, labyrintho, abysmo,
Onde accordes serão virtude, e vicio;
Onde o Injusto com pé soberbo, iniquo,
Impunemente a fronte esmagaría

*

Do tranquillo mortal sincero, humilde;
Onde prezo á cruel necessidade
Se apagára o temor que prende, e liga
O Despotismo audaz, torpe licença,
E a, que não morre, vívida esperança,
Que inda entre ferros a innocencia alenta,
A doce humanidade, almo deleite,
Que tão suaves sensações despérta
Em nosso coração. — Eia suspende
Sobre as provas moraes, Musa, teus vôos,
Fertil campo, assim he; mas nelle as flores
Tu não podes colher, com que te ennastre
Enthusiasmo férvido as grinaldas.
Talvez que a educação, talvez que as luzes,
Que a humana sociedade accende, e nutre,
Despertem no mortal sublime idéa
De hum Deos Omnipotente, Author de Tudo!
Não vem da educação. Vejo entre as brenhas
Onde da Europa a luz, da Europa os ferros
Inda imperio não tem, Tapuia errante,
Sem ter Patria, nem lar: medita o crime;
Quando pendente está proximo á queda,
Hórrida luz lhe reverbera n'alma,
Confuso sentimento o aterra, e assusta:
Patentêa-lhe a luz o horror do vicio;
Hum gelado temor lhe mostra o effeito.

Quem despede os reverberos de fogo?
Quem o turva, o commove, o assusta, o prende?
Tardos fructos não são da sociedade;
Não he da educação falso principio.
Errante, e só no bosque, elle não sente
Mais que a cega, e fatal necessidade
Da guerra atroz, que o pasto lhe grangêa;
He livre, ignóra as leis, e o jugo ignóra;
Só elle he para si justiça, e freio.
Mas ah! que dentro em si respeita, escuta
Huma voz, que o sustem! Junto ao delicto,
Rebombo d'hum trovão, qu' interno brâme,
Com feio espanto o coração lhe aperta:
Ah! que dentro em seu peito hum Deos s'esconde,
Mostra-lhe aos olhos luminoso espelho,
Onde todo descobre o horror do crime,
Descobre hum vingador, que o raio accezo
Tem, prompto a desfechar, na dextra irada.
Que cousa he Natureza? Impio Systema,
Que com ella confunde hum Deos supremo!
A visivel, eterna Intelligencia,
Não he da Natureza effeito, he causa.
    Se eu deixo o coração, se eu fóra delle
Quero hum Deos conhecer, que alto, e sublime
Resplendente espectáculo deviso
Na eterna relação dos Entes todos!

Os prodigios dos Ceos á Terra o mostrão,
E aos olhos dos mortaes o mostra a Terra;
Hum Deos se manifesta, hum Deos se acclama.
Pode sentir hum cego a imagem sua!
Nesse infinito circulo de tantos
Principios, que entre si se unem, s'estreitão,
Não se descobre hum fim? Não luz, não brilha
Sempiterna, profunda Intelligencia,
Quando os meios lhe adapta, e lhe conserva?
Não ha mão que sustente, e que dirija
Estupenda harmonia, aurea cadêa
De milhões e milhões de accezos globos,
Que pelo espaço indefinito ondêão,
Em seu natural pezo equilibrados?
Vemos prestante maquina, que marca
Do movimento na medida o tempo;
A mente absorta subito conhece
Ser nobre producção de hum déstro engenho.
Se em clima estranho, em mar desconhecido,
Ao navegante audaz se offerecesse
Ilha deserta, praia inhabitada,
E alli no meio de tufados bosques,
Sobre marmoreo pedastal lavrado,
Visse de fino pórfido huma estátua,
Obra das doutas mãos de Grego artista;
Qual he de Belveder o Delio Apollo,

Qual se nos mostra hum Hercules Farnesi,
Qual se admira de Médicis a Venus;
Súbito vira que a deserta praia
Fora n'hum tempo habitação de humanos,
Que hum Fidias, hum Leucippo, hum Praxitélles,
A respirante móle ao ar erguera;
E o pertinaz Athêo cego, insensivel
Poderia dizer que o méro Acaso
Arrancára de bruta penedia
Dest'arte affeiçoado aquelle apuro
Da mão de Miguel Angelo, ou Bernini?
E que outro acaso sobre a base firme
O portentoso simulacro alçara?
Oh! soberba mortal! oh cego orgulho!
Hum coração corrupto offusca a mente,
Indócil ao clamor da Natureza,
Da verdade ao clarão desvia os olhos!
Quando contemplo a fabrica pasmosa,
Terrena habitação d'alma, que pensa,
Vejo hum supremo Author; basta a continua
Constante successão, vigilia, e somno;
Se a noite escura e triste o manto estende,
Se me affugenta a luz, repouso, e durmo;
Tão necessaria pausa ao frágil corpo!
Silencio, escuridão, da morte imagem,
Me vão trazendo o somno, irmão da morte.

Inutil ao repouso o Sol já surge,
Da Natureza o quadro anima, e móstra,
Abre ao grande espectáculo meus olhos;
Elles buscão os Ceos; e os Ceos encontrão.
Oh sabia alternativa! O cego acaso
Deste fluxo, e refluxo as leis não dicta;
Effeitos são de eterna Intelligencia;
Forçado a conhecella, o Pantheista
Da infinita substancia a julga hum dóte
Inseparavel da extensão corpórea
Visivel, e invisivel do Universo.
Luminosa razão supplanta os erros,
E hum Deos, de tudo Author, conhece, e móstra,
A cuja vóz omnipotente surge,
Do nada universal, substancia extensa.
Prodigio inda maior eu palpo, eu vejo;
Substancia extérna o estomago digére,
Muda em minha substancia hum succo estranho,
Dilata o coração, fórma o meu sangue:
Força me outorga, o cerebro me anima;
Hoje do claro rio as agoas puras
Me refrigérão no fervor do dia;
Cresce meu sangue, as ondas invisiveis
Já carregão de espiritos meus nervos;
Mais flexiveis, e elasticos os tornão:
Menos voltas nas veigas deleitosas

Vai formando o Meandro crystallino,
Do que elles dão no organico composto.
Da fragil vida a têa estalaría,
Se do marcado circulo aberrassem.
Que mão, que sabio Author dirige o gyro?
Se a vista pelos Ceos diláto, e sigo
De tantos corpos a diversa marcha,
Que parecem na abobada pendentes,
Que tanto sobre mim se arquêa, e brilha;
Se eu considero o ar, puro elemento,
Cuja interna estructúra em si conserva,
E encerra em si da luz brilhantes raios,
Que a terra enche de viço, e esmalta as flores;
Que nutre o canto dos Orfeos volantes,
Das innocentes, lisonjeiras Fadas,
Que as emoções sentimentaes despértão
Dentro em meu coração..... Se o ar destérro,
Se anniquilallo intento; a Natureza
Empobrecida subito parára,
Sem fructos, sem calor, languida, e morta.
Quem fórma as relações, e o laço estreito,
Que une, prende, sustem corpos diversos?
Quem d'eterno commercio as leis lhe dicta?
Porque motivo os Ceos, e os Astros todos
Em tão vasta extensão gyrando, animão
Hum só ponto subtil, que á vista escápa?

Porque motivo este átomo, perdido
Dos Seres no Oceano, he elle hum Mundo,
E sempre agente habitação da vida?
Exacta proporção, compasso exacto
Reina nos membros seus; jámais se altera
De invariavel movimento a marcha.
Em seus vasos, e humor, quantas se agitão
Quasi impalpaveis legiões de insectos?
D'outros Seres tambem, morada, alvergue!
He este o mecanismo, as leis são estas
Dos Mundos que produz, que expõe brilhante
De Fontenelle activa fantasia.
Nas mais remótas órbitas dos Astros
O ar, que se dilata, e abrange os Entes,
O vivo fogo, os marmores gelados,
Mundos, Mundos tambem no seio encerra.
Todos tem vida, e movimento, e brádão
Que existe hum Ser, hum Deos omnipotente,
Cuja mão produzio, regula, e móve,
Tantos Mundos sem fim, prodigios tantos,
Ligados sempre com pasmósa têa.
Seu clamor incessante em mim despérta
A profunda attenção, qu' observa, admira,
N'arquitectura do Palacio immenso,
A infinita bondade, a força eterna
Do Soberano Artifice de tudo.

Profano Mirabaud, que ousas impresso
O sinete de Athêo trazer na face,
Escuta, escuta a voz da Natureza,
Que contra o teu Systema se reforça
Dentro em teu coração: dalli te clama
Que existe hum Deos eterno, e os Ceos o dizem;
Ouve o clamor do Ceo, vê seus prodigios.
A Terra que te nutre, e que tu pizas,
O ar que teus pulmões dilata, e móve,
Inda quando sacrilego conjuras
Contra o Divino Author, que rege o Todo,
Conspirão contra ti: por toda a parte
Te vão mostrando hum Deos. Esta harmonia,
Este da Natureza eterno brádo,
Não he, quaes somos nós, sujeito a engano;
Uniforme clamor dos Entes todos,
Isentos de paixões, isentos de erros.
Vê scintilar brilhantes meteóros,
Vê no Polo que o gêlo ao Norte opprime,
Novas Auroras, fulgurantes globos,
Que pelos ares fluidos discorrem;
D'hum Dominante universal conhecem
A mão, o imperio, a lei; se elle não fôra,
Tu as viras correr, cahir na Terra,
Qual raio accezo, e reduzilla a cinzas.
Tu vês o vasto mar, bravo, espumoso,

As denegridas ondas se levantão ;
Lá vem , lá corre liquida montanha ,
De cem trovões o estrondo iguála , ou vence.
Rebrama a praia, os solidos penhascos
De branca espuma coroados sôão ;
Tudo annuncia misero naufrágio ,
Da Terra a subversão ; em tanto a vága
Sente invisivel braço , e se suspende ;
Já sem furia recúa , e a Lei respeita ,
Que eterna lhe prescreve a mão do Eterno :
Encadeado o mar , submisso , e quêdo ,
Na presença de hum Deos abate a sanha.
Se o quadro do Universo hum Deos exige ,
Se hum Creador supremo os Ceos publicão ,
Quem delle a Magestade , e delle o Throno
Me pode descrever ? He Deos sómente.
,, Eu sou quem sou :,, extatico Profeta
Esta voz lhe escutou entre as ardentes
Chammas que a Çarça incombustivel cercão.
Não soberbos Filosofos de Athenas
Co' a razão vacillante , e incerta sempre ;
Mas prodigios sem fim , prodigios clamão.
O Egypto os vio , e o Nilo envolto em sangue ,
Trévas , que ao Sol oppôem noite continua ,
O mar , que se divide , o mar , que fóge ;
D'hum lado , e d'outro as liquidas muralhas ,

Vão entestar co' as nuvens, e descobrem
Ao povo immenso, e attónito, a passagem;
Mas juntando-se subito sepultão,
Perseguidor exercito soberbo.
Eis árido deserto, eis espantoso
Ermo alagado em tórridas arêas;
O Ceo lhe nega a chuva, a terra as fontes;
Mas além surge rígido penhasco,
Cuja escalvada fronte, ao Sol opposta,
Nem tapiza, nem cobre o verde musgo:
Da fatidica vára a hum leve tóque
Eis se fende, eis burbulha, eis corre a lynfa,
Que a ardente sede ao povo refrigéra:
De adustos areaes no vasto oceano,
Uniforme planicie, horrenda, e triste,
Não tem baliza as Legiões, que sigão.
Se a tenebrosa noite estende as azas
Pelo seio dos ares dilatados
Accezo globo, e fulgurante ondêa;
Tocha, que a sombra universal desterra;
Celeste conductor, que a estráda aponta.
E, quando surge o Sol, se apaga a chamma,
E nuvem carregada os passos guia
Pelas medonhas regiões da morte.
Suffocante calor tórra as campinas,
Nem brota a verde planta, ou vinga o fructo;

Nos braços da penuria o Povo espira ;
O Ceo despede subito o sustento ,
Doce chóve o maná : volvem-se os annos ,
Milagroso manjar jámais s'estanca ;
Prodigios immortaes que hum Deos publicão !
Revelação celeste hum Deos me mostra.
Só ella em magestade hum Deos retráta
E á soberba razão silencio intíma ;
Frouxa , debil razão , que isso que ignóra
Impossivel julgou ; se não comprende
Como do Nada eterno os Entes surjão ,
(Que delirio !) suppoz materia eterna !
Com quanta pompa , quanta magestade
Cosmólogo Profeta hum Deos publíca !
Fez hum aceno ao Nada , o Nada he tudo.
Emmudecei , Filosofos do Mundo :
Newton feche o compasso , attento escute
A voz do Sempiterno; ella he repouso
A' cançada razão. Prodigios tantos
São as provas de hum Ser , de hum Deos principio.
    Se orgulhosos espiritos se abysmão ,
Deve o Supremo Artifice infinito
Proporcionar-se ao debil raciocinio ?
Circunscrever-se o tumido Oceano
Todo no seio de pequena Concha ?
Tu pizas , Diderot , tu vez a Terra ,

Pelo espraiado mar teus olhos lanças,
Seus principios incógnitos se escondem
A's Luzes da razão, tudo he mysterio:
A existencia dos Seres se descobre,
O effeito he sempre visto, a causa ignóta.
Indocil presumpção recusa hum jugo;
Mas a despeito da soberba entende
O misero mortal, que elle nascera
Sómente para obrar; não he seu dóte
Té do que palpa, e vê, saber as Causas;
A Sciencia o deslumbra, e sempre illude
A infatigavel, vívida esperrança.
Na eterna ocilação repousa, e pára,
Quando á fonte dos bens, da luz á fonte,
Que só Revelação no Mundo espalha,
Adora o resplendor de hum Ente Eterno,
No seu regaço a Fé descança immóbil!
A minh' alma socéga. Hum Deos conheço
Que só pode os desejos infinitos
De meu peito abastar. A Natureza
Me leva, me conduz ao Throno augusto,
E nesta vásta máquina deviso
Da vista do Immortal gravado hum raio.
Sobre as azas da Fé minha alma surge,
E nova luz á Natureza outorga.
Moysés, Moysés fallou, e hum Deos o inspira;

Vou seguindo esta voz, e eu subo aos Astros:
Talvez possão dizer-me, onde se eléva
O Throno magestoso, o Throno augusto
Daquelle, a cujo aceno elles gyrárão.
Quão longe estou da Terra! Eis se esvaéce
Engolfada no ar.... Enthusiasmo,
Pára, detem-te aqui.... admira hum pouco
Ceo que outro Ceo circunda, e todos cheios
De immensa luz, revérbero brilhante,
Que outros Soes fulgentissimos derramão.
Inda me alongo mais; rapido vôo
Mais que a fuga do rápido Cometa
Me leva pelos Ceos onde não chega,
Nem fugindo por séculos, hum raio
Do fulgurante Sol. Do espaço eu tóco
A extremidade incógnita aos humanos,
Onde a luz desfalléce, onde se perde
De orgulhosos Filosofos o estudo.
A congerie dos Ceos, dos Soes, do Todo
Hum ponto se me antólha, e brilha apenas
Qual Aeronauta vê d'alem das nuvens
Assomar no horizonte a argentea Lua,
Toda envolta no eclipse, em véo sombrio.
O que espaço não he, nem he materia
Além do immenso circulo dos Mundos,
He Throno, onde se assenta Eterna Causa.

Eis o Deos que a Moysés inspira, ensina,
Author da Natureza, Author de Tudo;
Aos degráos de seu Throno a Fé se eleva,
Vai da razão seguida humilde, e muda;
Filosofia he só docil escrava
Da Luz, que revelada illustra os homens.
Sobre hum Throno immortal preside, existe
O que existe por si: seu nome sôa,
Ergue-se Newton, curva-se a seu nome.
Sem Deos em quem repouse o homem se perde,
A Creação mysterio impenetravel
Ficará para sempre á mente humana.
São confusas hypotheses, problemas
Tudo o que Roma disse, e ouvira Athenas.
Sobre as ruinas das Sciencias todas
Alça a voz hum Profeta, e explica tudo:
(Oraculo immortal, minh' alma abastas!)
,, Creou Deos no principio os Ceos, e a Terra. ,,
Mortaes, eis a verdade, o mais... delirio.
Não rompe o Entendimento a sombra escura
Do Nada, onde o Senhor continha os Entes;
Da confusa razão frágil compasso
Não pode medir tanto. Amaina as véllas
O vogante baixel da Intelligencia
Quando, ao chegar dos terminos prescriptos,
Co' este immenso Oceano entesta, e pára.

Hum Deos assim fallou ; de hum Deos, que falla,
Em prodigios sem fim descubro as provas.
Se repugna á razão materia eterna ,
Hum Deos lhe deo principio, hum Deos a chama
Do Nada , e repentino o Nada he tudo.
Na perenne fluxão da Eternidade
Deos hum ponto marcou, e existe o Mundo.
E, se do immenso espaço a essencia ignóro ,
Deos o espaço formou ; já nelle os Astros ,
A' voz do Eterno Author , scintillão promptos ;
O moto lhes prescreve ; a lei lhe escutão ,
E nas prescriptas órbitas se móvem ,
Té que á voz do Immortal suspenda o Tempo
As , que teve até agora , immensas azas.
Chama as Constellações , no espaço brilhão ;
No lugar que lhes deo , inda hoje existem ;
Arde aqui Berenice , além nas frias
Plagas do Norte as Ursas , não banhadas
Nas inquietas ondas do Oceano ,
Fanaes , que estão mostrando o Polo aos olhos
Do Navegante intrepido nas ondas.
Na parte opposta a fulgida Corôa
Pelo Antarctico Ceo fulgura acceza.
Manda sorgir Zodíaco brilhante ;
Eis subito apparece , e traz no seio
Globos , Astros de luz , e á voz suprema

Pelo espaço s'estende, o espaço cinge
No portentoso circulo, que fórma;
Doze porções iguaes marcão seus signos,
Por onde os olhos crêm que o Sol brilhante
Absolva a regular supposta marcha;
Ao longe os claros Ceos, ao longe o Espaço
Mil thesouros de luz guardão no seio;
Porém a Terra opáca, inerte, e fria,
Do Sol, Astro central, inda não sente
O fogo animador, clarão suáve,
Que fórma o dia, o Mundo afformosêa.
Eis chega o quarto instante; o Sol scintilla:
Traz n'huma nuvem d'ouro a frente envolta;
A nuvem se rasgou., mostra-se o Mundo.
No Firmamento subito se espalha
Nova luz, nova pompa; ao longe os Globos
Formão em torno delle o gyro eterno,
Que incessante produz a opposta força.
O Sol os chamma a si, do Sol se apártão,
E assim descrevem regulares curvas.
Aos desertos do espaço a ellipse estende
Este, e gyrando vai frôxo, e tranquillo;
Outro quasi envolvido, e quasi immerso
No grão disco do Sol se mostra aos olhos.
Entre elles corre a Terra escura, e triste,
As leis universaes dos Globos segue,

*

Que obedecem ao Sol qual centro , e fóco ;
No vario moto seu fórma as diversas
Fecundas Estações ; constante volta ,
Que he brádo da existencia , he próva eterna,
Que hum Saber Immortal preside ao Mundo.
Do seu amor , da Providencia sua
Foi o Globo da Terra objecto , e termo.
Em grandeza , ou volume a vence Urano ;
He menor que Saturno , e inda que Jóve ,
Que de claros Satéllites se escoltão ;
He maior o clarão do indocil Marte ,
Do pensativo Astronomo tormento.
Só parece menor Mercurio , e Venus ;
Mas assim mesmo escura os Ceos a invejão.
Deos a manda surgir , e he massa inerte ,
He d'aspecto uniforme , e muda , e fria ;
Mas á voz do Immortal se esparge a vida ;
O seio se lhe rasga , o mar fluctúa.
Da plana superficie os montes sóbem :
Alguns co' a fronte altiva as nuvens rasgão ;
D'outros borbulhão crystallinas fontes ,
Que , pouco a pouco em rios engrossadas,
Vão fugindo da terra aos turvos mares.
No revolto Oceano , ond' hoje as ondas
Furiosas mugindo aos Ceos se lanção ,
Quaes montanhas d'espuma , ond' hoje os ventos

Como implacaveis Déspotas pelêjão,
A paz então reinou; Zéfyros meigos,
Pelos ares subtís equilibrados,
Da liquida campina a face encrespão.
Conduz seu doce assopro as salsas ondas,
Tocão brandas na praia, e brandas fógem.
Do Rei universal dos seres todos
He núa a habitação, nenhuma pompa,
Nenhum manto soberbo a enroupa, e véste:
Ella mesma o produz, o Eterno o manda,
A força vegetal se desenvolve,
De hum verde perennal se arrêa, e cobre:
De fresca relva os campos se tapizão;
E, subito rompendo as brandas flores,
Ao ar elevão cályces mimosos,
D'onde encantados hálitos derramão.
Ondeão sem cultura as louras messes,
De plantas colossaes se cobre o monte,
Alça entr' ellas a cóma o Cedro altivo,
Cruzão-se enlação-se os virentes ramos,
Formão tufado bosque, e a sombra entórnão,
Asylo ao pensador, asylo ao Vate.
Menos soberbas arvores se cobrem
Entre flores gentís de opímos fructos,
Que prestes colherãõ Seres mais nobres.
Eis a Terra fecunda, eis os thesouros,

Que no immudavel germe inda persistem.
Surge maior prodigio, os Ceos risonhos
Devisão nova scena, objectos novos.
Eis de Seres organicos se cóbre
A fecundada Terra; eis nova vida
Nos espontaneos movimentos mostrão.
A fórma he varia, o numero infinito.
A formosura, o tálhe, o gesto... assombrão!
O soberbo quadrupede campêa,
E bate a terra, e corre impetuoso.
O ignorado reptil seu corpo arrasta
Em complicados, tortuosos gyros.
Brandas Aves no ar se agitão lédas,
E se equilibrão nas voluveis azas;
Do nativo elemento o imperio deixão,
E a mais extenso fluido s'entrégão.
Segue-lhe o vôo ao longe o insecto aládo,
Bem como flor que os Zefyros desprégão;
Insano atrevimento! Eis cáhe prostrado,
De nada vale a côr que as azas vestem!
O mar profundo, e vasto, os peixes córtão;
Numerosos exercitos de Seres,
Das ondas Cidadãos, na especie varios.
Entre os entes organicos, que tómão
Lugar, que a lei na Creação lhes déra,
Inda aos Ceos não dirige a fronte augusta

Humana Creatura ; inda debalde
Pelo terreno alvergue os Ceos fitávão
A'vidas vistas , que o Monarca buscão.
Eis subito apparéce , e sobre o Globo
Movendo magestosamente os passos ,
Seu poder annuncia , e sceptro empunha :
Na frente ingenua , e livre , hum raio assôma
Da substancia immortal ; resurte viva
Dos olhos seus celeste intelligencia :
Pelos labios de purpura desliza
Doce , brando surriso : os Entes todos
No Mortal pensador seu Rei conhecem ;
Traslado he do Senhor , e imagem sua ;
Feliz se o não levasse atroz soberba
A querer ser rival ! Nunca descera
Do Sólio á escravidão , do Sceptro aos ferros !
Ethereo sopro a maquina dirige ,
Assopro animador , simples , e activo.
Produzido huma vez , eterno existe ;
Pensa , prevê , recorda-se , reflecte ;
N'hum ponto sóbe aos Ceos , desce n'hum ponto :
Cogitação perenne essencia he sua :
Imperceptivel laço ao corpo o prende ;
Na mesquinha prizão rasteja o Eterno ,
Té que , solto huma vez , retorne aos Astros.
Tal foi do braço do Motôr Eterno

Extrema producção, e ultimo esmêro.
Na grande maravilha hum Deos conheço,
O quadro do Universo o móstra aos olhos;
Verdade reveláda as sombras vence,
Que o circunscripto entendimento ennoitão.
Tudo reclama hum Deos, tudo o publíca,
E, desde o berço ao tumulo do dia,
A Terra, o Mar, os Ceos, bradão, que existe.
Deo leis á Natureza, e as leis subsistem.
Materia, Espaço, Movimento, e Tempo
Pende do aceno seu. Co' a voz sómente
Tirou do Nada a maquina do Mundo;
Invisivel, presente, abrange o Todo:
He sua duração a Eternidade.
Deste circulo immenso o centro he tudo,
E os limites s'escondem no infinito.
Produz a seu sabor a tempestade,
Do mar amotinado enfreia a sanha;
E seus decretos immudaveis guião
Do raio estragador rodeio, e golpe.
De seu imperio á voz, morrem, renascem
O dia, a noite, as estações, os annos.
Só elle esmalta nos viçosos prádos
A tenra flor; encurva, e doura as messes.
Elle no rico Outono aos doces fructos
Perfeita madurez, sabor reparte.

Desde o vasto Elefante ao Vérme humilde,
D'Aguia volante ao paludoso Insecto,
Tudo consegue movimento, e vida,
Ou tudo se confunde, acaba, e perde:
Se Elle hum aceno faz, se a fronte inclina,
Se o sobrôlho carrega, os montes fumão,
Inflammão-se os Volcões, vacilla a Terra.
E, se a face serena ao Mundo amostra,
A pintura dos Ceos se aviva, e brilha.
   Por onde quer que volvo absorto os olhos
Vejo presente hum Deos, sua luz fulgura,
E meu spirito attónito o descobre.
Dentro em si mesmo abrange, enche, e penetra
A immensa Creação, no alto Empyreo
Envolto em luz se assenta em Throno Eterno,
E sua gloria, e magestade ostenta.
A humilde relva, que tapiza o prado,
O monte que se eleva, e se corôa,
Como o soberbo Caucaso, de neve,
E esconde a planta no profundo abysmo;
A branda viração, que entre arvoredos
Co' a leve pluma susurrando brinca,
O fulgurante Sol que n'alta cima
Dos Ceos, ardendo, anima este Universo,
Me clamão, que no fogo ethereo, e puro
Brilha do Sol, que sobre os roucos ventos

Co' as incançaveis azas voadoras
Cruza desde o Occidente á plaga Eóa;
E sobre o monte alpestre, alcantilado,
Vejo seu Throno: seu poder admiro
No sopro animador, que aviva as Plantas:
Da Immensidade sua o Todo he cheio.
Do invisivel Insecto ao Elefante;
Desde o impalpavel A'tomo ao Cometa,
Que tantos pelos Ceos decorre espaços,
Sinto a presença sua. A' tréva escura
O fundo horror outorga. Os véos nevados
Talha á doce manhã, e a rosea frente
D'ouro, e de acceza purpura lhe tinge;
Quando dos Ceos a Primavera desce,
E traz no seio a juventude ao Mundo,
Das matizadas, e viçosas flores,
Eu, absorto, o respiro entre os perfumes,
Que os orvalhados calyces derramão.
Quando inflammado Sirio o fogo entorna
Entre as fecundas palidas espigas,
Eu lhe sinto a presença, o ardor mitiga.
E, se então corro ao bosque emmaranhado,
Na sombra está presente, e alli respiro,
E sente alivio o espirito abatido.
Religioso medo alli me turva
O peito palpitante: a voz lhe escuto;

Habita no silencio , e nelle o adóro.
Do mar nas frias , espumantes ondas
Vejo estendido o Braço omnipotente ;
Os ventos chama , ajunta , esparge , e sólta ;
A seu imperio entréga o vasto Oceano ;
Faz-lhe hum aceno , as iras lhe encadeia.
Em toda a parte está presente , em toda ;
Até nos véos tristonhos , e pezados ,
Com que a sombria noite os Ceos nos tolda.
He tanto o Deos do A'tomo ignorádo ,
Quanto he do accezo Sol ; tanto do insecto ,
Que o lodo vil esconde , e a planta piza ,
Quanto he do Anjo que o seu Ser adóra.
Igual dos Querubins escuta os hymnos ,
Escuta a voz do tenro Cordeirinho ,
E ouve os rugidos do Leão sanhudo.
Os homens são seus filhos , e obras suas ,
O Tartaro , o Laponio , o Indio inculto ,
O tostado Africano , o audaz Tapuia ,
São homens , são mortaes , e imagens suas ;
Nelles o adoro , o vejo , o admiro , o temo.
　　Meditação profunda , eia , suspende
O vôo audacioso , hum Deos achaste ,
Console-se a razão , calle-se o impio ,
Dos Systemas no pélago se abysme :
A simples inspecção da Natureza ,

Ao pensador só basta, hum Deos encontra.
Este grande espectáculo me prende
No Mundo, alheio ao Mundo, ignóto aos homens,
Entre o sévo clamor da guerra insana, (1)
Dando sinceras lágrimas á Patria,
Surdo á voz da ambição, surdo á lisonja,
Da fama, da avareza; eu gózo, eu tenho
Thesouro, a cujo aspecto se esvaécem
Os thesouros dos Reis, dos Reis a gloria,
Se mudo, e solitario entre arvoredos,
Onde não chega estrépito profano,
Que rompa o magestoso, alto silencio
Que escolta a Natureza, o quadro immenso
De suas producções, vejo, e contemplo.
Se ha na vida mortal prazer sincero,
He este o meu prazer, he gloria, he tudo.

(1) Este Poema foi composto (como já fica notado, e aqui me parece justo lembrar) por todo o decurso da Revolução Franceza; e he preciso que isto se conheça, para que se precebão as continuadas allusões que em todo elle se encontrão a este horroroso objecto. Se o Poema houver de passar á Posteridade, saiba-se a E'poca do seu nascimento; por isso se julgou que se devião conservar tantos, e tão multiplicados Quadros nesta segunda Edição, que o Author preparou, e concluio hoje 7 de Outubro de 1817.

Com elle surjo sobranceiro ao Mundo ,
Suavissimos extases me alheião
Da terrena morada , e absorto vejo
A Cadeia immortal que os Seres une ,
Desde o Ente principio , ao Vérme ignoto.
Tal foi a doce Bemaventurança ,
Que o primeiro mortal gozou primeiro.
Quando os olhos abrio , e os pôz na vasta
Campina azul dos Ceos , e os pôz na Terra ,
Antecipou-se a possessão do Elysio ;
Em sua alma assomou da gloria hum raio ,
Ouvio-se a vez primeira a voz das Musas ,
Elle o Vate primeiro: em almos hymnos
Subio ao Throno do Immortal seu brádo ;
Até depois que o pavoroso Crime
A seu mando forçou do Inferno as portas ,
Embargadas as lágrimas lhe ficão
Nos tristes olhos , se o pomposo , e vasto
Quadro da Natureza hum pouco encára.
Contemplação sublime! Ella me accende
Impetuoso Enthusiasmo n'alma ;
He este unico Livro , onde medito ,
Onde estudo , onde sei ; elle a meu Canto
Dá força , dá vigor , pompa , harmonia ;
Elle ao consorcio do supremo Nume
Neste desterro a estrada me franquêa.

Posteridade, és tu quem sobre a campa,
Que ha de fechar-me hum dia as cinzas tristes,
O Sello me has de pôr da gloria, e honra,
O gume has de embotar da Inveja, e Odio,
Que eu tranquillo Filosofo desprézo.
Tu sempre imparcial, tu sempre justa
Darás valor ao porfiado estudo,
Que a sombra deste século não préza.
Eu te saúdo já : se, quaes nos dias
Do Decimo Leão, sabios surgirem,
Que ás Musas dêm valor, que o douto escrito,
Que outro typo não vio mais que a Verdade,
Nem mais modelo quiz que a Natureza,
Dentre as sombras, e pó desentranhárem,
O nome acclamarão do homem, que soube
A's Musas dar emprego, á Patria gloria.

FIM DO QUARTO E ULTIMO CANTO.